

54

6212

completo

124

N. 1 - junho - 83.

LUCROS E PERDAS

~~Antonio de Almeida~~

**A situação liberal. Uma de suas encarnações.
A emancipação dos escravos. Obrigatoriedade e liberdade de ensino. Theorias historicas e escolas litterarias no Brazil.**

Por mais que se não queira fallar dessa cousa estranha que se chama a politica brazileira, é impossivel abrir a boca para dizer uma palavra sequer sobre o pobre imperio americano, sem esconjurar desde logo a lepra que se lhe agarrou ao corpo, como inveterada syphilis aos ossos de velho devasso.

Deixemos para o lado as antigas datas, envergonhemo-nos ante os acontecimentos recentes; para cobrir-nos de pejo, bastam elles; basta-nos me-

morar os erros, os despropósitos, as miserias da ultima situação politica inaugurada em Janeiro de 1878... O paiz tem sido testemunha dessa dança macabra, mais extravagante do que a *valsa dos demonios* do grande lyrista Dranmor .. Dizemos mal, a nação tem testemunhado esse *fandango* repulsivo em que os grandes chefes do partido liberal têm cambaleado dos erros para as protervias, das tolices para os engodos da *advogacia administrativa*... Ha seis annos que o espectáculo nos contrista. E são elles os homens da *reforma ou revolução*, que devemos agora chamar—da *mentira e da contradicção*, são elles os notaveis protogonistas em scena. Não agitáram uma só questão importante ; não resolvêram um só problema auspicioso ; ceváram-se de presumpções e debatêram-se esterilmente entre os interesses occultos e as preocupações pequeninas. Não souberam formular uma lei de reforma eleitoral, porque a que nos offertáram é manca e desconchavada ; não puderam resolver a questão dos impostos provinciaes, porque as decisões levadas pelo telegrapho só têm produzido a anarchia ; não atináram com a reforma do ensino, porque até aqui não têm passado dos pareceres *in folio*, dos projectos *a retalho* e dos congressos *in fieri* ; não pudêram ultimar o codigo civil, porque

até aqui não têm passado das commissões *mudas* ; não discutiram o negocio das Missões, porque andam ainda hoje com medo dos couraçados argentinos ; nada resolvêram de serio ; mas fizeram o *contracto do gaz*, o *convenio da Copa-Cabana*, a *patuscada Xingú*, e decretaram no parlamento a innocencia do Sr. Sinimbú nos negocios do Banco Nacional... Oh isto fizeram elles !

Levados de erro em erro, acantoados na impotencia, chegaram ao ponto de não poderem organizar ministerios viaveis ; chegaram ao ponto de desejarem a propria quêda, e trazerem-nos a chegada dos conservadores, seus dignos irmãos em erros e disparates !

O paiz vai muito mal ; cada situação politica que se inaugura é um immenso *fiasco* que se prepara.

Não temos politicos de merito, não temos estadistas de valor ; estamos em pleno reinado da mediocridade e da pequenez.

Povo e governo não se entendem aqui ; consideram-se duas forças antagonicas, em estado de completa polaridade. D'ahi, a concepção especial que da politica formam os proprios figurões e dos mais conceituados dos nossos dous partidos.

A politica a todos faz a impressão de uma região maldicta, de uma gemonia onde a suffocação nos asalta.



E como poderia ser de outra fôrma, se os proclamados directores do pensamento nacional, se os decantados factores de nossa historia são os primeiros à laborar nas velhas formulas e a repetir as futilidades correntes ?

Documentemos.

O Sr. conselheiro e senador Francisco Octaviano de Almeida Rosa, n'um dos rarissimos e mais recentes trabalhos devidos á sua penna, escreveu isto : « . . . sahio-me ao encontro a *politica*, a *infecunda Messalina*, que de seus braços convulsos pelo *hysterismo* a ninguem deixa sahir senão quebrantado e inutil ; veio-me ao encontro, arrastou-me para *suas orgias* . . . etc. »

Posta de lado a entonação rhetorica, a empola phraseomaniaca do velho escriptor, sempre resta-nos ahi um triste documento moral e intellectual do Sr. Octaviano.

Moral, porque má copia fornece de si o illustre

senador, que ha trinta annos ou mais atufou-se nas *Orgias* da infecunda *Messalina*, tem nellas galgado posição e honrarias, é lá chefe de bando, é guia e mestre, e ainda não deu ao paiz a satisfação de vê-lo sahir daquella festança indecorosa ; intellectual, porque S. Ex. confessa assim a esterilidade de seus planos, a inutilidade de suas idéas, se é que algum dia os teve. Sejamos francos : o Sr. Octaviano é um pobre e triste romantico, um espirito esteril e vazio, incapaz em todo tempo de emprender qualquer cousa de profundo e vivo em politica ou em litteratura é uma natureza sem relevo, um homem gasto, que representou durante trinta annos uma figura equivocada em nossas lutas politicas e sociaes ; é um estadista sem planos, um diplomata sem normas, como foi um jornalista sem vida, um poeta sem ideal.

Pertence áquella classe de romanticsos byronianos, para quem a politica é uma pescaria ao destino, um jogo á ventura, uma negociata eventual, um arranjo em que vamos tentar fortuna, fazer carreira, segundo a phrase da moda.

Que um critico desabusado, um espectador, livre de preconceitos, que de nossa politica tem apenas o conhecimento das grandes indignidades que nella

se praticam, venha chama-la de *Messalina*, concebe-se. Mas que um factor dessa politica, um diplomata, um senador, um chefe de partido, um homem de Estado, um acclamado mestre, venha dizê-lo, eu não comprehendo. O Sr. Octaviano, quer elle queira quer não, é, na sua propria phrase, um dos grandes amantes da *hysterica Messalina* . . .

Elle não entrou nella como um *matuto* do interior, algum *coronel* senhor de *engenho*, só pelo gosto de ser vereador, ter uma patente da guarda nacional, ou alguma *commenda*. S. Ex. entrou na politica e em nossas lutas sociaes como um homem de letras, um publicista cheio de esperanças e de talentos, como apregoaram os seus admiradores de sempre. E então por que não empreendeu a politica ao theor de um espirito culto e desinteressado? Por que não vio nella a sciencia da vida nacional a que os homens de talento e character são obrigados a levar o seu contingente em prol do progresso e do futuro?

Quaes foram jámais os seus planos, os seus estudos, as suas lucubrações sociaes?

Foram e são ainda um enyigma insondavel. Na politica ou se entra em nome de um principio, de um programma serio, de um alvo fecundo e rea-

lisavel, ou não se toma parte nella definitivamente.

E' esta a razão por que todos os grandes vultos, todos os notaveis estadistas, todos aquelles que se batêram em nome de um systema, de uma causa em bem da patria, nunca se arreponderam de seus esforços, quaesquer que tivessem sido as agruras do caminho. E' por isso tambem que todos aquelles que vêem na politica apenas uma vasta especulação, e nella ingeriram-se sem ideal, sem vistas elevadas, ao cabo de tempos recuam espavoridos, arreliados, desilludidos.

Então começam as queixas, as queixas infundadas, estereis, ridiculas.

Quando e como o Sr. senador Octaviano bateu-se em nome de nobres idéas? Como e quando elle fez a grande politica progressiva e scientifica? Como e quando elle lutou por fazer vencer seus planos, suas maduras convicções? Nunca e de fórma alguma. No meio de nossos politicos mais notaveis elle occupa posição terciaria. Nunca o vimos á frente do Estado levando a effeito uma nobre idéa; temo-lo todos visto em sua banca de advogado, dando impulso a poderosas empresas e a notaveis clientes. Nunca esteve á frente da

administração, mas tem ás vezes estado á frente da advocacia administrativa. ●

Se, como pensa o illustre conselheiro, tudo está podre, se o Imperio se afunda, se a *Messalina em seu hysterismo*, ostenta a corrupção e a infamia, se os projectos alevantados do digno senador não podem ir por diante, pela conspiração da torpeza, qual a razão por que S. Ex. não rompeu ainda as velhas relações, não esmagou da tribuna do senado os embaraços que se lhe oppõem, não castigou os criminosos, e não abriu novos horizontes á vida nacional? Sua posição é commoda; mas não é brilhante. E' com o homem intelluctual a nossa questão e julgamos o caso liquido.

E já agora, não nos despedimos de S. Ex. sem juntarmos alguns traços mais á sua caracteristica.

O Sr. Octaviano passa ainda hoje por poeta, jornalista, orador, diplomata e notabilidade politica. Descordamos de todo de semelhante pensar.

O illustre senador é para nós apenas uma das mais nitidas encarnações do espirito do segundo reinado no Brazil. A primeira de todas, como é natural, é o proprio Imperador, a segunda é S. Ex. Têm ambos alguns pontos de contacto.

D. Pedro é um sabio sem descobertas, e S. Ex. um

escriptor sem livros ; D. Pedro occulta-se por trás dos ministros, para governar ; o nosso senador esconde-se atrás dos homens que dá por si ; o Imperador, ao que se diz, gosta mais das lettras do que de seu officio de reinar ; o Sr. Octaviano tem saudades de suas effusões litterarias e finge amaldiçoar a politica que o arredou da poesia . . . Emfim, ha entre elles uma certa rivalidade de intelligencia, manifestada desde os tempos escolares ; porque ambos têm a mesma idade, e o Sr. Octaviano era o *tutú* do joven principe, quando este não sabia bem as suas lições. « *Olhe, V. Magestade que o filho do Almeida Rosa vai muito bem, e até está passando nos estudos a V. M.* » diziam os professores do paço, segundo nos affirma um velho daquelles bons tempos.

Filhos da mesma época, obedecem ambos, *mutatis mutandis*, á mesma intuição, nutrem-se dos mesmos preconceitos e são victimas dos mesmos enganos.

O Sr. Octaviano é sómente com vezes mais culpado ; porque D. Pedro está no seu papel de rei, e S. Ex. não devia jámais esquecer as suas virtudes plebeias. O Imperador deve ser mudo, e foi equiparado aos loucos pela Constituição ; e S. Ex., que não é *inviolavel nem irresponsavel*, tem ás suas

ordens a tribuna e a imprensa para dar largas ás suas idéas e ao seu patriotismo.

Mas o nosso senador gosta de deixar-se ficar nas regiões mysteriosas do silencio e das meias palavras. Como poeta é um anonymo nocivo, producteur de traducções incolores e sem prestimo, ou de ligeiras peças lyricas, quasi sempre em alexandrinos errados e sempre sem força e sem delicadezas. No jornalismo floresceu na época de transicção entre Justiniano da Rocha e Quintino Bocayuva, isto é, symbolisa uma decadencia. É um escriptor palavroso, rhetorico, amaneirado e sem idéas. Não tem calor, não tem vida; é fluente, mas de uma fluencia mortica, pallida e doentia. Só produz ligeiros fragmentos; porque é incapaz de tomar uma idéa, uma doutrina e desenvolvê-la em todas as suas faces. Sua phrase não tem colorido, nem tem nervo, é flaccida e molle como as bochexas de um velho. É prodigo em pequenos escriptos de encommenda ou cartas elogiativas. Em todos elles é sempre vago e pobre de doutrina e concepções. Acabamos de verifica-lo relendo os fragmentos postos á frente do *Primeiro Reinado* do Sr. Veiga, e dos *Vóos Icarios* do Sr. Moniz.

Entre os diplomatas, o Sr. Octaviano é simples-

mente um intruso. Seu grande feito é o *tratado da triplice alliança*. Oh! o tratado da triplice alliança!...

Como orador, o nome de S. Ex. não é citado senão ás occultas entre os rapazes dos collegios.— Na politica o nosso *estadista dá homem por si*, e distingue-se por nunca ter governado.

Quando acabaremos com semelhante farça, a farça ridicula de crear pobres legendas, e quando nos esqueceremos do *velho mytho do Sr. Octaviano Rosa na politica e nas letras brazileiras?*

Ha tambem uma *mythologia litteraria*, e o Sr. Octaviano é nella um Deus. Metamos-lhe o ferro da critica e deitemos por terra o velho idolo.



Passemos a outro assumpto e mais momentoso:
a emancipação dos escravos.

Não somos suspeitos de espirito revolucionario
nem reaccionario, no tocante a tão inilludivel pro-
blema.

Já tivemos sobre elle uma formidavel discussão
pela imprensa. Então combatemos o velho ponto
de vista conservador que nos aconselha a immo-
bilidade na admiração da lei de 28 de Setembro
de 1871; profligámos igualmente o projecto do
Sr. Joaquim Nabuco de marcar á instituição ser-
vilo tempo de 10 annos, e repellimos tambem a idéa
da emancipação de chofre, decretada e imposta pelo
Estado aos proprietarios. Sustentámos a doutrina
da emancipação autonómica e popular pela inicia-
tiva particular.

E' o systema adoptado depois pelo Ceará e é o
que tem produzido os melhores fructos.

Agora cumpre-nos voltar a estas idéas e amplia-las.

Ainda hoje permanecemos firmes em crer que a opinião que então sustentavamos é superior ás que repelliámos. A doutrina precisa apenas de mais algum enlarguemento.

A iniciativa particular, formando em torno de si uma immensa corrente de opinião, esta tem de impor-se ao governo e provocar de sua parte alguma medida forte e segura. Ha quatro annos que a questão tem sempre sido discutida e estudada ; foi este o seu periodo inicial e de propaganda. Agora, cumpre-nos ir adiante e impor ao governo que circumscreva e reduza o mais possivel a pestilenta instituição, apressando-lhe a morte. Proibição do trafico interprovincial e intermunicipal, adstricção do escravo á terra e ao senhor, prohibição completa do commercio de captivos ; cessação da herança delles, em todos os grãos ascendentes e collateraes, e sómente o seu reconhecimento no descendente em primeiro grão, com pesados impostos (que devem aliás cercear esta propriedade por todas as faces possiveis) ; determinação de uma idade além da qual o captiveiro acabe, etc., etc.

Taes medidas são urgentissimas : ou ellas virão,

ou a emancipação immediata e imposta não se fará muito esperar.

Preparemos a solução prudente desse problema social, o mais serio que nos tem sido dado enfrentar em nossa vida de povo semi-culto. Mostremo-nos dignos de alcança-la, já que os escravos não tiverão ainda a indispensavel energia para no-la impor á força. Seria esta a solução heroica. Para affastar de nós esse heroismo, que nos seria duro, sejamos prudentes e descartemo-nos o mais breve possivel do ignominioso legado.

As medidas lembradas no discurso da coroa este anno são muito limitadas e lacunosas. A pobreza do governo liberal ostenta-se ahi pasmosa. São palliativos, são recursos imprestaveis ; é um *pis aller* de estadistas sem vistas e sem alcance.

Redobrar de esforços nesta questão é o dever de todos.

Deixemos os governos mesquinhos atrás, entregues á propria confusão e miseria, e prosigamos.

Nada de tréguas, todas as armas são licitas nesta luta.

E, entre outras, preparemos a instrucção popular, tornando efficaz a obrigatoriedade do ensino primario e a liberdade plena do secundario e superior.



Não cremos que seja ainda hoje necessario defender theoreticamente o salutar principio da obrigatoriedade do ensino primario.— E' uma questão julgada e que passou ao dominio da pratica.— *Facta loquuntur.*

O principio da obrigatoriedade do ensino é uma das conquistas mais esplendidas da civilisação moderna.— A antiguidade e a idade média, que não tinham uma intuição muito justa da solidariedade humana, não podiam deixar-se imbuir das nobres aspirações de altas tendencias democraticas e cosmopoliticas.— O saber, o grande operario da confraternidade contemporanea, não era tido em mui elevada conta ; era mesmo desdenhado por certas classes, e, portanto, não pederia jámais tornar-se obrigatorio. As nações modernas, com a descoberta e desbravamento de regiões inteiras desconhecidas, com a fundação de nacionalidades novas, com o augmento pasmoso da população, com a de-

crepitude das velhas organizações militares, com o advento de industrias desconhecidas, viram surgir um grande numero de problemas urgentes, iniludiveis, e comprehendêram que na lucta pela existencia os seus cidadãos não teriam de então em diante a contar só com o braço : seria necessario contar antes e acima de tudo com a idéa. Dahi—a alta conta em que foi tida a instrucção ; dahi—como arma de aperfeiçoamento e de lucta, o ensino obrigatorio. A nação illustre, que se pôde considerar o grande modelo em materia de educação intellectual, a Prussia, é a notavel mestra do ensino obrigatorio.

Desde os tempos do grande Frederico, a instrucção publica prussiana entrou nesse caminho evolucional de amplo e auspicioso desenvolvimento, Esmagada em 1806 pelos exercitos francezes, foi, como geralmente se repete, ainda á instrucção que soccorreu-se aquelle povo para reerguer-se. O resultado foi, o que todos sabem, o engrandecimento constante da patria de Humboldt, sua marcha de victoria em victoria até Sédan....

Não foi por certo exclusivamente á obrigatoriedade do ensino que a Allemanha deveu os seus triumphos.

Mas á sua educação modelo deve ella grande parte

de suas vantagens. Abriguemo-nos a este exemplo, e tambem ao dos Estados-Unidos, Suissa, Dinamarca e Inglaterra.

E se taes modelos não nos convem, por serem de povos protestantes, pertencentes ás raças germanicas, gentes do norte, abriguemo-nos ao exemplo recente fornecido pela nossa *adorada* mestra, a França, a que devemos sempre e sempre obedecer.

As objecções oppostas á obrigatoriedade do ensino primario, taes como offensa á liberdade dos cidadãos, ataque ao direito dos pais, etc. achamo-las tão futeis, que as não julgamos dignas de resposta.

Os meios praticos de tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino são de tres ordens : sua gratuidade aos pobres ; a diffusão de escolas por todo o paiz ; especialmente nos centros mais populosos, e a imposição de penas aos pais, tutores, protectores, etc. que não mandarem á escola seus filhos, pupilos, protegidos, etc.

Estas medidas justificam-se por si mesmas. A diffusão das escolas é uma condição indispensavel para legitimar a exigencia por parte do Estado. Se elle impõe a obrigação de aprender aos subditos, é obvio que deve facilitar a acquisição do ensino. A gratuidade para os pobres acha-se nas mesmissimas condições. Na Europa, em paizes onde abunda o pau-

perismo, além da gratuidade, os governos e municipalidades distribuem ás crianças desvalidas roupas, livros e utensilios indispensaveis ao ensino. Para isto provoca-se a creação de commissões escolares com certos fundos, etc. A gratuidade para os ricos parece nos dispensavel. Quanto ás penas, devem ser: multas, perda de certos direitos politicos, e prisão, em casos de tenaz reincidencia. Pertence ao tino e perspicacia do legislador graduar convenientemente, attentas certas circumstancias praticas, a maior ou menor intensidade dessas penas.



Se existe these discutida em todos os sentidos rebutalhada por todas as faces, é a da liberdade do ensino, o que não priva aliás que corram mundo ainda á sua conta certas idéas erroneas. Algumas noções capitaes, e entre ellas a principal de todas, —o que seja a propria liberdade de ensino— ainda não sahiram completamente do ninho das noções obscuras: Sobre o ponto em questão se nos deparam antes de quaesquer outras, duas soluções :—a brasileira e a prussiana. A theoria inconscientemente admittida no Brazil sobre liberdade de ensino é puramente exterior, não penetrando no amago dos factos; é altamente nociva e de todo erronea.

Essa liberdade consiste no poder de cada um, *quem quer que seja*, ensinar, conforme os systemas e programmas *formulados pelo governo* . . . Este modo de resolver a questão é meramente exterior, porque não desce a levar a liberdade até á *materia* e ás *doutinas* do ensino e refere-se sómente ao pessoal docente, a quem aliás não se podem habi-

litações. E' nocivo, porque, ás mais das vezes, consagra á ignorancia o direito de ensinar, a qual-quer individuo, não preparado, o poder de estragar intelligencias. E' erronea, porque não pega o problema por sua face principal. Justamente o inverso da doutrina allemã. Na Allemanha não existe liberdade de ensinar no sentido de quem quer que seja, qualquer *parvenu*, poder leccionar. Só pôde alli ensinar quem está inteiramente habilitado, quem tem instrucção demonstrada, e, á vista das provas, obtem autorisação do governo. Se ha, porém, este afastamento da ignorancia, deixa-se por outro lado uma immensa latitude ao professor, quanto aos methodos e ao que toca á natureza das doutrinas. O professor allemão é uma força autonómica; sua classe é estimada, sua carreira offerece attractivos e a sua preocupação principal é desenvolver a elasticidade latente dos espiritos, formar as faculdades de exame, preparar o character de independencia da razão, e por isso o pedagogo allemão está sempre a repetir — que a lettra mata e o espirito vivifica.

Nós não entendemos assim: supponhómos, para o nosso uso de povo das exterioridades, que devemos rebai-
kar o ensino, pondo-o ao alcance de ser exercido

pelos ignorantes, comtanto que illusoriamente o declaremos patrimonio de todos, e mostremos ao mundo pomposos programmas, sempre revistados pelo governo !... Nada de profundeza e autonomia da intelligencia: decorem-se formulas, escravise-se o raciocinio, aprendam-se inutilidades, fuljam as douraduras apparentes, impere o charlatanismo, e tudo está feito .

Ora, nós o perguntamos, qual dos dous methods qual das duas soluções da questão é mais exacta, mais verdadeira, mais progressiva? A resposta não póle ser duvidosa, mesmo para os espiritos obceados.

Entendemos, portanto, que o dever de nosso governo, se elle quer bem servir o paiz, é tornar effectiva e amplissima na lei a liberdade completa e radicalissima de doutrinas e methods no ensino, deitando por terra as compressões de um supposto ensino official, por um lado, e por outro, para que esta liberdade seja uma realidade, levantar a classe do magisterio, offerecendo-lhe mais attractivos e maiores garantias de independencia, exigindo-lhe em troca instrucção solida.

Neste terreno temos já alguma liberdade, ainda que bastante lacunosa, que é preciso manter e

ampliar. O ensino entre nós não é, nunca foi, senão nos tempos coloniaes, o privilegio de uma classe.

Hoje a carreira do professorado está aberta a todas as capacidades.

Esta liberdade deve ser sempre mantida em cursos particulares e penetrar fortamente nos cursos officiaes, mas sem estorvos, sem pês de qualquer especie.

O ideal em materia de ensino seria que o Estado não se envolvesse nelle, deixando esta funcção pura e exclusivamente aos particulares. Ou seja por vicios de educação, ou por qualquer outra causa, nós não alcançamos ainda essa altura. Apezar da faculdade concedida ha alguns annos por lei, o ensino superior é e tem sido até aqui exclusivamente fornecido nas escolas do Estado ; o primario, quasi todo, acha-se nas mesmissimas condições, distribuindo-se nas escolas do Estado ou das provincias. O ensino secundario abre uma excepção bastante honrosa ; mas, mesmo ahi, a ausencia do Estado está muitissimo longe de ser uma realidade.

Procuremos desenvolver o espirito de iniciativa neste ramo da actividade nacional ; derroquemos todas as antigualhas, todos os estorvos : quem sou-

ber que ensine, e ensine o que quizer e como quizer.

E as doutrinas perigosas? perguntarão naturalmente.

E quaes são as doutrinas perigosas? Serão as theorias philosophicas e scientificas? Ellas modificam-se com as phases diversas que a humanidade atravessa, e não ha poder nenhum politico que as possa obstar. Serão o *amor livre*, o *mormonismo*, o *espiritismo*, a *feiticaria*? Contra estes bastaráo o bom senso publico e a livre concurrencia. O correctivo para o máo professor é collocar um bom ao lado d'elle.

Em resumo :

A liberdade de ensinar refere-se ao pessoal a quem se concede esta facultade e diz respeito tambem ás doutrinas a transmittir. Somos de parecer que em relação á primeira parte, isto é, ás habilitações dos professores, o Estado deve conservar o seu direito de intervenção, usando d'elle com o maximo criterio; quanto á segunda, não é da sua competencia julgar de doutrinas. Para aquilatar da capacidade do professor, basta-lhe submittê-lo ao exame de pessoas illustradas e de todo insuspeitas. Para avaliar dou-

trinas fallece-lhe todo o criterio e começa a imperar o capricho ou o prejuizo.

Outro assumpto.

Tudo e qualquer problema litterario ha de ter no Brazil duas faces principaes : uma geral, e outra particular, uma influenciada pelo momento humano, e outra pelo meio nacional, uma que deve attender ao que vai pelo mundo, e outra que deve verificar o que póde ser applicado ao nosso paiz. A litteratura no Brazil, a litteratura, em toda a America, é um processo de adaptação de idéas europeas ás sociedades do Continente. Esta adaptação, nos tempos coloniaes, foi mais ou menos inconsciente; hoje, tende a tornar-se comprehensiva e consciente. Da imitação tumultuaria, do antigo servilismo mental—queremos passar á escolha, á selecção litteraria e scientifica. A darwinisação da critica é uma realidade tão grande quanto o é a da biologia. A poderosa lei da concurrencia vital por meio da selecção natural, a saber, da adaptação e da hereditariedade é applicavel ás litteraturas, e á critica incumbe comprová-la pela analyse dos factos. A hereditariedade representa os elementos estaveis, staticos, as energias das raças, os dados fundamentaes dos povos é o lado *nacional* nas litteraturas.

A adaptação exprime os elementos moveis, dynamicos, humanos, transmissiveis de povo a povo; é a face geral, *universal* das litteraturas. São duas forças que se cruzam, ambas indispensaveis, ambas productos naturaes do meio physico e social.

Tal a razão por que todo poeta, todo romancista, todo dramaturgo, todo critico, todo escriptor brasileiro de nossos dias tem a seu cargo um duplo problema, e hade preencher uma dupla funcção, deve saber o que vai pelo mundo culto, isto é, entre aquellas nações européas, que immediatamente influenciam a intelligencia nacional, e incumbe-lhe tambem não perder de mira que escreve para um povo que se fórma, que tem suas tendencias proprias, que póle tomar uma feição, um ascendente original. Uma e outra preocupação são justificaveis e fundamentaes. Se é uma cousa ridicula a reclusão do pensamento nacional, em umas pretensões exclusivistas, se é lastimavel o espectáculo de alguns escriptores nossos atrazados, alheios a tudo quanto vai de mais palpitante no mundo da intelligencia, não é memos desprezivel a figura do imitador, do copista servil e fatuo de toda e qualquer bagatella que os paquetes nos tragam de Portugal, ou de França....

Para que a adaptação de doutrinas e escolas europeas ao nosso meio social e litterario seja fecunda e progressiva— é de instante necessidade conhecer bem o estado do pensamento do velho mundo e ter uma idéa nitida do passado e da actualidade nacional.

Eis o grande problema, eis o ponto central de todas as tentativas de reformas entre nós, e eis por onde eu quizera que começassem todos os portadores de novos ideaes para o Brazil, todos os transplantadores de novas philosophias, de novas politicas, de novas escolas litterarias. E é o que não vejo; é o que ainda não se fez.

Não é mais do que ter lido por acaso Zola, ou Daudet, ou Rollinat, o que é o caso de poucos, porque o troço immenso de nossos *litteratores* ainda não passou de Ramalho, de Junqueiro, ou de Eça de Queiroz! ... não é mais do que ler um ou outro destes estrangeiros e atirar com elles á cara do paiz, como se tudo estivesse feito!.. Estas cousas não são tão faceis como á vadiagem letrada apraz suppôr.

Por isso nunca é demais proceder de vez em quando a rapidos exames de consciencia e ver a quantas andamos no meio das mutações fugaces e rapidissimas do espirito contemporaneo.

Se fosse aqui o lógar apropriado, poder-se-hia dizer alguma cousa das diversas theorias da historia do Brasil, e, pelo estudo deste problema, comprehender a successão das escolas litterarias entre nós.

Indicarei sómente os lados mais salientes do assumpto.

As principaes theorias da historia do Brazil são a de Martius, a de Buckle, a de Theophilo Braga, a de Oliveira Martins, a dos discipulos de Comte e a dos sectarios de Spencer. Ficam ahi enumeradas em sua ordem chronologica.

O celebre botanista bavaro Carlos Frederico Philippe de Martius preparou em 1843 uma dissertação sob o titulo *Como se deve escrever a historia do Brazil*. (1)

Nesse pequeno trabalho, um dos mais interessantes que temos lido, devidos a pennas estrangeiras, sobre o Brazil, Martius abriga-se ao grande principio moderno das nacionalidades, colloca-se n'um ponto de vista ethnographico, e indica em traços rapidos os diversos elementos do povo brasileiro. Os selvagens americanos e os seus costumes e aptidões psychologicas, os negros africanos e seus habitos, os

(1) Vem publicada na *Revista Trimensal do Instituto Historico*, n. 24 de Janeiro de 1845.

portuguezes e suas vantagens de gente civilisada, tudo isto deve ser interpretado escrupulosamente, porque de tudo isto é que sabio o povo brasileiro.

E' exacto ; resta apenas que se nos diga como é que estes elementos actuaram uns sobre os outros e produziram o resultado actual.

Em uma palavra, a theoria de Martius é puramente descriptiva ; ella indica os elementos ; mas falta-lhe o nexo causal, e isto seria o principal a indicar-nos. E' uma concepção *manquée*.

O afamado autor da *Historia da Civilisação na Inglaterra*, apparecida em 1857, occupou-se do Brazil detalhadamente (1). H. T. Buckle, como é sabido, divide as civilisações em primitivas e modernas, predominando naquellas a acção das leis *physicas* sobre o homem, e n'estas sendo o inverso a verdade.

As civilisações antigas desenvolvêram-se nos paizes onde as condições de vida eram faceis, nas peninsulas, á margem dos grandes rios, onde eram abundantes o *calor* e a *humidade*. Só o Brazil para o

(1) Vide *History of Civilization in England*, vol. 1º. pag 101 a 107, edição de Londres de 1872. Nos *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira* fui o primeiro a refutar os erros de Buckle.

philosopho inglez abre uma excepção á regra ; por causa dos ventos alizios, das *chuvas torrenciacs*, dos *miasmas*, etc., que tornam aqui a natureza superior ao homem !

Dahi, para o escriptor britannico, umas tantas cousas, e entre outras, a falta de uma civilisação primitiva brazileira, e ainda hoje, seguudo sua dura phrase, o nosso *inveterado barbarismo* .. Esta doutrina, além de ser falsa na descripção geral do clima brazileiro, é em demazia exterior; é cosmologica de mais. Em sua pretenciosidade de explicar puramente pela *physica* do globo as civilisações primitivas e actuaes, é incompleta e esteril. Ainda quando a determinação das condições mesologicas do Brazil fosse exacta, e absolutamente não o é, havia uma distancia, e não pequena, a preencher : a acção do meio nas raças para aqui immigradas, tomando certa e determinada direcção forçosa e fatalmente e não outra qualquer. E' um circulo vicioso ; explica-se o clima pela civilisação e a civilisação pelo clima.

Ahi ha lacuna; atiram-nos phrases ao rosto, suppondo que nos encham a cabeça de factos.

Theophilo Braga não teve por alvo consciente escrever uma theoria da historia do Brazil; fez uns reparos sobre a marcha litteraria deste paiz, e nada

mais. E' no prologo do *Parnaso Portuguez Moderno*, reproduzido ampliadamente nas *Questões de Litteratura e Arte Portugueza*, (1). Braga acredita que o lyrismo da Europa meridional teve uma origem commum. Esta fonte geral foram populações *turanas* descidas da alta Asia, divididas em dois grandes grupos, um que fez viagem pelo norte da Europa, e outro que a fez através da Africa, vindo ambos convergir ao sul da Europa.

Na America deu-se uma semelhante marcha de povos *turanianos*. A brachycephalia do basco francez e a dolychocephalia do basco hespanhol, provam o facto para a Europa. A supposta dolychocephalia das raças da America do Norte e a pretendida brachycephalia geral das da America Meridional, demonstrem o phenomeno para o novo continente. Tudo isto é muito largo e tambem muito aventuroso ; póde ser tudo uma immensa verdade, mas não está nada provado; assenta em presumpções, e acha-se mesmo em desaccôrdo com factos demonstrados.

A hypothese de Thephilo Braga, d'antes em

(1) *Questões de litteratura e arte portugueza*—de pagas. 18 a 20.—O artigo é de 1877.

parte formulada por Varnhagen, para ser aceita, deveria justificar os seguintes factos :

a) o *monogenismo* das raças humanas e sua origem commum na Asia, o que não é nada facil, no estado actual da sciencia e diante justamente dos trabalhos de Paulo Broca, que o escriptor portuguez chama ás vezes em seu auxilio (1).

b) a *veracidade* da *triada* de Max Muller que os povos do mundo se dividem em *aryanos*, *semitas* e *turanos*, empreza difficil ante a linguistica dos povos uralo-altaicos, americanos, polynezios, africanos, etc.

c) a *immigração* dos *turanos* para a America.

d) a *reducção* dos povos deste continente a esse ramo unico ;

e) a *ausencia* entre as tribus do Brazil daquelles conhecimentos *metalurgicos* e *astronomicos* que passam pelos caracteres mais notaveis da civilisação turana ;

f) enfim, demonstrar a *identidade* do desenvolvimento das raças americanas e asiaticas, um

(1) Vide na Revista de Antropologia de Broca os admiraveis trabalhos sobre o *monogenismo* e *polygenismo* das raças humanas e sobre a *hybridacão*.

impossível a olhos vistos. Antes que se haja feito o que ahi indicamos, tudo que se disser sobre a these do *asialismo* dos povos americanos é pintar n'agua ou escrever na arêa. « A America, diz o homem que melhor conheceu a pre-historia do Brazil, o Dr. Lund, a America já era habitada em tempos em que os primeiros raios da historia não tinham ainda apontado no horizonte do velho mundo, e os povos que nessa remotissima época habitavam nella eram da mesma raça que os que no tempo do descobrimento ahi habitavam».

Estes dous resultados na verdade pouco se harmonisam com as idéas geralmente adoptados sobre a origem dos habitantes desta parte do mundo, pois que, quanto mais se vai afastando a época do seu primeiro povoamento, conservando no mesmo tempo os seus antigos habitantes os seus caracteres nacionaes, tanto mais vai-se desvanecendo a idéa de uma origem secundaria ou derivada. (1).

O sabio Lund prosegue, provando com as suas descobertas archeologicas, a differenciação cada vez mais crescente entre os povos brazileiros primitivos e as raças chamadas mongolicas, á medida que afastamo-nos dos tempos modernos.

(1) Revista do Instituto. n. 23, de Outubro de 1844.

Desapparecem assim o velho estribilho de uma pretensa cultura dos povos do Brazil, que, por immensas catastrophes, retrogradáram, e a enfadonha these do mongolismo, *ces ridicules robinsonades*, como disse um sabio europêo.

O encontro de um ou outro artefacto ceramico, mal estudado, no valle do Amazonas, é um facto isolado, muito diverso do que devia dar-se no resto do paiz; é, antes de tudo, um facto explicavel pela proximidade da civilisação do Perú, ou da America Central, ou das Antilhas.

Quanto distava a sobriedade do grande Lund da afouteza charlatanesca de uns pretenciosos nossos conhecidos que andam aqui no Brazil a dizer que os Tupis eram os *Carios*, ou os *Normandos*, ou os *Mongóes*, ou os *Phenicios*, e não sei mais que povos que colonisáram a America !

E' possivel uma certa intermittencia na arte entre os povos amazonenses, phenomeno cem vezes repetido no curso da historia de todas as artes. O que prova isto? O turanismo? Uma velha civilisação brasileira? Absolutamente não.

Os estudos scientificos sobre as raças americanas começam apenas no Brazil. Reduzem-se por ora a pequenos trabalhos sobre craneologia, linguistica, e

archeologia artistica e industrial. Não existem ainda factos demonstrados; os materiaes são mesmo ainda limitadissimos; entretanto, já temos duzias de theorias para explicar a origem dos Tupis-guaranys!...

Eu não quero contestar um tal ou qual conhecimento pratico de nossos pretendidos *savants* sobre um ou outro assumpto referente aos selvagens; mas é tal a falta de senso critico, tal a ignorancia dos modernos processos de linguistica, de ethnographia, de mythographia, etc, tal a incapacidade philosophica de alguns desses *savants*, que os seus escriptos merecem ir para o fogo. Appellam para os Chinezes, para os Polynezios, para os Japonezes, os Tartaros, os Carios, os Egypcios, os Phenicios, os Normandos, os Judeos, o diabo, para filiarem os pobres Tupis... Andam á cata de theorias como Paturot á busca de fortuna... Querem uniformisar tudo, buscar para tudo um similar no velho mundo. Uma boa interpretação dos factos leva-los-hia, por certo, a conclusões diversas.

Acabariam com a mania de reduzir a um typo unico as raças americanas, e ao mesmo tempo veriam nellas um producto deste solo; reconheceria migrações diversas entre os povos do continente; comprehenderiam melhor a semi-cultura

antiga do valle do Amazonas, sua filiação á cultura identica dos caraibas das Antilhas, e tantos outros factos simples em si e obscurecidos por fantasiosos systemas. Uma das marchas migratorias dos antigos povos americanos, que parecem mais esclarecidas actualmente, é a de uma corrente de norte a sul, partindo das Antilhas, das costas da America Central e da actual republica de Venezuela, e chegando ao interior do Brazil, estacionando vastamente no valle do Amazonas.— O estudo comparativo das antiguidades das Antilhas e da região do Amazonas demonstrará definitivamente o facto.

No valiosissimo escripto de Oti. T. Mason, inserto no *Annual Report of the Smithsonian Institution*, do anno de 1876, sobre as antiguidades de Porto-Rico, immensos são os pontos de contacto entre os productos alli descriptos e aquelles que se encontram no Pará. Despertam especial attenção os amuletos representando animaes, figuras humanas, etc, fabricados de materias diversas, e especialmente de uma pedra verde, semelhante ao jade, *of green jadelike material*, diz o Dr. Mason. São evidentemente as *muyrakitans* do Amazonas. Dentro mesmo da America acham-se os elementos

para a explicação do que se encontra ao norte do Brazil. Desprezemos de uma vez as theorias fantasiosas e que lembram o velho *biblicismo*.

Concedendo, porém, tudo, admittindo a identidade das origens do lyrismo portuguez e tupinambá, como quer Theophilo Braga, o que dahi se poderá inferir para a philosophia da historia brasileira ?

Nada. A these do notavel escriptor portuguez é puramente litteraria e não visa a uma explicação scientifica de nosso desenvolvimento social.

Oliveira Martins, em seu livro—*O Brazil e as Colonias Portuguezas* enxerga todo o interesse dramatico e philosophico da historia nacional na luta entre os jesuitas e os indios de um lado e os colonos portuguezes e os negros de outro. Uma semelhante dualismo é em grande parte de pura fantasia, e, no que tem de real, não passa de um facto isolado, de pouco valor e duração, phenomeno cedo esvaecido, que não póde trazer em seu bojo, como um segredo de fada, toda a latitude da futura evolução do Brazil. E' um simples incidente de jornada alçado á categoria de principio geral e dirigente; é uma dessas syntheses futeis com que certos novelistas da historia gostam de nos presentear, de vez em quando.

A theoria do positivismo *religioso* sobre a nossa

historia é mais generica e comprehensiva. Fallo em positivismo *religioso*, porque elle se me antolha o unico exacto, logico e inteiro. O comtismo é aquillo, ou não é nada.

O *schisma* de Littré foi esteril, illogico e anarchico.

Littré estava por certo no direito de ir com o mestre até onde quizesse ou pudesse ; o que não tinha era o direito de ridicularisa-lo. Eu não sou positivista ; acho o comtismo um systema atrazado e compressor, que faz uma figura apoucada ao lado do associonismo inglez e do naturalismo allemão. Se de Comte sahiram Littré e Lafitte, de Darwin destacáram-se Spencer e Hackel, e eu não vacillo na escolha ; mas julgo que a seita dos *orthodoxos* é superior á dos outros.

Pelo menos, são aqui muito mais activos, mais profundos, mais disciplinados.

Comte não escreveu directamente sobre o Brazil ; seus sectarios nacionaes Teixeira Mendes e Annibal Falcão — desenvolveram o que elles chamam a *Theoria da Patria Brazileira* (1)

(1) Vide—de Teixeira Mendes *A Patria Brazileira*, Rio de Janeiro, 1881. De Annibal Falcão,—*Formula da civilização brazileira*, no *Diario de Pernambuco*, ns. 46 a 50,

Meu plano neste rapido trabalho não exige a exposição detalhada das vistas contidas nos escriptos citados desses dous esperançosos moços. Basta-me resumir. A patria brasileira é uma patria *colonial*, pertencente ao grupo das patrias *occidentaes*. Logo ao sahir da luta hollandeza, o Brazil reunia em si as condições de uma patria: — solo continuo, governo independente e tradições communs. O destino brasileiro pôde formular-se assim: « o prolongamento americano da civilisação iberica, a que cada vez mais se assimilaram, até reunificação total, os indios e os negros importados, ou os seus descendentes. »

Na guerra hollandeza triumphou definitivamente o elemento iberico, representante da civilisação latina; dest'arte, o Brazil escapou á acção dissolvente da Reforma e do deismo, e está em melhores condições para adoptar a doutrina *regeneradora* do que os Estados-Unidos, por exemplo. E' isto em essencia.

O que é verdadeiro não é novo, e o novo não é verdadeiro. Que o Brazil é uma ex-colonia; que é do grupo das nações filiadas á civilisação occidental, que tem as condições indispensaveis a uma nacionalidade, ou ellas sejam — sólo continuo, governo

e tradições communs, como quer Comte, ou recordações e esperanças communs e a vontade decidida de viver debaixo das mesmas leis e partilhar os mesmos destinos, como ensina Renan, ou — communhão de raça, de religião, de lingua e de territorio, como escreve Scherer, que ao Brazil cabe tudo isto, já nós o sabiamos, antes das demonstrações recentissimas... Que a guerra hollandeza foi um phenomeno notabilissimo ; que alli triumphou Portugal com a civilisação catholico-latina contra a Hollanda e a civilisação germanico-protestante, e que nessa epopéa os colonos brazileiros viram-se quasi sós, desamparados da mãe-patria ; que na luta entráram as tres raças ; que as duas chãamadas inferiores devem ser incorporadas á nossa vida social, de tudo isto sabia-se no Brazil, desde que houve alguém que se lembrasse de escrever-nos a historia. Tudo isto é velho, velhissimo. Agora, a necessidade indeclinavel de haver na America representantes da civilisação iberica e a superioridade indiscutivel desta sobre a civilisação germanica, — é o que não me parece de todo evidente. A indispensabilidade desse dualismo historico, representante, na Europa, de duas tendencias oppostas, devendo necessariamente reproduzir-se na America, é

muito symetrica de mais para não ser em grande parte de pura fantasia.

Era necessario para as patrias occidentaes que o Portuguez vencesse no Brazil o Hollandez protestante, e que o Inglez derrotasse nos Estados-Unidos o Francez catholico !... E' muito commodo. E afinal, por que não se ha de dar o mesmo na Oceania em geral, e notadamente na Australia, onde o elemento germanico quasi não encontra o seu competidor ? São terras novas, habitadas por selvagens a desapparecerem a olhos vistos, que estão sendo colonisadas por europêos, representantes da civilização occidental. Por que não se ha repetir o dualismo salutar ? Já não fallamos na Asia e Africa; porque não estão incluídas na occidentalidade ..

A theoria da historia de um povo parece-me que deve ser ampla e comprehensiva, a ponto de fornecer uma explicação completa de sua marcha evolutiva. Deve apoderar-se de todos os factos, firmar-se sobre elles, fornecer o segredo do passado e abrir largas perspectivas na direcção do futuro.

Seu fim não é mostrar o que esse povo tem de commun com os outros; sua obrigação é, ao contrario, exhibir os motivos das originalidades, das particularidades, das differenciações desse povo no meio de todos os outros. Não lhe cumpre só dizer

que o Brazil é o prolongamento da cultura portugueza a que se ligáram vermelhos e negros. Isto é muito descarnado e secco; resta-nos ainda saber como estes elementos actuáram e actuarão uns sobre os outros e mostrar todas as causas de selecção historica que nos vão afastando de nossos antepassados ibericos e de nossos vizinhos, tambem filiados á velha cultura iberica. Se a theoria de Buckle é em demazia cosmographica, a de Martius demaziado ethnologica, a dos discipulos de Comte é em extremo sociologica, sem attender a outros elementos indispensaveis. A philosophia da historia de um povo qualquer é o mais temeroso problema que possa occupar a intelligencia humana. São conhecidas as difficuldades quasi insuperaveis dos estudos sociologicos.

Uma theoria da evolução historica do Brazil deveria elucidar entre nós a acção do meio physico por todas as suas faces com factos positivos, e não por simples phrases feitas; estudar as qualidades ethnologicas das raças que nos constituíram, consignar as condições biologicas e economicas em que se acháram os povos para aqui immigrados nos primeiros tempos da conquista; determinar quaes os habitos antigos, que estioláram-se por

inuteis e irrealizaveis, como órgãos atrophiados por falta de funcção; acompanhar o advento das populações cruzadas e suas predisposições ; descobrir assim os habitos e tendencias recentes que foram dispondo, os novos incentivos de psychologia nacional, que iniciáram-se no organismo social, ou determinaram-lhe a marcha futura. De todas as theorias propostas, a de Spencer é a que mais se approxima deste alvo, por mais lacunosa que ainda seja (1)

(1) Semelhante interpretação biologica psychologica da historia à la Darwin. nós a adoptamos-na *Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, nos *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira* e na *Introducção á Historia da Litteratura Brasileira*.



É o que tem isto com as nossas escolas litterarias ? Toda a relação.

A lei que rege a historia brazileira é a mesma que dirige a de qualquer outro povo: a evolução transformista. Por maior que seja a cegueira dos imitadores, a precipitação dos copistas e plagiarios, sempre a litteratura brazileira não é uma cousa que lhes pertença exclusivamente e que possam atirar para o Chiado ou para o Levante... conforme lhes vier á estultice. Apesar de tudo, um povo é sempre o factor principal de sua vida e de sua litteratura.

Podem os politicos ineptos e os escrevinhadores madraços desvia-lo de seu caminho. Cedo ou tarde encontrará a larga estrada de suas tendencias naturaes.

Ponhamo-nos a par dos inilludiveis e magestosos problemas scientificos e litterarios que se degladiam no velho mundo ; mas premunnamo-nos

contra as imitações trapenitas, contra as theses charlatanescas, os erros bojudos com pretensões a verdades demonstradas. Sobre tudo, robustecemos o nosso senso critico, e ponhamo-lo em condições de resistir á febre devoradora de innovaçõeas inconscientes e banaes. Nosso seculo já está disilludido de *formulas* ; aprendamos afinal qual o valor dellas.

A receita é facil : factos e mais factos, bom senso e mais bom senso.

Qualquer de nós os ultimos chegados, conhece por certo alguns exemplares vivos dos nossos velhos classicos, velhos romanticos e novos realistas. Como não é redicula para os espiritos comprehensivos a velha teima do letrado nacional, affirmando obstinadamente, rancorosamente com a boca aberta entre pontiagudos collarinhos, o pescoço enrolado no classico lenço de seda, nos de los a infallivel pitada, as excellencias unicas das cantatas do Garção e das odes do Philinto ? Do velho systema, que foi levado de vencida e hoje alimenta apenas as lucubrações dos tontos e desmemoriados, a defesa obstinada, quando a lemos nos escriptos de 1820 a 30, nos provoca o riso...

Delle restam apenas as obras immortaes, as obras primas dos homens de genio ; as apologias insensatas enjoam-nos. Mesmissimo é o caso do romantico

amortecido e embriagado das fumaças de 1830, ainda hoje sonhando com as walkyrias, as fadas, as castellans medievas; ainda hoje pallido sonhador a *Manfredo* ou a *Rolla*, pobre tolo de comedia, que nos arrebenta de riso... Entretanto, é mui para ver a segurança, a infallibilidade do pontifice do *prologo de Cromwell*, esse lastimoso acervo de phrases turgidas e aéreas, que não lemos hoje sem um sorriso de mofa.

Da enfatuada escola os programmas sexquipedaes molestam-nos a mais não poder. Restam-lhe as raras inspirações sérias e profundas; tudo o mais esvaeceu-se...

Cada uma destas formulas, ao nascer, annunciava a litteratura definitiva... O mesmo temos estado a presenciar nos ultimos vinte annos com a successão do romantismo. Não menos de quatro systemas têm surgido esguedelhados a proclamarem a litteratura absoluta: o *satanismo*, com as suas coleras affectadas, suas maldições caricatas, seu pessimismo de almanack, suas tolices, em fim; o *parnazismo* com seus versos escovados, suas descrições de paizes que não vira, suas theogonias pantafaçadas, seu orientalismo idiota, seu tom de um prophetismo de nicromante; o *scientificismo* poetico, vacillando entre as triagas descriptivas

de Julio Verne e as tafularias psychologicas de Sully Prudhomme e André Lefèvre, scientificismo productor de uma poesia de contrafacção, com seus problemas indigestos, suas theses pretenciosas e prosaicas, uma poesia de compendio, em summa; afinal o *naturalismo*, de escalpello em punho, farejando pustulas para as romper, ou alvas pernas para as apalpar, para as beijar; com suas verdades e seus exaggeros, com suas bellas pinturas e suas *sensações novas*... com suas bagatellas, seus erros, seus disparates, quando manejado pelos tolos e pedantes; com suas descripções brilhantes, suas analyses frias, seu grande sôpro de realidade, quando architectado pelos Daudets e Zolas.

Eis ahí :—Baudelaire, Leconte de Lisle, Sully Prudhomme, mestres dos trez primeiros systemas, estão mortos e ultrapassados. Zola e Daudet, chefes do ultimo, estão em todo o vigor do talento e abriram caminho por todo o mundo. É que estes são romancistas e aquelles eram poetas.

Por que é que a reforma prosperou no romance, e tem sempre abortado na poesia? A natureza intima das duas artes, das duas manifestações litterarias o explica: o romance é um producto *sui generis*, que pôde vacillar entre a sciencia e a

fantasia, entre a demonstração de um facto e a improvisação imaginosa; a poesia, ao contrario, tem um terreno especial e seu: quando entra a approximar-se da sciencia—perde-se na prosa e na vulgaridade. O romance pôde-se dizer um producto recente, quasi de nosso seculo de observação; a poesia é uma filha das eras primitivas, que se vai tornando cada vez mais rara e vendo cada vez mais restricto o seu terreno. A poesia deve sempre ser a expressão de um estado emocional, subjectivo, intimo; o romance deve ser o estudo physiologico dos caracteres sociaes. A poesia é como a musica; é vaga e não deve ser submettida a exigencias demonstrativas. Eis por que todos os formuladores de theses quando passam á experiencia nada fazem de aproveitavel; é sempre uma poesia de *arrière pensée*, premeditada, mettida n'umas jponas doutrinarias, sem espontaneidade, sem limpidez, sem effusão, sem graça, uma cousa terrivel em summa.

Eis por que não nos devemos muito enthusiasmar com as quatro soluções que aprendemos recentemente de França. Se tomarmos a defesa opiniatica de semelhantes doutrinas provisionarias, como tudo que é obra daevolução humana, correremos o perigo de fazer a figura do velho classico e do

velho romantico, o pedante desfrutavel que deixamos atrás pintado.

E, todavia, não julgo extinctas na humanidade as fontes da poesia.

As novas intuições que determinaram a nova phase do pensamento humano, podendo dar pasto ao romance e ao drama analyticos, bem poderão aproveitar as syntheses, as largas visualidades, os sentimentos generosos e altruistas, as expansões intimas para formular uma poesia viva, [energica, ampla, entusiasta, uma poesia de todas as grandes emoções que experimentamos na luta gigantesca e terrivel da civilisação moderna.

Uma poesia sem cathecismos rethoricos, sem as pequenas receitas que os pretensos reformadores nos têm querido impingir ; mas uma poesia em que se vazem todas as lutas, todas as perplexidades, todas as effusões, todos os desalentos, todas as esperanças, todas as certezas, todas as duvidas, todas as mutações em summa da alma moderna.

Tenhamo-la tambem no Brazil,

SYLVIO ROMÉRO.



II

LUCROS

Fora do abysmo. Camillo. O facinora Venero. A opinião. S. Jorge e o ministerio. O trus imperiael. O imperador e o abolicionismo. Lobo não come lobo. Joaquim Nabuco e a libertadora. Cesar ou João Fernandes.

Depois da procelosa tempestade. . . etc, etc.

O resto como se acha no grande epico portuguez. Descemos ao barathro profundo das nossas misérias sociaes. Isto é que é a verdade. Não é muito, pois, que, em seguida a esse atroz supplicio, pendurados a uma nesga de aurora, a um raio de sol matutino e orvalhado, subamos a aresta deste abysmo.

Eis-nos, como o Pery da fabula alencarina, entre as orchideas, entre as bromelias, velados pelas

viridentes lianas, cobertos pelos copados festões das flores silvestres, a contemplar o que se passa n'esse exterior, revendo-nos na possibilidade de inverter o contraste, que comnosco formam a vida e o esplendor d'essa natureza brilhantemente tropical.

Lá dentro, que horror! fiquem sepultados os lacraos chispantes, as lagartas ascorosas, as caranguejeiras horripilantes, os vermes immundos, as serpentes venenosas, os reptis de olhos coruscantes, infernalmente fascinadores, que são a imagem dos vícios dessa pobre sociedade em que vivemos.

Saiamos... respiremos... E' tão bello olhar para a parte sã da humanidade, tão bom assistir às festas da virtude, tão agradável oxigenar a alma na contemplação do espectáculo da força e do amor!

O que custava entretanto que fossemos tudo isto?

Não é verdade que estamos fartos dos homens, que se atolam na propria alma, que se chafurdam, como porcos bravios, na lama putrida, que tem dentro de si mesmos?

Pois que assim é... desviemos os olhos das torpezas do Brazil, esqueçamos o passado... vivamos um pouco illudidos no futuro.

Il naufragare in questo vasto mare m'e dolce.

Projete se uma facha de luz cambiante sobre

esse amontoado de cadáveres-moraes ; —illumine-se ao menos com as claridades hilariantes das grandes magicas esse vasto cemiterio, aonde, de envolta com a honra nacional, afundiram-se, sob lapidas negras, sombrias, as melhores esperanças, as mais vividas intelligencias desta patria ; —engrinaldem-se, em festa, corram aos triclinios os poucos que ainda crêem na vida, empunhem o calice que faz esquecer as dores e encoraja o homem para a morte ! Apoz as bacchantes, venham os satyros treme-licantes, e façam ao menos com que os enfastiados riam-se, desempulhando-se das agruras d'essa peregrinação sem estrella, sem oriente.



Mas... com trezentas mil pipas de caxiry ! não vão por ahí acreditar que é talvez mui facil furtar-nos á influencia, á obsedação desse terrivel meio em que somos atufalos. A impressão debilitante nos invade. E' quasi impossivel evitar a infernal saturação. Dir-se-hia que o espirito, que nocturnamente visita as casas de dar fortuna e cura sem diagnostico, anda a atropelar-nos dia e noite.

Lembram-se do que succedeu ao amante da desgraçada Raquin ?...

O amor fizera-o cumplice de um negro assassinato. A voluptia apanhára o fructo do crime nefando ; a insistencia da luxuria buscava perpetual-o. Mas eis que de subito no cerebro desse infeliz estala alguma coisa, e desaçaima-se a furia da nevrose. Some-se o repouso ; exacerba-se a loucura. Todas as occupações, todos os derivativos são nullos para extinguir essa sombra, que o persegue, essa mascara de convulsiva agonia, que a todo o

momento se lhe apresenta tetrica aos olhos allucinados.

— Camillo ! Camillo ! Camillo, — o assassinado em toda a parte !

Essa ideia macbethiana do actual chefe do naturalismo, nós tambem hoje a tivemos ; e vemo-la reproduzir-se á cada canto, com a truculenta invasão de um sentimento ignobil, — que é o da cobardia deselegante.

Ouçam todos e attendam maravillhados á esse facto crudelissimo !

O Brazil tem o seu Camillo. Mas que diabo de Camillo ! Tão chlorotico como o inerme marido da legenda.

Matem-no muito embora, submerjam-o nas aguas lodosas do rio do esquecimento : ainda elle ha de sobreviver como o terror multiforme na alma d'este povo assambarcado.

Não foi embalde que o positivismo lembrou a eterna viuvez. E' sempre triste sentir-se na alcova nuptial, nas faces da esposa adorada, o cheiro acre de um antecessor.

Venha quando quizer o masculino successor. Criem-o com a força e qualidades que quizerem ; no fim o resultado será quasi identico.

Antes de tudo é indispensavel que a alma brasileira tenha-se reconstituído de todo, por meio de uma hygienica reacção sobre si mesma,—que tenha-se curado dos achaques chronicos,—que, á maneira dos povos mais adiantados, haja expellido os residuos da ultima superstição. Sem isto a obsessão será um facto.

Camillo ! Camillo ! Camillo — por toda a parte.



Entretanto, bem pensado, esse constitucional Camillo, se ainda vivo, se ainda é um facto no paiz, não é por que represente uma força positiva, um poder real, um phenomeno de assimilação fecunda.

E para explical-o façamos de Christo.

Ahi vae parabola.

Havia outr'ora em Minas um assassino notavel, terror de toda a redondeza, e alvo eterno das lendas negras. Esse homem chamava-se Veneno.

Desenganada de conseguir captural-o, a policia já chegara a abandonal-o. Um dia porem o famigerado facinora, entrando n'uma venda para tomar a pinga costumeira, topou junto do balcão com um pobre menino de 14 a 15 annos. Sequioso de palestra, o foragido das matas pretendou que a criança supportasse as suas exigencias. Cravou a faca no portal, empunhou o copo de caxaça, com o desgarré do bebedor provector, e, lançando para a victima um olhar dessassombrado, intimou-a. a que o acompanhasse n'aquella originalissima libação.

O menino resistiu ; o facinora indignado quiz metter-lhe o copo á força pela boca. O agredido que era agil, robusto, deu um passo á retaguarda, armou-se de uma acha de lenha bem fornida, e assentou com toda a força de que dispunha, uma formidavel cachamorra na cabeça do tratante. Paf ! pif ! e ahi tem o valentão por terra.

Os caipiras, que passavam, contemplando o heroismo da criança, aproveitaram-se do incidente feliz, e amarraram o *Veneno*. E eis como o David mineiro, de novo derribou o membrudo Golias.

Foi neste ponto, entretanto, que o heróe, sem o querer, entrou no conhecimento de quem era o antagonista. Coisa singular ! Sabel-o foi o mesmo que dar um grito e cahir nos estertores de uma vertigem mortal.

O desgraçado mal comprehendia como supplantára o terror dos sertões de Minas.

Finda a parabola,— applicação del *cuento*.

Está nos parecendo que nós os brasileiros somos bem semelhantes a esse supplantador de facinoras.

O Camillo afinal não será mais do que uma fonte de convergencias e de atritos. As grandes qualidades de Camillo não existem senão no campo vi-

sionario de nossas almas estremunhadas ;— uma metaphisica ; —um verdadeiro mythe.

Força é o que nos não falta ; o que resta é a consciencia de que ella entra na ordem dos factos irreductiveis.

Façamos do broto uma arvore frondosa....



Que nos seja licito alevantar dos abysmos uma visão consoladora.

Eil-a que vem a arvore, — a arvore frondosa. As suas raizes aprofundam, os seus galhos alentados entestam com os ventos e assombram o horisonte.

Uma formosissima floração! Que profusa messe de luzidos fructos!

No lenho reside toda a força das gerações novas; na cortiça todo um escudo de virtudes e rarissimas qualidades; o verde escuro e luzidio de suas folhas atesta a uberdade do solo estrumado com os residuos de uma enorme geração de cogumelos, que a tempestade varreo.

Não se vê ali nem os descaramentos das administrações, nem o *lafayetismo* desordenado; todo esse esterco convertido em saes proficuos, apresenta agora a negrura de um humus violento.

Junto ao tronco collocal surje a corcovada figura do velho jardineiro, que por mais de uma vez re-

volveo a terra para estragal-a, entregando-a ás vegetações daninhas. Elle traz nos olhos o sobresalto e o estupor ; o espirito mal cõmprehende como de subito surgio aquelle feerico phenomeno.

Nem é sua a obra; nem os deuses assim o permittiram.

Tudo houve a despeito seu, e contra tudo e contra todos.

O olhar vidrado e desvairado traz a usura dos tios Gaspares de todos os tempos. A loucura senil, porterva, convulsiona-lhe os labios em movimentos de uma atrocidade retrospectiva.

O que fizera elle que não aniquilara no nascedouro aquella planta terrificante. A uberdade do solo no fim da vida apanhara-o de surpresa ! E no seu jardim por ultimo chegara alguëm a avantajarse á estatura tradicional, pois que até o ultimo momento elle só amara aos cogumelos !

Medonha sombra que era a que se projectava daquella arvore sombria. Em lettras de fogo elle lia nos ares a palavra *opinião*, e uma tristeza revolta alagava-lhe a alma n'um oceano de confusões, n'uma catadupa de sentimentos mortificantes.

Aos ultimos reflexos do sol poente, n'essa triste

estação hiberna, o ancião desventurado tinha saudades do esterquilínio dos *gloriosos* tempo.

Never more ! never more !

Mas é que isto não passa de um sonho para rir.

Riamos-nos, e dando o braço aos satyros engraçados fazemos a farandola colossal do desprezo.



Felizmente o poder pessoal é uma coisa que precipitadamente se individualisa.

Nós o vimos nebuloso, no tempo em que os jornaes caricatos mal se aventuravam a pintar uma *castanha* em um coche real, ainda com o terror de todos os partidos; nós o vimos no periodo da separação dos anneis planetarios, quando os republicanos mais se encarniçavam em depreciar a tradição, fazendo-se apedrejar; nós o vimos finalmente, concreto, funcionando, desembaraçado de obstaculos, sadio, gordo, no vigor da consciencia, na plenitude da vaidade *exterior*.

Uma época não obstante surgio proximamente, em que a *castanha de caju*, que espavoria os aulicos, e assustava a torre das instituições da patria, converteu-se, sem embargos, nas verberações cruentas do lapis de Angelo Agostini, onde faz-se crêr que até as ratazanas já se aninham nos escaninhos mais reservados da corôa.

E tudo isso coincidindo com o *paranáguismo* elevado a cathegoria de dogma, com o assassinato recebido como senha ministerial, a loucura acceita como synonymo de energia, e o cynismo vagabundo como ultima expressão da mansidão christã.

E tudo isto coincidio com a fabricação de uma caldeirada politica, aonde se despejaram todas as combinações e ingredientes possiveis, — com essa *ola podrida*, que se nos offereceu em festim principesco no fatidico 24 de Maio.

Uma caldeirada tão azeda ! tão obsoleta ! não podia deixar de indigestar-nos, embrulhar-nos o estomago, e trazer-nos o volvo excrementicio, que suprime as energias cerebraes, animalisa o homem e o rebaixa até ás funcções predominantes de um estomago desorganizado.

Fatidico é o termo, — porque tudo isso se deu sob conjunções de astros, em um dia que o kalendario assignala com a festa de *Corpus-Christi*.

Facto commentado pelas freiras da Ajuda, o qual, queira Deus, não traga por ahi o desarranjo da machina dos privilegios e dos arranjos familiares.

E' preciso uma explicação.

Não é ignorado, que á mesma hora em que o ventre da nação esforçava-se por expelir o feto

lafayettico, e, á força de arruda, de garrafas sopradas, e posições na quarta, sahia esse monstro horaciano, este ministerio hybridó, essa geringonça, que todos hoje admiramos, dava-se a notavel circumstancia que o cavallo de S. Jorge escondia-se envergonhado, e um ministerio-cadaver sustentava as varas do palio, sob o qual perambulava o symbolo de uma religião—*cauda de lagartixa*.

A' frente da procissão é verdade que não faltavam os capoeiras, a mais solida de quantas instituições concorrem para a felicidade do paiz.

E' tambem verdade que a camara municipal não se anojou, nem duvidou de mandar representantes. Mas, apesar de sua solitudine, uma das varas do palio rebentou-se em caminho, sendo necessario concertal-a com barbantes, á maneira precisamente de nossas esplendentes reformas. Embarbelações.

Tudo isto, porém, não foi motivo para que o prestito, com seus utencilios azinhavrados, com as suas belbutinas sovadas, com os seus setins emplastados de cêra e de suor, deixasse de se apresentar orgulhoso da imagem que representava, a decadencia e inocua relaxação da coisa publica.

Nós marchamos, no concurso das nações, com igual galhardia e sob a surriada da mesma risota que essa decadente e impossivel mascarada religiosa.

E no entanto, apesar dos pezares, o feto vomitado avultou nos horisontes com o negror das azas de um colossal morcego, de un archimagico D. Bazilio, e converteu-se em pouco n'um ictyosauro portentoso.

O pasmo incendeu todos os semblantes, principalmente quando á complacencia publica respondeu Camillo com a presença do Sr. Rodrigues Junior em um ministerio, que devera ser organizado com a ideia fixa no problema da escravidão.

Acaso suppoz alguém que o Sr. Martinho Campos chegou a entrar n'uma jocosissima composição, tangendo com o bacalhão do proverbio para dentro do aprisco o seu representante, e, por desconto, o mesmo homem, que velipendiou a provincia do Ceará, e, no dia, em que esta se afirmava pela quasi total libertação dos seus municipios, conspirava, entrando no conchavo indecente, com o qual se procura hoje illudir a ingenuidade publica.

Riamo-nos, porem, de tudo isto ; e applaudamos o facto como um magnifico signal dos tempos.

Gracias agarrus, e parabens á nossa sorte. Registre-se esse lucro enorme.



O Imperador chegou por fim a convencer-se de que devia jogar com as cartas descobertas. Esse felicissimo advento foi demonstrado pela organisação do ultimo ministerio.

A sua politica tem sido um truc perenne ; mas um truc quasi no escuro, á luz baça de um theatro mal illuminado, sob a influeucia e na penumbra de um *mise en scene* impressionista.

O systema, entretanto, mudou de subito.

Nós incautos vimos como nas mãos imperiaes baralháram-se as cartas e os naipes politicos. Vimos o Saraiva, o Dantas, o José Bonifacio correrem rapidos de um a outro lado, expostos aos dedos do paiz, na lisura de um emerito prestidigitador. Todos prescrutaram o segredo d'essa sorte. E o frio rival de Herman, levando a perfeição do trabalho ao ponto de desvendar o seu processo, mostrou o zape do truc, arregaçou as mangas da

casaca, desnudou os braços, e, curvando-se para os espectadores, declarou-lhes que ia executar a sorte conhecida, sem que descobrissem o momento do *passe passe*.

E foi assim que se forçou a *douradinha Lafayette*, o basto, o tres, o dois e o az de copas.

Que importa que as cartas acima indicadas surgissem com a imposição de uma apparente sinceridade. Não é verdade que, quando todas ellas dansavam diante dos nossos olhos, o dedo imperial fazia insinuar-se aqui, ali, mais adiante a carta privilegiada?

Chegamos, portanto, ao ponto culminante da individuação do referido e malsinado poder. O que tambem quer dizer que a nebulosa contraria teve tempo de contrahir-se, e que a individuação disso que se chama opinião, vae-se a pouco e pouco annunciando.

Ha felizmente factos recentes que nos autorizam uma definitiva afirmação. Ahi temos, para os que observam,—o movimento dos impostos nas provincias, e o grande choque da onda abolicionista contra o horrido preconceito dos negreiros.

Um broto,—mas um broto que tem em si toda a força de uma expansão inexoravel.

Cavalheiros somos e no mundo andamos. Todos
os caminhos vão dar á Roma.

Nós nos encontraremos.



Uma prova de que o broto de opinião não é uma invenção poetica:

Leia o paiz a carta, ou antes o manifesto que o Exm. Sr. Henrique de Beaurepaire Rohan acaba de publicar na *Gazeta de Noticias*.

Creemos que não será preciso nem um oculo de alcance, nem um microscopio, para reconhecer ali a influencia do microbio. Sim, vamos e venhamos; o autor do manifesto não é nenhum anonymo para que não se saiba qual o meio em que vive e a direcção de suas idéas. Homem por todos os titulos respeitavel, nem por isso deixará de ter attendido ás circumstancias, e cedido á natural pressão da escola que professa.

O paiz sabe que o Sr. Rohan é amigo do Camillo; que mais do que ninguem soffre os effeitos dessa obsessão da sympathico-pavorosa sombra. Entretanto, com rara sagacidade e inaudita coragem, S. Ex. vem dizer-nos que nos arcanos de seu pensamento o esclavagismo é "um factõ condemnado".

Conclusão : entoxicação mortal por ingerencia do microbio abolicionista.

Digamos antes : envenenamento reflexo. Simpathia imperial.

O que afinal de contas sabemos é que o imperador, segundo os diagnosticos mais criteriosos, acha-se entoxicado pelo abolicionismo ...

... ou então o imperador tem algum truc reservado, algum bote de mysterio, e dispõe-se a rir-se de nós, passando-nos uma rasteira, e sacudindo os trabalhadores fóra do ponto.

Mas . . ai que nos iamos esquecendo da theoria anterior—de que o imperador não passa de uma convergencia de atritos,—um foco de irridiações reflexas.

Em tempo : emendemos o lapso.

Seja pois o imperador o Mosh Terpin dos contos hoffmanicos. Convenhamos que o esforço do paiz de nada vale,—que sem sua interferencia nada se faz nem se descobre, nem ha chuva, nem ha sol, nem ha sal, nem ha ensoço, nem ha vida, nem ha morte...—que nelle resurge o brahama desta esphera,—que tudo se lhe attribue, com ou sem razão, até os abortos e as patotas.

Convenhamos que a fada Ptchrerlamequelerreguy

tanto o affagou no acto da eclosão humana que não pode deixar de introduzir entre a grande cabelleira os mesmos *tres cabellinhos vermelhos*, magicos, que faziam refluirem para o heróe de Hoffmam todas as admirações e todos os beneficios, conquistados pelo trabalho alheio.

Como é bom possuir esse condão divino !

Não obstante será possivel que o nosso Mosh-Terpin tenha um final differente do que se tem visto em terras menos magicas ? Não o cremos. Acautele-se elle com os pandegos descobertos pelo ex-ministro da agricultura, porque o jogo presentemente pertence a quem tiver mais fino espirito.

N'este terreno parece-nos que o poeta ituano não levará lampas a ninguem. Suppomos mesmo que alguma coisa apparece, que, se já não lhe fez chegar a mostarda ao nariz, fal-o-ha mui brevemente. Esse *crianço*, chamado Brazil, chorão mal educado, como que pretende ter vontade.

Os obstaculos já cedem e novas forças se inscrevem no grande livro do *Deve e Haver* nacional.

Se isto não é um *lucro* uma *perda* não será.



Um exemplo:

Havia outr'ora, um rifão que o povo acceitava, como a mais exacta expressão do lamentoso estado da nossa consciencia e da justiça. *Lobo não come lobo.*

Em nome d'esse facto todos recuavam ante a ideia de requerer direitos ; e, se os tribunaes fallavam, era tão sómente para attender ás conveniencias e a um falso espirito moralizador.

A ordenação que manda decidir, em face dos autos, pelo allegado e provado, uma coisa sem significação.

Pois bem : já lobo come lobo, ó brazileiros !!!
O caso é interessante.

Um respeitavel dezembargador possuia uma escrava ; essa escrava quiz libertar-se. Offereceu-lhe peculio ; o peculjo não foi acceito. Propoz-se a acção de arbitramento.

Indignado e exacerbado, com ou sem razão, por particularidades, que allegou depois, mas com as

quaes, a serem exactas, o publico e as justiças nada tinham que vêr, o homem da lei, ergeu-se como cheio de motivos, e provavelmente certo de que o capricho, na forma do louvavel, teria uma sahida, requereu *habeas-corpus* em favor da escrava com os seguintes fundamentos : a) tirada da paciente de sua casa á força e fora de horas, b) para fim libidinosos, c) com a coacção moral da rapariga.

E' clare como agua que um deposito é sempre um acto securatorio e garantidor da liberdade ; um *habeas-corpus* para nullificar um deposito é o que pode chamar-se um bernardissimo disparate.

Mas essa petição foi acceita pelo Supremo Tribunal e concedida a ordem impetrada.

Entre parentheses. O caso, a ser real tudo quanto afirma o desembargador citado, era para dar-se queixa por crime de rapto e defloramento, (a depositada apresentou-se com um filho ao colo,) com violencia, violação do lar á noite, complicitade da força publica e prevaricação do juiz que doterminou o deposito. Era pelo menos a tudo isto e *alguna coisita mas* a que tinha direito o impetrante desembargador.

Mas o offendido pretendia que só o recurso de *habeas-corpus* e a entrega da escrava desafora-

da podiam sanar o seu despeito. E bacalháo *me fecit*.

Felizmente burlou-se tudo isto O Supremo, apesar das negações que tem feito ultimamente á lei de 7 de Abril de 1831, apesar do vezo em que sempre o temos visto, procedendo administrativamente, sondando intenções, despresando os autos, a peior da quantas refrações conhecemos no desvio da directriz humana; o Supremo Tribunal conseguiu erguer-se sobre si mesmo, não dando ouvidos ao espirito de classe, e quasi unanimemente decretou que a escrava fosse em paz, considerado o deposito bem feito e os juizes sem responsabilidade.

Para que, porém, essa festa da liberdade, esse triumpho da opinião não ficasse sem sombras, tiveram os espectadores, que tanto se interessavam pela discussão do caso, de pasmar diante de um acto de verdadeiro desacisamento juridico.

O Exm. Sr. conselheiro João Sayão, embora votasse pela não concessão do *habeas-corpus* coercitivo (nova especie), não quiz deixar passar a conferencia sem apresentar o contraste de sua esquisita jurisprudencia e de suas idéas aristocraticas.

S. Ex. profligou a marcha que a opinião tem

tomado no paiz. Afrontou a provincia do Ceará, suppondo-a assaltada por uma legião infernal ; ridicularisou a rapidez electrica dos movimentos da *Libertadora* ; fallou em escandalos, em protervias, em conchavos, em patrulhas de avaliadores, em prevaricações de juizes, em não sabemos quantas cousas mais, que, segundo seu exaltado criterio, estão constituindo um perigo, e uma voragem medonha para o paiz que é arrastado vertiginosamente.

S. Ex. extranhou ainda que um carroceiro, residente em um cortiço, fosse nomeado depositario de uma escrava, considerando as classes pobres como classes indignas e miseraveis ; e, alevantando um privilegio, que morreu com a constituição, bradou que não podia considerar-se seguro, d'ora em diante, em uma cidade, aonde um official de justiça tinha o enorme desaforo de cumprir o mandado citatorio dirigido a um collega seu.

E concluiu-se essa Catilinaria com a proposta da responsabilidade do juiz preparador do processo de deposito, e do official, o aguazil— é o termo, que ousou pôr a vara da justiça sobre um hombro coberto por uma toga... e talvez o recolhimento da depositada ou raptada em um convento de freiras, o estrangulamento do depositario raptor, a quem

embora casado, se impoz a condição de reparar o mal ou ir para a cadeia.

Tudo se *arreglou*, porém, com geral contentamento e satisfação das consciencias sãs. Só a morbida consciencia do Exm. ministro reactor foi que sobrenadou aos destroços d'este misero paiz.

E comtudo o *sui generis* do caso daria apenas para rir, se não nos julgassemos no direito de apresentar o desembargador, que requereu o *habeas-corpus* como a mais completa encarnação do espirito reaccionario dos esclavagistas, facto inconsciente, para o qual não chamaremos o odioso, por que peza-nos a maldade, mas que procuraremos reduzir.

O decreto de abolição está apontando por baixo de todos esses encontros e dissimulações.



De Londres vem-nos agora o rebate das boas e grandes ideas.

Annuncia-se a leitura de uma nova mensagem dirigida aos abolicionistas do Brazil.

A historia do nosso movimento anti-esclavagista tem sido entrelaçado com os philantropos inglezes, tão calculistas em certas coisas, quanto promptos em derramar o seu ouro para proporcionar em toda a parte a hypertrophia da faculdade economica.

Todos sabem que o governo inglez em sua fingidissima sabedoria, desde que se convenceu de que a escravidão seria um obstaculo ao progresso dos paizes com quem tinha relações commerciaes, determinou por todo o seu egoismo, todos os seus canhões e todas as suas esterlinas dar-lhe o golpe de morte.

Pouco nos importa que no intellecto do governo inglez a determinante dessa *rhazzia* philantropica fosse menos nobre do que se tem mostrado depois no individualismo da *Anti-slavery-society*.

Foi sempre regra naquelle colossal paiz que o

egoismo ferozmente organisador de seus governos estivesse em antogonismo perpetuo com os sentimentos sãos e profundamente humanos dos cidadãos, das classes laboriosas, dos artistas e dos sabios propagandistas.

O que nos alegra é ver a uniformidade do pensamento e do sentimento entre os que experimentam a dôr, como nós os brasileiros e os que apenas a contemplam.

A *Anti Slavery Society* por órgão de Joaquim Nabuco deve hoje pelos nexos de sympathia formar um só corpo, um órgão unico, com os abolicionistas do Brazil.

Não ha mais Novo nem Velho Mundo. Só vemos senhores e escravos; e sob esse ponto de vista, diante do qual cedem todos os calculos politicos, todas as necessidades e interesses, para só dar-se vasão ao convulsionamento de uma idéa transformada em sentimento, não existe outro alvitre senão o congrassamento de todos os impulsos n'um órgão capaz de esmagar os ultimos reductos da negreira instituição.

O paiz não ignora que foi a presciencia de Euzebio de Queiroz e a sua franca alliança com os interesses de um povo *clairvoyant*. que nos preparou

o advento da extincção do trafico e leis consecutivas.

Sabe mais ainda que da vaidade do imperador, conjugada com o entusiasmo e o grande talento de Rio Branco, sahio a lei de 28 de Setembro.

Chegou porém a vez do povo e a vontade consciente da nação. A lei de 28 de qualquer mez do anno corrente, ou do proximo, fará crer ao mundo civilisado que os Brasileiros souberam anticipar-se ao seu governo, e que já houve uma corrente tão forte e popular em sua patria que chegou a varrer habitos velhos e a nullificar as *sournoiseries* dos retrogradados e especuladores.

Ouçamos, pois a mensagem do nosso illustre representante em Londres, e congrassemo-nos com os philantropos daquelle luminoso canto da Europa.

Por seu turno lhes apentaremos os phenomenos de physiologia social, que, desenvolvendo-se no Ceará, estão a cimentar os bons habitos, que mais cedo, ou mais tarde, hão de prevalecer sob os tropicos.

Praticamente elles chegaram, levantando dois unicos dogmas,— a) a depreciação do escravo propriedade,— b) e o augmento do mal-estar do possuidor; chegaram a resolver o problema, sem tra-

zerem sequer ás linhas avançadas a grossa artilharia, de que dispunham para uma campal batalha.

E' agora o tempo de systematisar-se essa força por todas as provincias do imperio. O unico meio de tornar uma cousa vã a insurreição, é obrigar o governo a tomar *incontinente* todas as medidas que esse grande austo febril do paiz pede em altas vozes, com a inexorabilidade de um orgão que se sente pujante, cheio de vida.

Os tribunaes, por seu lado, parece que não quererão mais soffrer o peso da impopularidade que lhes adveio com o sophisma da lei de 1831. Aberta essa valvula franca, essa porta larga aos que gemem nos ergastulos, não ha duvidar que em poucos mezes as senzalas do Rio, Minas e S. Paulo, estejam reduzidas á metade. E porque não fazê-lo em nome da justiça, quando é a propria lei quem o exige e córa pelo que sob a sua egide estão fazendo os retardarios.

Os tribunaes não podem, não devem continuar nessa ignominiosa e illegal mentira. A elles toda a nossa honra, todas as nossas vidas e fortuna.



Para rematar duas palavras á *Gazeta de Noticias*:

Ha dous homens que na questão do abolicionismo fazem convergir para si os olhares de todos quantos se interessão nessa questão por excellencia.

Esses dous chefes, que a opinião mais ou menos remotamente indica como organisadores de ministerios, são estudados pelo redactor das *Cousas politicas*, como typos distinctos, influentes, e sob um ponto de vista, que nem sempre a imprensa desta terra tem procurado, para fazer-se ouvir e fazer-se acreditar,— o ponto de vista da franqueza e do character.

O escriptor a quem nos referimos é medico e homem pratico : ninguem, portanto, mais apto para uma dissecação desta natureza.

Lemos, portanto, o contraste traçado entre os dous notaveis conservadores com a attenção, que merecem os trabalhos profundamente meditados.

João Alfredo, um conservador revolucionario, um brasileiro progressista, um estadista que se armou

de todos os recursos, que a moderna industria offerece aos homens de talento para vencerem os obstaculos e as difficuldades.

Paulino Soares de Sonza um retardatario, especie Fabio Cunctator, desconfiado dos meios modernos, essencialmente circumvalador.

Eis as conclusões do alludido publicista.

Creemos que tambem serão as de todos os que conhecem a aldeia e não desconhecem os caboclos. E' a nossa opinião *unquibus et rostris*.

Comtudo ha um ponto n'essa habil antithese que devêra tornar-sa mais nitido. Referimo-nos á fatalidade que pesará sempre sobre ambos, a despeito de circumstancias, coacção e educação.

Se o conselheiro João Alfredo representa o espirito de aspiração de uma raça ou um grupo perfeitamente homogeneo, garante-nos a ineluctavel convergencia de suas vistas, por entusiasmo ou por interesse, para o progresso da patria brasileira, não acontece outro tanto com o conselheiro Paulino, que exprime, antes de tudo, os defeitos de uma familia, os seus vicios tradicionaes, e de uma familia que se incompatibilisou com tudo quanto nos convem.

Comprehende-se, pois, o perigo do advento ao

poder d'esse homem, que dispõe ainda de certos elementos de resistencia, quando conta com a confiança da corôa. Elle será uma ameaça perenne á todos os esforços reformistas. Odioso aos typos que symbolisam o esfacelamento de sua raça, todos os seus esforços e dissimulações, todas as suas machinações terão um oriente fixo, pertinaz, — o desmoronamento de todos aquelles individuos, que possam engrossar as fileiras do exercito que flanqueia a chamada *velha guarda*.

A sua eliminação portanto de todos os calculos politicos seria o maior beneficio a causa que defendemos, a causa brazileira.

Esperamos que o Imperador na escolha de homens, no seio de ambos os partidos, o que nos é indifferente, arrependido da sortida do ultimo *Lafayetismo*, se resolva a ter mais senso. E que os grandes problemas que S. M. não pode, nem tem mais coragem para estudar sejam entregues a cerebros sãos e isentos dos prejuizos coloniaes.

ARARIPE JUNIOR.

FIM

LUCROS E PERDAS

A philosophia no ensino secundario. Um moço e um velho. Poetas. *Os Escravos Vermelhos*. Sobre o Brazil do seculo XVI.

A proposta, que a congregação do Collegio de Pedro 2º. acaba de submeter á approvação do governo imperial sobre a conveniencia da reforma do regulamento d'esse Collegio no que diz respeito ao ensino e ao programma de philosophia, reduzindo-os ao ensino e a um programma de logica formal e real, tem por si varias ordens de argumentos, que, para completa clareza do assumpto, reduziremos a cinco principaes, expondo-os com brevidade. Taes argumentos são os seguintes: natureza intrinseca

da philosophia ; indecisão do governo a respeito de sua divisão e contheúdo; organização especial do ensino secundario ; condições particulares do Collegio de Pedro 2º. e, finalmente, o exemplo dos mais cultos paizes da actualidade.

Tomemos uma a uma estas cinco theses.

A natureza intrinseca da philosophia, qualquer que seja o ponto de vista em que nos colloquemos, é a de uma sciencia complexa, variadissima, cheia dos mais abstractos e difficeis problemas; é a de uma sciencia que requer uma preparação solida, administrada por estudos anteriores e especiaes, a de uma sciencia, alem d'isto, que exige certas tendencias de espirito para ser adquerida convenientemente. Ou a consideremos, segundo uma das mais notaveis correntes philosophicas de nosso tempo, como uma sciencia que não tem um assumpto restricto e especial e antes como uma indagação geral, synthese de todas as outras; ou a consideremos, conforme outra grande corrente da opinião, como uma sciencia que se occupa d'aquelles assumptos que ainda não são tractados por sciencias particulares e de todo independentes, a philosophia é sempre, e do mesmo modo, o mais complexo dos estudos, o mais abstracto de todos, o mais difficil de todos, e por isso nos paizes, onde o ensino é bem organizado, ella

faz parte do quadro do ensino superior e academico ou universitario.

Se por outro lado tivermos, como é de força segundo os nossos programmas, de considerar a philosophia não só nas duas accepções indicadas, sinão tambem como a sciencia d'aquillo que não será talvez nunca o objecto de uma sciencia particular e propriamente dita, isto é, si contemplarmos em seu circulo o estudo d'aquillo que Hamilton chamava o *indeterminado*, Spencer o *incognoscivel*, Kant o *mundo dos numenes*, Comte a *metaphysica inverificavel*, ainda mais crescerá a difficuldade, iamos dizendo a impossibilidade, em que terão de atufar-se mestres e discipulos, todos estes meninos de 15 ou 16 annos, mal preparados, de intelligencia pouco desenvolvida e em cujo espirito um tal estudo é esteril e nocivo. Em todos os tempos só têm merecido o nome de philosophos alguns raros talentos privilegiados, capazes de vastas syntheses e de conhecimentos encyclopedicos. O grosso dos individuos que se occupam de philosophia não passa da superficialidade das cousas, do lado exterior das doutrinas.

Si juntarmos a indecisão e a lucta intestina dos systemas, especialmente dos systemas de nosso se-

culo, sobre aquellas questões capitaes, que constituem os eternos problemas do saber humano, os enygmas do mundo na linguagem de Du Bois Reymond ; si pretendermos, como somos obrigados no collegio de D. Pedro II., dár o conhecimento historico e doutrinario, já não dizemos de todas as doutrinas philosophicas, mas exclusivamente das doutrinas de Kant, Hegel, Schonpehauer, Comte, Darwin e Spencer, d'estes seis celeberrimos chefes de escolas, a difficuldade augmenta de proporções. Mas isto é ainda cousa nenhuma diante dos problemas especiaes e especiosos da malfadada ontologia, e da pretenciosa theodicéa e mesmo da psychologia e da esthetica, e outras questões, que de costume são incluidas nos nossos desparatados programmas de philosophia.

Não é preciso ajuntar mais nada n'este sentido para bem comprehender o governo imperial a indeclinavel necessidade da reduccão que se propoz. Um dos argumentos adduzidos no proprio seio da congregação em prol da proposta é a necessidade de acabar com certa anarchia mental que invade o animo dos meninos sujeitos ao ensino de materias já de si anarchicas, como é incontestavelmente a ontologia, por exemplo. Somos de accôrdo n'este ponto, tanto mais gostosamente, quanto vemos que

a anarchia parte dos programmes imprehenchiveis, por versarem sobre sciencias impossiveis

Vejamos agora a propria indecisão dos auctores dos diversos regulamentos do collegio n'este ponto. Passando em revista alguns destes regulamentos, e dos mais recentes, somos para logo feridos desagradavelmente pela vacillação e anarchia de seus auctores diante uns dos outros. Estes dividem a materia em *logica, metaphysica e ethica*; aquelles em *psychologia, logica e moral*; outros em *psychologia, logica, moral, e theologicá*, outros n'estas mesmas partes e mais a *historia da philosophia*, alguns, finalmente, juntam ainda, tal é o caso do regulamento vigente, a *ontologia*.

Vê-se por tudo isto que os auctores dos citados regulamentos laboraram sempre em certa indecisão a respeito d'aquillo que elles chamaram a *philosophia elementar*!... Ora restringiam-na, ora estiravam-na. Dahi o estado de abaixamento em que sempre esteve no paiz o ensino d'esta disciplina mais que complexa, e indebitamente, contra todas as lições da boa pedagogia, incluída no quadro dos estudos preparatorios ou secundarios.

Além de tudo, e por outro lado, a propria natureza da instrucção secundaria repelle de si a surperposição extravagante de problemas e questões

transcendentes ás intelligencias noveis O que vem a ser a instrucção secundaria ?

Não mais do que uma preparação regular e methodica para o ensino de materias difficeis que demandam uma certa cultura preliminar. E' por isso que no quadro d'essa preparação sempre esteve nos paizes cultos incluído o estudo de uma ou duas linguas mortas de indole synthetica, como o latim ou o grego, para preparar até certo ponto os espiritos ás noções abstractas e a certos conhecimentos elementares de litteratura indispensaveis ao estudo das sciencias superiores. E' por isso ainda que á instrucção secundaria sempre junctou-se o estudo da geographia elementar e das mathematicas tambem elementares ; finalmente include-se ahi o ensino de uma ou duas linguas estrangeiras, cujo conhecimento habilita o academico a ler aquellas obras de sciencia, que senão deparam na litteratura nacional.

Ora, o que vem fazer aqui a inversão das cousas e porque se faz entre nós objecto de preparação aquillo que constitue o mais difficil de todos os estudos ?

E' esta talvez a causa occulta da superficialidade da cultura e da litteratura nacional.

O estudante que vae cursar uma academia o que deve levar de melhor como peculio mental é o desenvolvimento da sua propria intelligencia, o reforço

de seu juizo e de seu raciocinio, e isto se aprende em logica formal, terreno neutro em que elle não se perde em divagações metaphysicas, mas em compensação pisa seguro e pode por si conhecer os erros e os sophysmas, as falsidades que o assaltarem no curso dos estudos superiores.

O conhecimento pratico das leis e regras do raciocinio, a posse dos methodos e de sua applicação aos differentes ramos de sciencias, tal o estudo capital da philosophia como preparatorio.

Mas vejamos outras razões tiradas da propria organização do Collegio de Pedro 2º. e ainda mais de nossos collegios particulares de instrucção secundaria.

Sahidos aos 9 ou 10 annos dos estudos primarios, os candidatos aos futuros grãos academicos, passam o curso de preparatorios em quatro ou cinco annos ou mesmo seis nos collegios particulares, e em sete no Collegio de Pedro 2º., o que importa dizer que acabam os preparatorios aos quinze ou desaseis annos nos collegios particulares e aos desasete no de Pedro 2º.

N'esta idade atrapalhado com seis ou sete materias outras, o estudante não tem tempo para habilitar-se convenientemente nas seis partes da philosophia hoje exigidas, nem tem o desenvolvimento intellectual indispensavel para comprehendel-as.

De fôrma que ou o professor dá a taes materias aquella extenção e amplitude que os sens brios de homem de lettras e de sciencia lhe obrigam que lhes dê, e, n' neste caso, perde de todo o seu latim ; ou reduz-as a proporções minimas, como é o caso entre nós, e um tal estudo superficial e lacunoso de assumptos importantissimos torna-se improductivo no espirito do estudante, de virtua-lhe o desenvolvimento natural e é a fonte de perturbações mentaes dolorosissimas. São conhecimentos fragmentados, desfigurados, falsificados em grande parte ; são absolutamente um mal e o mister do governo em materia de instrucção não é desnaturar as intelligencias ; cumpre-lhe, ao contrario, encaminha-las bem na direcção do progresso scientifico. A falsa philosophia ministrada a retalho é, repetimos, uma das grandes fontes da mediocridade de nossa litteratura, de nosso jornalismo e de nossa incapacidade scientifica. Os nossos estudantes uma vez chegados ás academias, seu primeiro cuidado é, com razão, arrancar de si as falsas e incompletas noções, recebidas sem base séria, attirando-se á busca de outras doutrinas, de outros systemas, de outras luzes, e dahi as reacções violentas e o estado tumultuario e anarchico dos espiritos juvenis. Nós não somos sectarios da falsa paz das intelligencias ;

gostamos da lucta ; mas da lucta proveitosa, e não é esta que de ordinario se nos depara entre os nossos moços em geral. Queremos a grande lucta das idéas, firmada em fortes estudos e não o pedantismo e a superficialidade.

E' por isso que os paizes mais cultos de nosso tempo assim o entendem no ponto essencial desta questão, e aqui tocamos a quinta série de nossos argumentos : o exemplo dos grandes povos. Na Alemanha, e em geral em todos os povos do norte da Europa, o ensino da philosophia entra no quadro dos estudos superiores. Como instrucção preparatoria nos lycéos e gymnasios ensina-se apenas a logica e ensina-se bem. Os estudantes, passando aos altos estudos, levam a destreza do pensamento e o conhecimento dos principaes processos do espirito humano. Em qua-i todos esses paizes é só a logica formal a materia leccionada ; em outros juntam-se as principaes questões da logica real, o que não deixa de ser até certo ponto proveitoso. Apartam-se questões transcendentés e difficultosas e encaram-se as fórmulas geraes do raciociuio humano. Dahi o notabilismo progresso dos estudos logicos em nosso seculo. A logica formal foi reformada por George Bentham, Thompson, Whately Hamilton, de Morgan, Mansel e outros, e a logica

inductiva ou real por Herschell, Whewell, Stuart Mill e Spencer.

Existem tractados praticos, como os de Bain, Stanley Jevons e Ueberweg, ao alcance da intelligencia dos moços que em nossos collegios preparam-se para os seus exames de philosophia.

E' um estudo que pôde ser simplificado, ministrado com habilidade, e que será altamente proveitoso.

E' o que acontece nos paizes da Europa que deixamos citados. Argumentam os nossos adversarios com o exemplo da França, onde o curso da philosophia nos lyceus é pouco mais ou menos no mesmo gosto do que se faz no Brazil. Esta razão é contraproducente. Nós copiamos os programmas francezes sem o menor criterio e depois argumentamos com o nosso proprio plagiato.—Sim, é o que se dá em França em certa escala, não resta a menor duvida, e lá mesmo já os defeitos do systema têm sido sentidos e profligados.—E' uma das razões porque a philosophia franceza em geral não se eleva acima da vulgaridade e das amplificações palavrosas. Excepção aberta da obra systematica de Augusto Comte, que foi elaborada justamente fóra das condições do ensino official e movida especialmente contra esse ensino, tudo o mais que em França se

escreveu n'este seculo com o nome de philosophia, feitas pequenas reduccões, deve pôr-se no fogo.

Em tudo mais, em tudo aquillo que é objecto de estudos universitarios, como as mathematicas, as sciencias physicas e naturaes, a medicina, o direito, etc. a litteratura franceza é uma das mais fecundas. Em philosophia a fallencia é quasi completa. E alguns espiritos de mais valor, n'esta esphera, que prepararam-se por si e não nos lyceus, nunca poderam alli suportar as exigencias e impossibilidades de um ensino deslocado. E' o caso succedido a Taine e a Fouillé.—E é para notar que o governo francez vae já comprehendendo desde algum tempo a improficuidade da velha teima e vae retirando a philosophia dos lyceos e levando-a para as Faculdades de Lettras, que abrangem um programma muito mais vasto. Neste terreno, nossa mestra a França nos tem illudido. E' tempo de mudar de rumo.

Não nos despediremos do assumpto, sem a refutação de certas pequenas objecções que tem encontrado a proposta contra si

Intenta-se, foi nos dito, amesquinhar a cadeira de philosophia no Collegio de Pedro 2.º e nos mais institutos de preparatorios.

Isto é uma sophisticaria. Illustres espiritos euro-

peus não se desillustraram em leccionar a logica e em escrever tractados d'essa disciplina. Nós outros no Brazil é que nos vamos degradar. O publico bem vê que este argumento não é serio Oxalá todos os professores que preparam ahi estudantes para passarem em philosophia em tres ou quatro mezes, pelos caderninhos de pontos, que por ahi formigam, estivessem no caso de leccionar logica e apenas logica!...

Mas, acrescenta-se, não temos ainda universidades em que se ensine a philosophia em todas as suas dependencias e por isso deve continuar ella a ser leccionada nos cursos de preparatorios... Esta rasão é ainda inferior á primeira. Nós tambem não temos ainda cursos e-speciaes de archeologia, de pre-historia, de anthropologia, de linguas orientaes, de linguistica comparada, de religiões comparadas, de egyptologia, de assyriologia, de linguas americanas, de ethnographia, etc, etc. e, pelo mesmo raciocinio, devemos já e já introduzir tudo isto no ensino preparatorio.... Vê-se que nos batemos contra a sombra.

Porque não temos o ensino amplo da philosophia, devemos tel-o homœopathico, desfigurado, falsificado?!

Não comprehendemos a força probante do argumento.

Não é tudo : é impossivel estudar a logica sem a psychologia, repete-se ainda.

E' um erro palmar. Toda a antiguidade e toda a idade media, que desconhecera a psychologia, que é uma sciencia moderna, conheceram, entretanto, a logica, que recebeu de Aristoteles uma organização fecunda. Mesmo nos nossos dias e no proprio Collegio de Pedro 2.º tem-se ensinado por livros que começam pela logica.., Já houve até, como vimos, um regulamento que dividiu a philosophia em *logica*, *metaphysica* e *ethica*...

Mas ha uma outra razão, e mais profunda, que parece andar desconhecida dos oppositores da proposta. Quando se estudam as leis do raciocinio toma-se este como um facto positivo, real, espontaneo, irreductivel, e nada temos que ver com a sua natureza psychologica. A inserção até de problemas e questões d esta natureza seria um embaraço previo. Este é que é o facto importante que é preciso não desconhecer.

Suppôr que se não póde pensar bem e aprender logica sem psychologia, equivale ao mesmo que presumir que não se póde vêr, ou ouvir, ou digerir,

sem o conhecimento prévio da physiologia do olho, do ouvido e do estomago.

E' uma bem singular pretensão. Entretanto, para retirar, por este lado, todo e qualquer pretexto á opposição diminuta, que a proposta a principio encontrou no seio da congregação, inserimos como introdução ao programma que apresentamos, o seguinte ponto— *dades psychologicos fundamentaes da logica*. Ora, ahi o professor póde dizer claramente o quanto baste de psychologia para ser bem comprehendido em suas lições ulteriores. Esta dificuldade, que nunca foi uma tal, acha-se removida nos bons compendios de logica.

Afinal avistamo-nos com a ultima e a mais extravagante contradicta que nos foi opposta : ensinar logica é banir a religião e a moral do Brazil....

Confessamos que não comprehendemos o alcance de semelhante censura.

Primeiramente, o conhecimento da religião e da moral nada tem que vêr com a logica. Para dár a conhecer aquellas cousas, existem as mães de familia, os mestres de primeiras lettras, os parochos, as sociedades religiosas, as predicas das igrejas, as aulas de religião, os cathecismos, os manuaes de civilidade, as leituras litterarias e mil outros orgãos da vida social.

Depois pelo que diz respeito á religião, como crença, ella adquire-se na familia, e, como materia de ensino e discussão, ella tem no Collegio sua aula propria. Quanto á moral como pratica, aprende-se tambem nas boas relações sociaes, e é impossivel impol a em nome de principios abstractos. A moral como sciencia, é a mais complexa, é a mais difficultosa, é a que abre espaço ás questões as mais espinhosas de todas as sciencias. Introduzi-la no quadro dos estudos secundarios é uma *contradictio in adjecto*. E' ainda mais extravagante do que manter ahi a ontologia, a theodicéa, a metaphysica, a psychologia, a historia dos systemas, a biologia, a sociologia, etc., etc.

Só a questão do fundamento da moral e a exposição dos systemas do prazer, ou do interesse, ou da sympathia, ou da piedade, ou da revelação theologica, ou do imperativo cathgorico, ou do altruismo, ou da moral independente, ou da moral evolutiva, ou do monismo, etc. só isto é mais que bastante para obscurecer as idéas simples que o estudante tenha obtido no seio da familia sobre a moral, como pratica e dever dos homens de bem.

E, todavia, para afastar qualquer censura incluímos tambem no programma um ponto relativo ao

methodo em moral, ponto em que se pode dar uma ideia do que seja esta sciencia.

E' uma transigencia a que somos obrigados para desarmar o espirito de opposição.

Alguns levaram tambem a mal a ausencia completa da historia da philosophia.—É ainda a rotina agarrando-se a todas as taboas de salvacão.

Ainda n'este ponto quizemos condescender e no final do curso incluimos um esboço da historia da logica.

Mas taes inclusões são restrictissimas e devem ser tratadas com todo criterio, e excluidas si a boa pratica do ensino o exigir.

Taes os motivos que nos levaram a suggerir ao governo imperial a reforma do regulamento do Collegio de Pedro II no ponto relativo ao ensino da philosophia.

Em nossa pratica do professorado temos recebido os principiantes de philosophia em um tal estado de insufficiencia de conhecimentos preliminares, que nos tem sido impossivel dar ao curso aquelle desenvolvimento que é mister que lhe dê todo e qualquer professor que entenda bem cumprir os deveres de seu cargo.

Quando entramos para o Collegio submettemos á administração do estabelecimento e mais tarde á

congregação vastos programmas em que a sciencia era elevada á altura em que ella se acha nos tempos correntes.

Taes programmas foram repellidos por extensos e difficultosos.

Nós reconhecemo-lo hoje. O meio de remover a difficultade, é a reduccão do curso, é cingirmo-nos ao que se pratica na Allemanha em casos taes: Logica e sómente ella no ensino secundario.



Sahiram, ha pouco, á luz n'esta capital dous volumes de poesias que são um excellente pretexto para assentarmos algumas idéas sobre o desenvolvimento litterario do paiz. São as *Folhas do Outono* do Sr. Bernardo Guimarães e a *Linha Recta* do Sr. Mathias Carvalho. Um velho romantico, um bom companheiro de Alvares de Azevedo, um discipulo de Byron, de Musset, de Lamartine, de um lado, e de outro, um sectario de novas doutrinas, um espirito em ebulição, onde facilmente se discortina a influencia dos *parnasianos*, mais a dos *seientificistas*, mais a dos *réalistas*, todos de Pariz, e todos infelizmente através de Guerra Junqueiro, Guilherme de Azevedo e Gomes Leal, poetas portuguezes. Eu não sei se a poesia, o romance, o drama, a comedia, o folhetim, o conto, a novella, estão ou não transformados hoje no Brazil. Mas sei que a critica litteraria está. Nos ultimos quinze annos, tantos tem sido os assumptos de *character puramente brasileiro* em que se ha tocado, tal

e não pronunciado o esforço em conhecer bem o passado nacional, que uma serie de factos e de problemas ahi estão a reclamar o estudo de resolutos obreiros por muitos e muitos annos. A' medida que a corrente estrangeira, que sempre tivemos e sempre deveremos ter, na litteratura nos attirava á poesia hugoana, e mais tarde á poesia de Sully Prudhomme, e mais tarde ainda ao romance de Zola, e ao mesmo tempo á critica allemã, ou ao positivismo de Comte, ou ao evolucionismo de Spencer, ao passo que os representantes entre nós do espirito do tempo punham-nos ao contacto das idéas europeas, a pleiade dos aferrados ás nossas tradições, outra phalange de operarios, que sempre tivemos e sempre deveremos ter, abria brecha na pre-historia, na anthropologia, na linguistica e na historia nacional. São dous movimentos que se completam ; duas tendencias que se harmonisam.

Devemos ser homens de nosso tempo e tambem de nosso paiz. Esta dupla tendencia modificou entre nós a critica litteraria. E' por isso que aquelle que bem conhecer o seu Sainte Beuve, ou o seu Taine, ou o seu Scherer, mas desconhecer os trabalhos de Baptista Caetano, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, José Verissimo, Ferreira Penna, Rodrigues Peixoto. Frederico Hartt, Macedo Soares,

Paranhos da Silva, Pacheco Junior e Capistrano de Abreu sobre a archeologia, a linguistica, a ethnographia e a historia do Brazil, não poderá amplamente entre nós exercer a critica.

O mais que poderá fazer é colher em livros europeus meia duzia de regras, inspiradas pela analyse de escriptores estrangeiros, e cortar com ellas a roupa em que se devam envolver os nossos autores. Isto é irregular e improficuo. Tal o methodo, entretanto, de que muito se tem abusado no Brazil.

Em geral os nossos chamados homens de lettras lêem livros europeos e especialmente livros francezes ; raros occupam-se de assumptos brazileiros. Innumeros são os poetas e litteratos que não sabem duas palavras da historia do paiz ; rarissimos aqueles que se acham em estado de formular um juizo mais ou menos regular sobre o passado e o presente nacional

A predilecção de todos é puramente pelas novidades estrangeiras. E, todavia, quem tiver o gosto da erudicção, da anthropologia, da linguistica, das sciencias naturaes, etc.—encontrará no Brazil vastissimo campo ás suas pesquisas.—Emquanto não nos applicarmos a descobrir, esclarecer, desvendar os muitos assumptos scientificos que se

deparam entre nós e que attrahem sempre e sempre sabios europeos ás nossas plagas, não fundaremos nossa litteratura scientifica, nem a nossa litteratura propriamente dicta.

E' preciso deixar de lado o methodo exterior de julgar os productos litterarios por meio de convenções rhetoricas. E' preciso procurar em toda a vida nacional o elemento popular, vivo, constante, creador. E' preciso procural-o na historia politica e social e na historia litteraria e das artes.

E apezar de contarmos aquelles poucos escriptores que se vão occupando dos estudos nacionaes, é ainda hoje uma verdade dizer que somos um povo que se desconhece. A historia brasileira está quasi toda por fazer, e sem ella nos perderemos sempre em divagações, não teremos um espirito proprio, nem a consciencia de nós mesmos.

Tal o criterio fundamental das indagações litterarias. Os livros dos novos poetas devem ser um corollario de nossa propria evolução, sob pena de nada valerem, de nada representarem, salvo o testemunho de algum raro espirito, algum raro pensador tão geral, tão universal, tão humano, que vá tomar assento entre os mais illustres representantes da especie e la fulgir entre os genios que não tem pa-

tria, entre os Schakespeares, os Dantes, os Goethes, cousa que não sei si ja nos aconteceu. . .

E, com certeza, os dous livros de que hoje nos occupamos não se acham n'este ultimo caso. Suas pretensões são mais modestas. São dous productos brasileiros, que como taes devem ser julgados. Por este lado, ousou dizer, que a obra do poeta mineiro avanta-se a do democrata bahiano.

O Sr. Bernardo Guimarães é uma das figuras mais interessantes de nossa litteratura, onde appareceu ha mais de trinta annos. Parece-me que elle tem hoje perto de sessenta annos de idade. Coursou direito em São Paulo, onde foi compauheiro de Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Felix da Cunha e outros estudantes enthusiastas e estroinas d'aquelles tempos. Foi a epoca de maior effervescencia romantica em nossas academias. A' poesia religiosa de Magalhães e á poesia cabocla de Gonçalves Dias aquelles moços fizeram succeder uma poesia mais ampla, mais agitada, mais comprehensiva. Avantajaram-se aos seus predecessores em conhecer melhor as litteraturas estrangeiras, em preoccuparem-se mais das questões sociaes, e em cultivar mais a forma. Trabalharam em horisonte mais vasto e com armas mais brilhantes.

Entre elles distinguia-se o Sr. Bernardo Gui-

marões por um lyrismo sereno, placido, confiante, quasi búcolico. Era mineiro, e levava a influencia de Gonzaga e dos sertões nataes. Foi sempre contrario ao indianismo e por isso criticou Gonçalves Dias Inimigo de formalidades, retirou-se aos seus serros, d'onde não sahiu mais, onde nunca teve empregos publicos, onde é o ultimo Abencerage do velho romantismo. Tem cultivado tambem o romance e com um sainete especial. Seus livros do genero são novellas de um enredo simples, de um estylo ligeiro, despretençioso, semeado de lyrismo e de algumas notas humoristicas. E' o mesmo que se dá nos versos.

N'estes as *Poesias* e as *Novas Poesias* levam vantagem ás *Folhas do Outono*. O poeta revela-se cansado, com evidentes tendencias religiosas e mysticas, e, em geral, já se repete. As melhores imagens do novo livro são edições novas de seus versos antigos. A obra é quasi um complexo de nenias. As melhores peças, como lyrismo, são—*Flor sem nome e Saudades do Sertão do Oeste de Minas*; como humorismo, são—*A' Moda* e o *Hymno á Preguiça*. Por estas quatro ligeiras composições aprecia-se perfeitamente a natureza poetica de nosso mineiro. Elle é no fundo uma natureza sceptica a que se ligam certas tendencias epicuristas.

D'ahi o seu lyrismo voluptuoso de um lado, e de outro a ponta de sarcasmo que deixa-se ver em muitos dos seus versos. Mas o autor das *Evocações* é verdadeiramente um poeta, quero dizer, um espirito descuidoso e contemplativo, um espirito mobil e impressionavel.

Nunca desmentiu sua vocação.

Não sei si o mesmo aconteceria a Alvares de Azevedo, si tivesse vivido. Quem sabe si não teria este, como o Sr. José Bonifacio, e Felix da Cunha, e mais que todos o Sr. Octaviano, tomado outro caminho na direcção da politica? Não é que julgue as duas occupações incompativeis; é que o tem sido para os madraços do Brazil.

Possa ainda o velho poeta viver muito e desmentir sempre e sempre a antiga regra da preguiça nacional, a *santa preguiça*, a que fez tão bellos versos. Tudo isso que ahi vae dicto do Sr. Bernardo Guimarães, e que lhe é favoravel, não quer significar que elle não tenha tambem os seus defeitos. Tem-nos e bastantes: é muitas vezes prosaico, ás vezes incorrecto e não poucas superficial.

Tem certa delicadeza de tintas, mas não tem força; interessa, mas não prende, não captiva, não

entusiasma. Em todo caso, é um producto do seu meio.

Vamos ao Sr. Mathias Carvalho.



E' um brasileiro em regra : d'ahi as ousadias de seu estro poetico, embaçado apenas por uma falsa theoria da arte.

Seu livro infelizmente é mais um pamphleto, uma proclamação politica do que uma obra de arte.

Além das confissões partidarias, contem tambem certas profissões de fé scientificas. O autor conseguiu fazer um livro que afinal não é uma obra de poesia, nem uma obra de sciencia, é um mixto desgraçadamente incolor.

Existem muitos d'este genero.

Não é o talento que lhe falta ; é uma boa orientação litteraria.

Isto demanda uma explicação.

Disse Du Bois Reymond uma vez, fallando da *Historia da Creação* de Ernesto Haeckel, não sei si com justiça ou sem ella : « quando eu quizer ler um romance sei bem onde procural-o. » E' o que se pode dizer em sentido inverso da *Linha Recta* do Sr. Mathias Carvalho : « quando nós quizermos ler um

pamphleto politico, ou certas theorias scientificas, sabemos bem onde procural-os. »

Alli ha uma confusão de generos e de dominios diversos.

A razão principal d'esta anomalia consiste n'um equivoco muito em voga em nosso tempo. Nós cansamo-nos da poesia piegas, anemica e inconsistente do romantismo em decadencia. Sentiamos que esta poesia era falsa, affectada e não era a expressão de factos sérios.

Animava-a uma decrepita intuição das cousas. Naturalmente appareceu a idéa de uma poesia mais séria, mais verdadeira, mais em harmonia com a intuição vigente. Dahi um *malentendu*; começaram alguns a nos impingir gato por lebre, a ministrar triagas medonhas de *sciencia e politica em verso...* E' horrivel. Entretanto, o facto é simples: a natureza não mudou, o espectáculo das cousas, as peripecias da vida são sempre as mesmas; o que mudou foi a nossa visualidade, a nossa intuição. O assumpto essencial da poesia é sempre o mesmo; a impressionabilidade humana é que se altera. Colloquemos o selvagem, o homem antigo, o da idade media, o do seculo XVII e o dos nossos dias diante de um mesmo phenonemo poetico, ou seja uma scena da natureza ou da alma humana,

uma bella paisagem, ou um idyllo de amor, e, si taes individuos forem poetas, decantarão o phenomeno cada um a seu modo, mas todos o decantarão...

O selvagem usará das grandes metaphoras mythicas da poesia primitiva; o homem antigo, filho da civilisação artistica dos gregos, usará de seu lyrismo ondulante,— são e sensual; o medieval cahirá talvez em effusões mysticas; o do seculo XVII nos fallará a linguagem cavalheiresca, delicada, polida de Racine; o contemporaneo indicará os refinamentos, as expansões, o tumulto de uma alma trabalhada e vasculejada em mil preocupações diversas. Este é que é o elemento mobil da poesia; mas o material e o circulo em que ella se move são sempre os mesmos em essencia,

O erro dos ultimos romanticsos foi consideral-a uma infantilidade; o erro de alguns poetas recentes é consideral-a um theorema.

A poesia só vae bem com a mocidade, o descuido, a imaginação, os sonhos. Só é verdadeiro poeta o entusiasta; só são verdadeiramente creadores n'este genero os povos jovens e ousados. O maior erro de nesso tempo é desconhecer este caracter da poesia; o segundo é fazer d'ella uma propaganda doutrinaria.

Por isso escolhem os novos poetas para os seus

cantos os assumptos temiveis e tremendos; por isso são obras que não se relêem. Não é tudo: lida uma peça qualquer estão todas conhecidas: é a mesma objurgatoria, a mesma emphase perenne, o mesmo desconcerto, o mesmo barulho de principio a fim. São amplificações, personalisações por toda a parte.

São a Luz, a Voragem, o Bem, a Verdade, a Razão, a Consciencia, a Observação, o Direito, a Justiça, o Privilegio, a Cobiça, a Revolução, o Progresso, a Patria, o Crime, o Povo, a Liberdade, o Erro, a Misericordia, o Futuro, a Redempção, a Desforra, e cem outras palavras, todas trajadas de lettras maiusculas tudo personificado e a nos metter medo... Não, isto não é a poesia. Pelo que me toca, e tenho susto em dizel-o, pelo que me toca—eu não releio esta barafunda. Quando sinto sede de poesia vou bebel-a em outras fontes; vou procural-a onde se acham retratadas as peripecias, as luctas, os encantos, a tonalidade inteira da alma humana.

Eu digo como Victor Hugo que tudo tem direito de cidade em poesia. Todas as faces da natureza, da sociedade ou da vida individual podem ser objecto de poesia; todos os generos são possiveis; mas com uma condição: serem realmente poeticos e tratados poeticamente. O mais é didacticismo, ou prosa metrificada. Não ha fugir d'ahi.

De todo o livro do Sr. Mathias Carvalho só me agradam verdadeiramente os versos a que elle proprio parece ligar pouco apreço; são aquelles cinco sonetos escondidos no livro sob o titulo de *Velha historia*, especialmente o segundo.

E veja bem o poeta : para mim é mui apreciavel o seu talento; lastimo apenas que o desperdice em alexandrinos asperos, erçados de declamações.

Como pamphleto gosto mais do *Libello do Povo* e como sciencia aprecio mais a *Algebra do Ottoni*.

E' necessario arr dar a mocidade dessa tendencia fatal que a vae levando a falsificar a poesia.

Em vez da declamação versejada, queremos o lyrismo novo, forte, limpido, impetuoso e vivo, como o deve fazer o homem moderno.

E o Sr. Mathias Carvalho pode enveredar por esta senda, quando quizer. E' dotado de um talento objectivista e de um estylo algum tanto vivaz. Desprenda-se de certos modelos que evidentemente imita, e falle-nos directamente por si : deixe a poesia de receita e convenção.



Os *Escravos Vermelhos* são o ultimo livro do Dr. Mello Moraes Filho. São um pequeno volume de idealisação da historia, escripto em estylo imaginoso e poetico. « A poèsia, disse um bom auctor contemporaneo, é seguramente muito superior á critica, porém com a condição de conter-se nos seus dominios. Não se faz historia com eloquencia e imaginação. » Esta é a verdade e o Dr. Mello Moraes é pura e simplesmente um poeta. Seus ensaios de critica, de historia, de apezar de interessantes, anthropologia não tem o valor deseus versos.

Ainda ha mais : — eu não conheço maior antithese do que a que existe entre o Dr. Mello Moraes Filho quando elle conversa e o Dr. Mello Moraes Filho quando elle escreve.

Conversando é um homem pratico, lucido, claro, analytico. Escrevendo é sempre idealista, imaginoso, fluctuante, vago, indeciso. Por effeitos de indole e de educação litteraria é um romantico

phantasista, muito preocupado em sonhar e em fazer bonitas phrases.

Neste ponto é o inverso de seu finado pae. O velho e illustre historiador nunca teve o sentimento da fórma, nem sequer corregia suas provas; o nosso poeta risca, emenda tenazmente e desconcerta os typographos com repetidas corrigendas. Os *Escravos Vermelhos* são uma prova nitida de tudo o que deixo dito.

Fallou-me por vezes o auctor [que havia emprehendido narrar as relações dos jezuitas e dos nossos selvagens e provar historicamente que os famosos padres não foram jámais alliados e defensores dos indios contra os colonos, como vulgarmente se repete, mas ao contrario seus mais afoitos escravizadores. O livro agora apparecido é o resultado das indagações do poeta. Temos naquellas paginas muito desperdicio de imaginação, muitas e muitas phrases excellentes, bellos fragmentos poeticos, imagens garridas, mas não temos historia, nem critica. Porque de suas relações com as chronicas dos seculos XVI e XVII não tirou antes o auctor o assumpto de um poema sobre a escravidão indigena? Porque não preferio a fórma metrica e não deu-nos poesia franca e desassombrada ?

Ha nos *Escravos Vermelhos* — o mesmo defeito, em sentido inverso, da *Linha Recta*. Um accumulou demonstrações em verso, o outro introduziu poesia onde devia exhibir demonstrações.

Não canso de protestar contra esta confusão de generos diversos. As indagações historicas, scientificas e criticas devem obedecer a um methodo positivo e devem revestir-se de uma fórmula simples, correcta, clara e incisiva.

Por mais exhuberante e mais imaginoso que seja o estylo de um escriptor, logo que é applicado a assumptos scientificos de qualquer ordem, deve adaptar-se a semelhante cath-goria de especulações, deve ser lucido, deve ser transparente. [Ninguem escreve melhor neste seculo do que Ernesto Renan. Leiam-se os seus livros de sciencia e de critica, a *Historia das Linguas Semiticas*, os *Ensaios de Moral e Critica*, ou o *Antichristo*, por exemplo, e veja-se si alli acham-se accumuladas a poesia turgida, as amplificações rhetoricas, a imaginação desbragada, as phrases pretenciosas e todas as obscuridades, todos os amphigouris de certos escriptores. A delicadeza de tons, a propriedade dos termos, a simplicidade das imagens, alliadas á sonoridade de um rythmo suave, são os dotes daquella prosa, em que ondula a

poesia, mas uma poesia serena e doce, onde fluctua a vida, mas a vida placida de um pensador.

E' verdade que a prosa em nossos dias tem pretensões a mais imagens, mais pittoresco e mais movimento do que a velha prosa. Mas *est modus in rebus*, e não devemos confundir os generos. Haveria muito a dizer neste ponto no sentido de comprimir pretensões estolidas de alguns rhetoricos.

Os *Escravos Vermelhos* são o antecédente dos *Escravos Negros*, que o autor tem entre mãos e que serão tratados pelo mesmo estylo.

O livro tem duas partes bem distinctas ; até o paragrapho XXVIII trata dos missionarios do seculo XVI, os amigos dos selvagens com Anchieta por centro ; d'alli em diante refere-se aos jesuitas do seculo XVII, os escravizadores dos indios, com Antonio Vieira por mestre. O poeta prantêa a America e seus selvagens captivos, as tribus mortas. A natureza, os rios, as mattas, as serras, tudo toma parte no cantico e despede notas dojentas. Ha ligeiros episodios em que se falla das proezas de Anchieta ou do padre Vieira e se refere em as ideias dos aborigenes e suas lendas. Tudo em tom biblico e tudo imaginoso ; tudo n'uma phosphorescencia activissima do espirito. A phrase é do livro e é boa. Ha fragmentos que ostentão

uma forte intuição poetica das cousas e dos factos. *Um auto de Anchieta, O extasis, Nostalgia, A Festa das recompensas, Procissão de endoenças,* são deste numero. O Dr. Mello Moraes tem em alta dóse o sentimento nacional; nos seus *Cantos do Equador*—nos versos dos sertões e florestas e dos poemas da escravidão os assumptos são da natureza e da sociedade brasileira. O mesmo acontece nos *Escravos Vermelhos*. Ao passo que os nossos jovens escriptores atirão-se quasi todos á imitação da Europa, o Dr. Mello Moraes vai imperturbavel o seu caminho, e, por isso, neste sentido elle é actualmençe o primeiro de nossos poetas. Tem imaginação, delicadezas de sentimento, variedade de tintas, subtilezas de forma, em summa, aquelle vago, « aquelle ponto imponderavel, impalpavel, aquelle atomo irreductivel, aquelle nada que em todas as cousas deste mundo intitula-se a *inspiração, a graça, ou o dom, e que é tudo* » repetindo a phrase justa do pintor Fromentin. Sei bem que um grupo de jovens poetas nossos, que se agremiam em torno de certas pretensões e de certos pretenciosos, não pronunciam o nome do autor dos *Cantos do Equador* e laboram na doce illusão de o terem feito esquecer como lyrista.

Deixa-los em sua fatuidade, e, quanto ao nosso poeta, deixe-se de fazer historia, critica e ethnographia ; faça antes versos e somente versos.

Os *Escravos Vermelhos* encerrão fragmentos de poesias e autos do padre José de Anchieta.

O mesmo já antes havia feito o auctor no *Curso de Litteratura Brasileira* e na *Revista da Exposição Antropologica*. Desta vez deu-nos por extenso o *Auto de S Ursula*. Ainda ahí revela-se a natureza poetica do Dr. Mello Moraes. Sua paixão pelo jezuita canarim é característica ; ahí mesmo, porém, ostenta-se a sua pouca aptidão critica. Porque, em lugar destas pequenas amostras destacadas das obras poeticas do padre quinhentista, não emprenhe o auctor a publicação completa de seus escriptos do genero, precelendo-os de um estudo exacto ? Não digo que lhe edicte a grammatica tupi, as cartas e as annuas ; publique-lhe todas as poesias, dialogos e autos. Seria um serviço consideravel e a empreza não é das mais difficeis.

Em summa, comprimento o Dr. Mello Moraes pelo que ha de poesia em seu novo livro, e desejo-lhe mais rigor de methodo sempre que escrever sciencia.



São uma novidade do dia duas interessantes brochuras relativas a nossa historia. Infelizmente, pelo fim a que se destinavam, sahiram bastante resumidas.

Versam sobre o descobrimento e o desenvolvimento do Brazil no seculo XVI. São devidas á penna dos Srs. Gama Berquó e Capistrano de Abreu. Ambos mostram conhecer bem o assumpto, principalmente o ultimo. O Sr. Gama Berquó, entre bonitas cousas, determinando os factores do povo brasileiro, foi inexacto e incompleto quando escreveu estas palavras : « A raça negra foi a que menos influio na formação e o espirito da nova nacionalidade nada lhe deve, podendo apenas attribuir-se á sua influencia alguns preconceitos populares. » Aqui vai engano e engano possante. E' mister que o digno Sr. Berquó queira de todo fechar os olhos para não ver por este lado os factos.

Ahi vai um tributo aos prejuizos vulgares. En-

tão, os muitos e muitos milhões de africanos para o Brazil importados nada fizeram por cá? Seria um verdadeiro milagre historico, senão fosse simplesmente um equivoco. E a massa enorme de mestiços de todos os grãos, que formão o grosso da população? E quatro seculos de trabalho, fundando a riqueza nacional? Tudo isto é nada, é dever nada?!...

E já agora é necessario insistir neste ponto. Convido o meu leitor a percorrer o soberbo capitulo de Alexis Tocqueville na *Democracia na America*, que intitula-se — *Algumas considerações sobre o estado actual e o futuro provavel das tres raças que habitão os Estados-Unidos*. Naquellas paginas brilhantissimas vê-se palpitantemente a differença enorme que ha nas relações das tres raças nas antigas colonias inglezas e no Brazil. Alli o indio tem sido affastado e repellido tenaz e resolutamente.

Não tem cruzado nada ou quasi nada com os brancos. O horror para com os negros é ainda mais feroz.

Por toda a parte as portas das posições e da fortuna se lhes fecham. Nas ruas, nos cafés, nos theatros, nas igrejas — a separação é completa.

O negro tambem não tem cruzado nada ou quasi

nada com os anglo-saxonios. Justamente o inverso do Brazil, e nós não o negamos. Reconhecem-nos todos. Já isto é um signal bem expressivo para não termos receio de dizer a verdade, nem velleidades de esconder os factos. Mas ha outras razões mais poderosas. A população européa que nos colonisou pertence ao numero das raças cruzadas do meio-dia. Sabe-se que a população primitiva da peninsula iberica — foi de turanos, — typo negroide evidentemente. Depois, na época da invasão arabe, affluu ainda á peninsula uma boa leva de semitas e maurescos do norte da Africa, mestiçados em larga escala com as populações indigenas desse continente. Mais tarde, com as feitorias portuguezas de ambas as costas africanas, enorme foi o numero de escravos transportados para o reino.

Finalmente, com a descoberta do Brazil, grande tambem foi o numero de escravos indios exportados para a metropole. De tudo isto salta a verdade do mestiçamento irrecusavel das populações portuguezas. São factos provados irrefutavelmente pela historia. Desapparece dest'arte como uma sombra a velha mania da *branquidade* pura de todos os nossos antepassados europeos. Postos estes no Brazil em contacto com as duas raças tropicaes, immediato e immenso foi o cruzamento. A estatistica

prova que no Brazil só talvez um quinto da população é de suppostos brancos puros. O resto é de indios, negros e da immensa cohorte dos mestiçados em todas as escalas, predominando n'estes aquelles em que entra em qualquer gráo o elemento africano. E tudo isto tem a sua razão de ser scientifica. Paulo Broca provou definitivamente que os povos morenos e de cabellos mais ou menos escuros são da Europa os unicos que, em contacto com as raças tropicaes, produzem uma prole fecunda. Martius demonstrou ser tão consideravel a influencia do elemento africano no Brazil por si e pelos mestiços especialmente, que é impossivel comprehender a nossa historia sem o estudo integrante desse contingent. Macedo Soares estabeleceu irrecusavelmente a acção desse factor na lingua fallada pelas populações nacionaes. Nós indicamos com factos positivos sua inilludivel e inapagavel influencia nos costumes e cantos populares.

E' impossivel desconhecer sua acção no povoamento primitivo do paiz, na formação da população, nas industrias, na producção da riqueza, nos costumes, na familia, nas relações sociaes, na lingua, nas lendas, na litteratura, na organização do trabalho e da propriedade, nos factos historicos, nas

luctas e agitações nacionaes, nos feitos militares, etc.

Apezar do cuidado especial empregado em não estudar este elemento nacional e apagar da historia a sua acção e a dos mestiços, ella é irrecusavel, porque é evidente.

E para que certas presumpções quando nada é mais facil do que apontar os representantes da raça cruzada — nos ministerios, no senado, no conselho de Estado, em todas as camaras de deputados, no clero, na magistratura, entre os medicos, advogados, engenheiros, militares, jornalistas, litteratos, etc., etc ?! Tal é verdade historica, ethnographica e social.

Nesta questão das raças que constituiram o povo brasileiro já atravessamos duas phases. A principio tudo era attribuido entre nós ao portuguez. Mais tarde veio a reacção e fez-se bem larga, com evidente exaggero, a parte do caboclo.

Sempre e sempre o quinhão dos mestiços e africanos tem sido deixado no olvido. E' tempo de corrigir este erro historico. E' impossivel esquecer entre os mortos os nomes de Caldas Barbosa, Silva Alvarenga, Gonçalves Dias, Nascimento Feitosa, Ferreira de Menezes, Antonio Rebouças, Dias da Cruz, Torres Homem, Montezuma, Natividade Saldanha,

Padre José Mauricio, Justiniano da Rocha e tantos outros, que trabalharam nas letras, no jornalismo, na sciencia, nas artes ou na politica. Entre os vivos o seu numero é legião....

Feito o reparo, que ahi fica, o opusculo do Sr. Berquó é, no mais, digno de apreço e revela estudo consciencioso de nossa historia. Se o pequeno escripto a que me refiro é bom o do Sr. Capistrano de Abreu é ainda melhor.

O joven escriptor dividiu naturalmente o seu trabalho em duas partes correspondentes ás questões intrinsecas do assumpto. Na primeira, o descobrimento, elle escreveu tres capitulos :—*pretensões francezas, pretensões hespanholas, pretensões portuguezas*. Não é facil ser mais claro, mais conciso e mais conhecedor dos textos. O criterio historico se revela no moço cearense firme e destro. Esta primeira parte é a mais trabalhosa do livrinho ; mas a segunda é a mais importante. Divide-se esta em quatro capitulos :—*o litoral, o sertão, o povoamento e população, e por ultimo, a evolução*. Os primeiros reconhecimentos do paiz pelas armadas guarda-costas, o subsequente regimen das capitancias, as primeiras entradas para o interior, a marcha do povoamento como um organismo que proliferava, seguindo um roteiro deter-

minado pelas montanhas e pelos cursos dos rios, as marchas das *bandeiras*, a constituição originaria da população, tudo isto é determinado com os textos á vista e com penetração verdadeiramente notavel. A theoria spenceriana fornece a philosophia historica do autor. O capitulo sobre a *evolução*, mostrando o desdobramento primitivo na familia, na religião, nas industrias e profissões, nas vias de transporte, no governo, e na litteratura, é muito resumido infelizmente; mas revela intuição do assumpto.

Neste ponto o autor possuia já interessantes estudos anteriores, especialmente sobre as industrias, a familia, e as festas no seculo XVI, que quasi não foram utilizados. O quinhão litterario é que me parece que poderia ser por outra forma desenvolvido. O critico cearense indicou a primittiva litteratura *para ser ouvida* pelos colonos *que não sabiam ler*, litteratura de autos, mysterios, comedias, ao gosto medieval, e, mais tarde, o apparecimento de fórmias *para serem lidas*, predominando nellas, segundo a indole da epoca, o epigramma, a chacota, o conceito subtil. Deixou de indicar os productos mais notaveis do tempo, *as cartas, as informações, as relações de viagens*, e outros escriptos analogos, onde se deparão as preciosas

indicações dos costumes *selvagens*, as narrações dos primeiros feitos dos colonisadores, e as descrições brilhantes e ingenuas *do paiz*. Não é que o Sr. Capistrano ignore-lhes a existencia ; pois, pelo contrario, de alguns desses escriptos elle foi o edictor. E' que foi resumido em excesso na parte litteraria.

SYLVIO ROMERO.



II

LUCROS

Um doutor satano-angelico. Seu Vianna. A terra dos papagaios. O *timebunt gentes*. O espirito de Braz Cubas. A levita dos estudos livres. O positivismo em Portugal e Brazil. Unidade nacional. Abolição. O Sr. Spinola e Paulino Soares. O Sallustio Nogueira e a Poesia Nova.

Introibo ad altarem....

Missa pontifical.

E nem de outra maneira podia hoje começar esta perlenga.

Todos somos mais ou menos pontifices.... A anarchia mental, tão conclamada pelos positivistas, trouxe ao mundo essa enormissima vantagem. Com a queda dos dogmas, cada um julgou-se habilitado a deitar benções *urbi et orbe*; como na comedia de Sardou, não é difficil encontrar religiões tão re-

centes, tão familiares que não passe a mais de um individuo — papa e fieis ao mesmo tempo.

Consintam, pois, que empunhe, com toda a solemnidade, o meu baculo, que revista-me dos habitos talares de occasião, que me cerque dos paramentos proprios das grandes festas da igreja, que encapele a mitra dourada e corruscante de pedrarias. Eis-me arriado da cathedra sagrada. Os acolytos calçam-me as luvas vermelhas e as sandalias apostolicas. Os turybulos incensam-me e fazem subir às sombrias abobadas do templo os seus flocos de azulado fumo. Os sons do orgão fluctuam entre a indecisão dos suspiros e dos ofegos, balançam-se atravez das arcarias, e depois precipitam-se no espaço cheio de clarões e alacridades. Subo os degrãos do altar e sonho com os mysterios da mais sublime das religiões. Experimento as sensações mysticas de um verdadeiro sacerdote.

O empyreo desce até mim; o universo contrae-se de subito e concentra-se nelle todo meu espirito, que dilata-se, voa, vôa, vôa até tomar as diffusões do infinito.

O grande segredo do sacrosanto sacrificio das missas. A copula do conhecido com o desconhecido. O ponto de intercessão entre o concreto e o abstracto.

Está finda a cerimonia.

Todos os deuses da terra povoam o *sancta sanctorum*.

Reina o silencio.

Vae subir a tribuna sagrada o satano-angelico doutor.

Um rival de Vieira, perito na arte de dissimular o pensamento *nas subtilesas da palavra*,—tão ses-troso como elle nas antitheses engenhosas, — tão fertil em anedoctas lithurgicas, quanto farto em comparações historicas, em casos longamente estudados na enfadonha patrologia.

Os seus habitos recendem a claustros aonde o diabo andou mettido a frade.

Muito sympathico por isso mesmo, e principalmente porque a igreja e os conservadores ainda um dia mandal-o-hão queimar em uma fogueira, do mesmo modo por que pretenderam fazel-o com o seu rival e mestre.

Houve tempo em que menos o considerarei, julgando-o um homem já concreto e impossivel de adquirir mais uma celula se quer. Mas isto foi antigamente, — *olim*, como dizião Virgilio, Salustio, Macrobio e outros, — nos bons dias, em que eu modulava a gracil avena do folhetim.

A severidade do sacerdocio, e o recolhimento do apostolado impõem-me serias modificações.

Ouçamos a palavra unvida do orador sagrado.



Mas....

Decididamente é me impssível supportar por mais tempo este incommodativo revestimento. Não nasci para papa. Prefiro a liberdade de movimentos. As solemnidades tirão-me o senso commum; só o tenho bem nitido e afiado quando, de cuecas, deitado em uma rêde, a caximbar entre amigos, no aprasimento da sombra fresca do outão da casa e da palestra com os amigos.

Ora, venha d'ahi quem me vá vender, no primeiro Belchior, esta mitra, e estas luvas, e este báculo, e esta capa de aspèrges... Dou por tres nikeis. Tanto quanto é bastante para comprar um par de ceroulas de algodãozinho e enfeitar-me á sertaneja para conversar com o Sr. Vianna.

Oh! seu Vianna, sabe que mais? desça do pulpito. Vamos palestrar em liberdãde.

E' aqui no outão da casa que nós os bons camaradas o queremos apreciar. Venha.

Olhe : o vigario já sahio da igreja. O povo se

retira. Deixe o boticario a jogar o seu gamão na calçada com o collector ; não se importe com o juiz de direito que lá vae empereirado a conversar com o velho rabula do logar ; e vamos fallar mal da vida alheia.

Pois isto aqui não é uma aldeia, tão aldeia, tão invejosa como qualquer outra aldeia invejosa ?

Se é !

Fallemos, então, nos caboclos ; mettamos a ronca no capitão grande, nesse nosso commandante superior da politica ; e desfibremos o compadre Lafayette.

O Sr. bem sabe que esse compadre subio muito depressa. Não é assim ? Tal qual como aquelles foguetes rojões das novenas do orago.

Mas isto não impedirá que o diabo do foguete volte ao chão com a taboca ainda mais estrafegada.

Não é verdade que o capitão grande sabe ser um excellente fogueteiro ? Veja, como essas flexas regressão do alto reduzidas a fanicos ! Parece que o homem faz mesmo de proposito !

Quando se lhes encosta o tição, é só aquelle ronco damnado. E lá se vão... Mas dahi a pouco...

E' o que se vê .. é o que se vê...

Não sei se lhe diga agora que gostei para me

acabar de seu discurso. E a caboclada, então, ficou toda pelo beijo. Uma desgraça.

Com que seu Ferreira se metteu a fallar mal do Padre Eterno ! Um homem de paz e de bom conselho ? !

Mas porque não fallou claro, não disse bem positivamente : Meus senhores, eu quero me referir ao imperador. Deixemo-nos de circumloquios. É elle com quem vivo estomagado. Hei de dizer-lhe as ultimas.

Dar-se-ha o caso de que o Sr. esteja nas mesmas condições que aquelle atheu que tinha medo de Deus ?

Ora deixe-se d'esta manha. Ou não se importe absolutamente com o homem, ou use do tom de quem pretende destruil o. Esse *tom de namoro* é que não serve, nem assenta em quem nunca teve, como o Sr. declara, a responsabilidade do poder.

Não vá, entretanto, pensar que o julgo capaz de possuir as qualidades d'aquelle vermesinho, que, segundo a crença popular, estende as suas extremidades para a Bahia, todas as vezes, que se lhe pergunta pela terra do carurú e do vatapá.

Bem dizem os de má lingua que o Sr. anda com a mania do padre Vieira. Seu Vianna não terá esquecido

um discurso, que este grande orador fez na Bahia, por occasião do bloqueio hollandez, passando uma grande descompostura em Deus, porque deixava que seu povo e os seus altares fossem conspurcados pelos hereges. Acaso quiz parodial-o na sessão de 15 do proximo passado ?

Já existe, na sua bocca, um usurpador nesta terra.

— Ora tome uma pitada, seu Vianna ! E é verdade que o Sr. quer salvar-a com o progamma da escola conservadora que não é outra coisa « senão o belloconsorcio da democracia com a autoridade monarchica. »

Muito bem ! O depoimento está tomado, isto é, que o deputado fluminense ama uma utopia e quasi prefere o governo do plural ao governo do singular. Um republicano platonico que vive mettido nos coiros de um conservador ; — sybarita da tribuna, que pouco se importa com a marcha dos phenomenos sociaes, comtanto que estes não interrompam o seu *dolce farnienti* e se prestem a volupia, a escorrença da sua phrase limpida, jocosa, quasi sempre deliciosa.

Repito : o seu discurso me agradou muito. Elle está cheio de grandissimas verdades ; mas tambem que clamorosas incongruencias !

Quem já pretendeu ligar azeite com vinagre, a não ser em uma salada, onde, conforme o appetite dos preopinantes, se pode lançar ovo cozido, alcaparras, azeitonas, arenque e *tutti quanti*!

Entretanto é o que o Sr., em estylo verdadeiramente aureo, seductor, procura realisar, oberrando estomagos fracos, provocando terriveis indigestões.

Com que perversidade este homem sabe preparar os seus pratos lucullianos!

Cicero, apesar do estomago romano, não procedia assim.



Vamos e venhamos. Já agora deixemos a aldeia, os caboclos, o capitão grande, tudo, tudo, e tratemos desse discurso com toda a seriedade.

Um dia destes passando por acaso por um loja de quadros na rua do Hospício, parei para contemplar um chromo; aonde se via um jesuita, com as mãos nas ilhargas, á rir-se damnadamente, n'um desses acessos hilariantes, que fazem lembrar Homero.

Por baixo do chromo lia-se estas palavras:
DEPOIS DO SERMÃO.

Eu não creio que o Exm. Sr. Dr. Ferreira Vianna esteja nesse caso; e, pois, convido-o a meditar sobre a satyra franceza:

Antes, estou persuadido que S. Ex. como todos os homens de talento, vive embriagado de... de sua propria pessoa. O talento é um vinho capitoso, leva fumos ao cerebro, faz desandar a intelligencia, e torna o homem uma especie de divertimento de si mesmo. Eu imagino o illustrado parlamentar em

uma constante orgia intellectual, sem poder preoccupar-se senão com o movimento do proprio pensamento, a diliciar-se na perenne eclosão dessas fórmulas peregrinas, que lhe dão valor ao discurso, debilitando as suas energias nessas abundantes ejaculações discursivas, que são toda a sua afirmação como letrado.

Mas quanto não dista tudo isso do que se chama um estadista, um verdadeiro parlamentar!

O parlamentar, o estadista é o homem menos sybarita que se póde imaginar. E' aquelle que se perde e se confunde na acção, cujas afirmações se projectam de envolta com o meio em que vive, fórma com elle um todo quasi indivisivel, e que, de reacções mutuas em reacções mutuas, chega por ultimo a constituir a boa ou má harmonia das nações.

S. Ex., porém, será tudo, menos um homem de acção; e é seguramente porque os homens de acção tem vivido fora do poder, que vemos o Brazil hoje entregue ás mãos de um velho vaidoso e invejoso, que não tem a minima concepção synthetica do mundo actual, velejando ao som das aguas, sem norte, sem bussola, protegido apenas pela calmaria ou pela regularidade dos ventos, que sopram por estas altitudes.

Os de talento, com toda a certeza, foram sempre prejudiciaes quando pousados nas alturas. E' força que, quasi sempre enfermicos, procurem a satisfação de seu vesos nevrosiaco.

Organisações completas são raras; e não ha meio de esperar por ellas, nem de escolhel-as. Nestas condições o que acontece é que o estado põe-se a contemplar as operações *in anima vili*, com que se aprazem estes especiosos, sem saber o que faça, nem como os ponha no olho da rua.

Digam o que disserem. Ou o militarismo continúa sob uma nova fórma,—a psychica, a dos planejadores audaciosos; ou se adopta o systema dos americanos do norte, que não gostam dos Gambettas, dos grandes homens, e que reduzindo o governo a cousa de pouca monta, entregam-no *ao bom senso* do primeiro burguez apparecido.

Nós brazileiros estamos muito longe de qualquer um destes estados.

O deputado Ferreira Vianna, por exemplo, é nma das mais completas encarnações do desvio das nossas faculdades.

Dir-se-hia que em tudo quanto é nosso ha sempre uma ironia prompta a abater-nos. Algures já fiz notar que não fôra em balde que o Brazil se deixára

colonisar por um bacharel palrador, antes mesmo de ser descoberto por Pedro Cabral.

Refiro-me ao bacharel de Cananéa. Agora encontro na these do Sr. Capistrano de Abreu que a terra de Santa Cruz tivera como primeiro nome o de *Terra dos papugaios*.

Essas coincidencias historicas merecem um estudo aprofundado.

Recommendo-as ao espirito atilado do angelico doutor.





E o discurso a escapar-me...

Malsinado paiz !

Não ha quem tenha ouvido aquelles sonoros periodos que não sahisse a bater com a cabeça, dizendo que o orador proferira verdades irrefragaveis, ineluctaveis.

S. Ex. referio-se, entre outras coisas, á ambição sem talento do imperador, mostrou em como elle não era nenhum Napoleão, capaz de suster o Brazil sob uma mão de ferro e dar-lhe a gloria e os deslumbramentos das victorias.

Que era um usurpador vulgar, cuja unica força estava em nossa propria covardia.

Ora, isto é um facto que está na consciencia de todos, e que o orador não fez mais do que formular entre graciosos arabescos. Mas não é de formulas aquillo de que mais precisamos. E' indispensavel que do estatico passemos ao dinamico Não exprime coisa alguma a virtúalidade quando não se traduz em acto. Não basta dizer o que S. Ex. disse

em phrase olympica, de pregador régio, que longamente manuseou as Decretaes e o Bulario; é necessario que a palavra um dia se transforme em resistencia, no exemplo vivo.

E ahi teem a razão por que todos que o ouvirão na sessão de 15, extasiando-se com as suas phrases mystagogicas, deixando-se levar na escumilha das ondas de uma eloquencia constellada de risos e de anedoctas, sahiram, não obstante, sem um impulso capaz de gerar movimentos uteis, convencidos apenas de propria inercia e de que o parlamento continua a ser e theatro das ambições provincianas e uma SUCCURSAL DOS APEDIDOS DO JORNAL DO COMMERCIO.

Pouco importa a victoria moral sobre o ministro do império. A meu ver ahi não existia se não a parte menos importante da discussão.

O congresso de instrucção, com verba ou sem verba, será sempre um mytho para o paiz.

A grande questão, o ponto vertical dessa oração deveria ter sido o apuro da docilidade do contribuinte diante dos vexatorios impostos lançados sobre elles.

Era com esse *timebunt gentes* que o orador deveria ter hypertrophiado o seu discurso.

Como representante da nação tinha o direito de



E o discurso a escapar-me...

Malsinado paiz !

Não ha quem tenha ouvido aquelles sonoros periodos que não sahisse a bater com a cabeça, dizendo que o orador proferira verdades irrefragaveis, ineluctaveis.

S. Ex. referio-se, entre outras coisas, á ambição sem talento do imperador, mostrou em como elle não era nenhum Napoleão, capaz de suster o Brazil sob uma mão de ferro e dar-lhe a gloria e os deslumbramentos das victorias.

Que era um usurpador vulgar, cuja unica força estava em nossa propria covardia.

Ora, isto é um facto que está na consciencia de todos, e que o orador não fez mais do que formular entre graciosos arabescos. Mas não é de formulas aquillo de que mais precisamos. E' indispensavel que do estatico passemos ao dinamico Não exprime coisa alguma a virtúalidade quando não se traduz em acto. Não basta dizer o que S. Ex. disse



Ha dias nesta heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro verdadeiramente ruysdaelescos.

Por volta das nove horas sahe-se de casa, toma-se a barca de S. Domingos, ou sobe-se a Santa Thereza, volta-se o rosto para o azul do firmamento, e sente-se a gente capaz de realizar actos impossiveis, sonhados por poetas orientaes.

Outras vezes pensamos ser o Aimbire da *Confederação dos Tamoyos*, e suppomo-nos então arrebatados ao cimo do Corcovado, em uma visão cheia de satanicos impulsos.

E' nestes dias que lamento não possuir o talento de Machado de Assis; que lamento não encontrar nas dobras do espirito as excentricidades, com que este apurado escriptor tem caracterizado os seus ultimos trabalhos.

Não ha quem não tenha acompanhado o poeta das *Phalenas* na estranha evolução de seu espirito desde a apparição do seu *Braz Cubas*, o livro mais

exquisito de quantos se tem publicado em lingua portugueza. Não ha quem não o tenha espreitado nas columnas da *Gazeta de Noticias* a cabriolar nessas composições terriveis denominadas o *Lapso*, o *Alienista*, ou mesmo não tenha sentido o cansaço e a tortura que costumão produzir as convulsões de um pensamento infernal.

Ainda agora acabo de ler o seu *Ultimo capitulo*. A descripção desse suicida, que chama a Deus de invejoso, e considera a felicidade um par de botas, revela bem a direcção que tomou aquelle singular talento. Já a historia do desgraçado medico que conseguira, sem excepção, metter no hospicio de alienados os habitantes da villa de Itaguahy, sob pretesto de que todos estavam mais ou menos saturados de loucura ; — e mais a nevrose do outro, não menos infeliz, que perdera a noção da divida, fizeram-me lembrar a proposta de Sewift, na questão do pauperismo da Irlanda, — a proposta de venderem-se as crianças para repasto dos ricos e dos lords.

Pois bem, era justamente essa inclinação para os lados trevosos da humanidade que eu necessitava para chegar á descoberta, ou antes á exaggeração de uns certos aspectos novos, que suspeito existirem completamente escondidos no Brazil,

Sim. Eu creio firmemente que a elaboração de quasi quatro seculos terá feito germinar coisas tão extraordinarias que não ha imaginação capaz se quer de medil-as, nem de calculal-as.

E, entretanto, nem eu, nem ninguem as vê. E entretanto essas mesmas cousas existem, passam diariamente ao nosso lado, acotovelam-nos; e nós, insensatos, desferimos o vôo por sobre ellas com a mesma ignorancia e despreoccupação com que nossos antepassados resvalavam pelos phenomenos corriqueiros da electricidade, sem saber que o seculo XIX as tiraria do seu incognito para transformal-as no milhão de applicações com que já vivemos quasi familiarizados.

Só o pensar no seculo XX faz-me estremecer.

O que será o Brazil; o que terá sahido desse enorme broto inconsciente?

Tratemos do presente, analysemos o passado e esperemos o futuro.

Não obstante, convem que não estraguemos as forças do porvir.

Somos ruins. Procuremos o melhor; mas para fazê-lo convem ter mais juizo.

•
• •

O caso.

Apparece agora em Portugal uma publicação com o titulo de *Revista dos Estados Livres*.

São de seu programma as seguidtes palavras :

« Na crise de transformação mental e politica em que vão entrando as duas nacionalidades portugueza e brasileira, filhas da mesma tradição historica, nas quaes o regimen catholico-monarchico subsiste pela inercia, mas sem apoio nas consciencias, é immensamente necessario um orgão critico e especulativo que agremiasse os dous povos para a intelligencia de sua transição inevitavel. Entre Portugal e Brazil existem as bases profundas de uma synthese effectiva como se verificou esplendidamente nas festas do Centenario de Comões; porém, as publicações intitulas *Luso-Brazileiras*, não podendo elevar-se á compreheusão da synthese especulativa, ou accôrdo mental, cahirão diante da chateza da exploração do assignante, obstando pelo descredito á influéncia de um pensamento tão fecundo. A revista procura reatar a alliança men-

tal luso-brazileira; eis o seu fim pratico, resultante do actual momento historico.»

O pensamento e a phrase são todos do Sr. Theophilo Braga.

Lido e relido este periodo, eis-me perplexo.

Nunca um philosopho arriscou um plano mais inane, nem isso que se chama espirito de observação se prestou a mais inconsistente e irrisoria declinação.

Por honra, entretanto, ao illustre historiador, deixo de attribuir a má parte a temeraria proposta, para consideral-a somente o producto da mais completa ignorancia dos elementos que constituem a nação brazileira.

Não basta saber que raças compoem um povo para determinar-lhe a formula; é preciso muito principalmente ver esses mesmos elementos—vivos, em acção, em movimento. Não basta conhecer a anatomia do corpo humano para dizer-se que se sabe o homem; é indispensavel acompanhar experimentalmente o seu desenvolvimento physiologico.

Ora, o autor das *Tempestades sonoras*, n'este ponto, não imagina o que possa ser o paiz de que se occupa, e o que pôde existir de fermentos, sob

essa feição balorda, que é o que apenas se afeiçoa do Brazil.

Não obstante a analogia tirada das colonias inglezas e outras, — o exemplo historico teria sido sufficiente para afastal-o d'essa ideia grotesca de uma impossivel refusão.

Accordo mental! Mas seria necessario que nós, semente desprendida d'aquella arvore milenaria, reproduzida e transformada, fructificando em novo solo, em regiões completamente diversas, produzindo garfos estranhissimos, recebendo enxertos fortissimos; que nós fossemos agora mentir a todas as leis sociologicas, aniquillam os impulsionamentos heroicos, que tendem a afastar-nos, dia a dia, do tronco de onde sahimos, reagindo contra o austofabricitante que nos impelle á assimilação das qualidades d'aquellas raças progressivas possuidoras dos elementos de que mais carecemos para sahir do *in pace* politico.

Não ! mil vezes não !

E perdoem-me os moços estudiosos, redactores d'aquella revista, que um brasileiro lhes falle a unica linguagem sincera e verdadeira, e expendam francamente o unico programma aceitavel de relações entre o reino e o imperio.

Vae em traços fugitivos: mas essa questão será brevemente tratada com toda a seriedade que merece, documentada com a historia e com as peças estatísticas relativas ao movimento da civilização na Terra dos Brazis.

A) E' natural que o Sr. Theophilo Braga e os seus collegas da *Revista* fação a proposta. O sentimento é profundamente cosmopolita; mas nem é portuguez, nem vem com verdadeiro rotulo. Neste ponto Camillo Castello Branco procede com mais logica.

O elemento propulsor dessa proposta pode-se definir em duas palavras.

Quer confessem, quer não, a patria lhes é hoje insufficiente. Esse grupo de moços alentados por sentimentos que nada mais tem de commum com a contextura moral de sua terra, em ultima analyse, experimentam uma revolta contra o proprio meio em que vivem; não acham uma base solida, que suporte reorganisação, nem materia plastica que se preste aos novos moldes por impor. D'ahi um inconvenientissimo movimento atravez do Atlantico procurando um publico a quem se affeioem, com quem possam contar, em quem influam.

No fundo não vejo nisso senão uma reorganisação psychica; o que é um notavel erro, senão

uma imperdoavel pretensão. Uma violação de todas as leis conhecidas, que só poderia ter um pequeno curso, se nos prestassemos a acceitar como vehiculo da nossa instrucção na Europa os expositores portuguezes.

Ora, a realisação dessa ideia oppõe-se antes de nós a claresa dos factos e dos resultados.

B) Como influencia mental a lição portugueza é perturbadora da nossa evolução natural.

Somos hoje uma amalgama. Accresce o facto muito significativo que no continente americano a civilisação não encontrou mais campo para onde projectar-se. Parou nos Andes. Temos pois, como a onda, de refluir, por falta do derivativo da conquista, reagindo sobre a maneira occidental. Querer guardar puros os caracteres desta civilisação, tão puros como os imaginou Comte, é ir de encontro a maior força reconhecida em sociologia, que é a resultante do imprevisto da fusão das raças e da immersão desse precipitado em regiões, cujos recursos sejam pasmosos.

Todos sabem que nenhuma doutrina calhou tanto em Portugal como o Comtismo, e ha de ser acceita por todas as nações decrepitas, inca pazes de se renovarem por si mesmas, sem influencia da força extranha ; porque essa doutrina foi talhada, ao que

parece, para consolo e socego das nações que na Europa attingiram o estado concreto.

Accresce a isto o seguinte : que nesses paizes o que ha de concentrador em tal systema tende a aggravar-se cada vez mais ; e os proprios factores do pretendido *progresso na ordem* não podem mesmo calcular o mal que nos virão a causar, injectando em nosso funcionamento elementos já visivelmente contrarios a sua marcha natural.

O americano repelle como antipathicos a sua natureza eminentemente aberta, expansiva, arrojada, os pessimismos de Comte em philosophia, e de Zola, por exemplo, em litteratura.

Não será talvez fóra de tempo dizer que esses pontos de vista vão d'aquí a annos tornar-se para nós acanhadissimos, para nós que como os nossos irmãos do norte recebemos diariamente extranhas assimilhações. A nossa concepção positiva tende a ser cousa muito differente.

Toda a doutrina caduca é enormemente anarchica. E é essa anarchia que inconscientemente o Sr. Theophilo Braga e seus collegas tentam inocular em nosso organismo.

C) A tradicção portugueza não nos deve interessar tanto como aos que della vivem unicamente.

Se em Garrett (Camões) e Alexandre Herculano (Eurico) teve ella um certo sainete pictoresco; isto já constitue um facto passado. A queda do romantismo, a critica realista levou os destroços dessa curiosidade com os detritus arrastados no enxurro.

Preoccupa-se com o passado quem não tem futuro. Só os velhos aprazem-se em avivar a memoria dos tempos idos. Os moços revolvem as cinzas de onde sahirão, emquanto procurão os elementos necessarios a coodenação do presente, mas com os olhos sempre finos no horisonte luminoso que os attrae.

O que nos adiantaria compartilharmos dessa preocupação constante das antigas navegações? meigulhar-mo-nos no subjectivismo atroz, que faz padecer os moços a quem me refiro? Nada.

Seria-nos isto ao contrario fatal, do qua já tivemos um pequeno exemplo na festa do centenario de Camões. Esta festa, erguendo o orgulho colonial, amesquinhou o espirito nacional.

D) No coice desta procissão ostenta-se a questão economica, de todas a mais grave, e que fecha o resto das considerações como em chave de abobada.

Refiro-me a differenciação da colonia portugueza, rica e numeroza.

A sua solidariedade cresce dia a dia ; e o brasileiro diante desse phenomeno pujante cada vez se sente mais distanciado, menos portuguez.

Isto é um facto que só negão hypocritas, brasileiros e portuguezes, que vivem a abraçar-se n'uma fingida sinceridade, que tem sua base principal na praça do commercio.

Não ha negar que isto constitue perigo immenso. A historia o demonstra a cada passo. Demonstrão-o o exodo dos judeus no Egypto e as ultimas dissenções dos chins na California.

Convém, portanto, que nem os espiritos eminentes do outro lado do Atlantico estejam a ensaiar sonhos a Vieira, nem os d'aqui mantenhão essa illusão aos de lá com promessas vãs, utilitarias.

Só ha um meio de obviar o choque de duas massas que se extremão : é abater uma e obriga-la a absorver-se na outra, subordinando-a a uma nova coordenação de moleculas.

Fazer o reino acreditar em uma *entente cordiale* com o imperio e animar as pretensões manifestadas pelo orgão dos seus mais audazes, é um erro deploravel.

Venha a grande naturalisação ; e que toda essa gente, que por ahi anda a olhar-nos *surnoisement*, assumo no paiz a responsabilidade individual e

collectiva. E que nunca mais se ouça estas palavras: — que os portuguezes são donos desta cidade porque trabalhão, mas que della não se occupão porque não podem perder de vista as honras e prebendas, que lhe vem do velho continente.

Sejam estas phrases recebidas como regente posto por mão cordata e sincera. O que convem presentemente é que não pensem mais em educar canarios no reino para virem cantar no imperio.



Este assumpto traz-me naturalmente ao bico da penna duas palavras sobre o notavel discurso proferido no Rio-Grande do Sul pelo Dr. Assis Brazil sobre o seguinte assumpto : — *Unidade nacional*.

Quando se trata, por uma meditada fusão de elementos, de espurgar do paiz o vicio hereditario, que nos legaram judêos e arabes, duas detestaveis raças, que por muito entraram na composição da indole dos nossos colonisadores, aguçando-lhes a avareza, a lubricidade e protraindo o desenvolvimento dos sentimentos affectivos ; quando se cuida de refundir o coração da nova raça com a assistencia e a mescla de sangues mais quentes, mais vivificadores, não é muito que se pense tambem na estabilidade desse grande corpo, chamado Brazil, e que se combata a pernicioso idéa de esdruxulas separações.

Ninguem ignora que é o sentimento de superioridade a alavanca com que as nações marcham e entestam difficuldades. Foi com esse sentimento

que o Brazil desprende-se da metropole, di-lo Capistrano de Abreu na sua já citada these. Foi com esse sentimento que conseguiu um lugar proeminente na America do Sul. Constitue elle, portanto, a base principal de nossa historia. Supprimi-lo quer dizer o mesmo que retrotrahir; retrotrahir, perdendo-o, equivale a amesquinhar-se, diminuir a marcha do progresso.

Ora, é evidente que qualquer pedaço do Brazil não será o mesmo que o Brazil; e brasileiros desmembrados não terão de si a mesma idéa, a mesma segurança, a mesma coragem, a mesma resolução que não o sendo.

As Polonias são poeticas; mas, fortes, logicas é que não.

Eis o que, com argumentos equivalentes, procurou demonstrar o illustrado conferenciador.

O Dr. Assis Brazil é um dos espiritos mais lucidos que abrilhantam a nova geração.

A sua *Republica Federal* e a sua *Historia da revolução de Piratiny* já lhe haviam conquistado lugar entre os poucos pensadores que possuímos. Simples na forma, concreto e limpido no fundo, o seu talento avantajase e progride dia a dia.

Ninguem mais apto e mais bem arcabouçado para pôr um dique aos românticos desvairamentos

do senador Silveira Martins, um homem de talento também, mas que, com grande prejuizo para a provincia, ainda se esvae nos sonhos dos *condotieri* da Italia antiga ou das dictaduras gâmbettianas.

Ao Dr. Assis Brazil um pedido : oriente os seus patricios, e salve-os das fronteiras, consolidando a ideia, com que hão de commungar todos os moços, — de que o Brazil só será verdadeiramente grande quando tiver uma forte politica, escudada em uma completa descentralisação administrativa.



Atraz de um discurso outro não menos importante, — o que o deputado Spinola proferio em sessão de 23 na camara dos deputados.

Com muita graça atirava-me um amigo ha dias uma pilheria: — que enquanto não arrazassem o morro do Castello não teriamos politica que prestasse, pela simples razão de que, não podendo o vento varrer os miasmas palustres da planicie, ficariam estes actuando indefinidamente sobre os orgãos dos que dirigem ou concorrem para a direcção de nossas cousas.

Ora, o Sr. Spinola, que, ao menos á primeira vista, parece o que os inglezes chamam um orador *self made, self taght*, bem podia constituir-se o arrazador desse morro do Castello, que em politica impede a correnteza dos ventos da abolição.

O seu discurso sobre a ultima phase da questão servil foi o que se póde dizer uma cunha mettida á força no parlamento, mas que abriu uma fenda, que vae tornar-se profundissima.

Agora o que resta é que por alli penetre o grosso do exercito libertador.

S. Ex. veio no momento preciso, e com muito criterio e acerto medio com o seu olhar de moço crente e entusiasta a patrulha negreira, que em 1871' empregava todos os esforços e desencavava todos os sofismas perversos para impedir que a obra de Rio Branco se consumasse, — a mesma patrulha, que apoiou Martinho Campos no poder, e que pensa ainda hoje conseguir a confusão dos argumentos dos interesses seus, particulares, com os argumentos economicos.

Já chegou o tempo, porém, de desilludir-se o paiz.

Não se decretou a lei da extincção completa do elemento servil! Nada se fez, nem se cogita fazer! Porque?

Porque os representantes dos municipios agricolas, talvez mais inspirados em si, no seu orgulho, nos seus interesses politicos, no seu pyrrhonismo, do que no pensamento real apurado da maioria dos agricultores, resistem, capricham em resistir, e olham provavelmençe para a inercia do Sr. Lafayette como para a melhor garantia da estabilidade dos seus planos anti-nacionaes.

Estes homens estão trahindo o Brazil; e nem é

possivel admittir que os vencidos de hontem, aquelles mesmos que foram esmagados pela Lei de 28 de Setembro estejam agora a impedir a marcha de um carro, que traz a velocidade de 12 annos.

E, por uma vez, deixem-me fallar com a franqueza que me caracteriza.

Desde aquelle nefando ministerio que o chefe dessa patrulha sondou o animo dos chefes liberaes, e fez com elles o *pacto tacito* de sustental-os no poder, de qualquer maneira. No parlamento os olhares cruzam-se e entendem. O momento determina a natureza dos *choques* com que se tem illudido o paiz, aparentando uma resistencia ao gabinete, que não existe virtualmente.

O Sr. Lafayette terá do Sr. Paulino de Souza todas as concessões que a *boa causa delles* exigir.

A prova de tudo isto está no modo porque se arrolhou a discussão da falla do throno, depois do discurso do Sr. Spinola; e a confirmação de tudo encontrará perfeito quem se der ao trabalhos de dissecar esse discurso, que o Sr. Belisario atirou como dardo de Partho, falsificando estatisticas relativamente ao norte, aonde a propaganda é mais vehemente e accentuada.

Comtudo a anciedade permanece. e creêm todos que o discurso do Sr. Lafayette, respondendo ao

Sr. Silveira da Motta será fonte de *grande renda* para a propaganda abolicionista.

Já agora fica o paiz sabendo de onde parte uma certa jurisprudencia, que tem sido encampada pelo Supremo Tribunal de Justiça, isto é,—**QUE A LEI DE 28 DE SETEMBRO ANISTIOU COM A MATRICULA ESPECIAL E CONSOLIDOU** (este verbo encontrei-o em umas razões do muito illustrado advogado Souza Ribeiro) **TODOS OS DIREITOS AOS IMPORTADOS DEPOIS DA LEI DE 1831.**

Felizmente dentro daquella Troya sitiada ha 12 annos, já penetraram os arteficios de Ulysses.

Nós os abolicionistas estamos occultos na nova Tenedos ; só aguardamos que do bojo sonoro do cavallo enorme desça para dentro daquellas muralhas o punhado de gregos valentes, que nos hão de abrir as portas da cidade inexpugnável.

O discurso do Sr. Spinola teve esta grande vantagem, —derramou, de perto, sobre a cabeça empedernida dos esclavagistas todo o arsenal de argumentos, fundados em factos, na estatística, na historia, na experieucia e na boa razão, de que hoje dispõe o partido abolicionista, que, afinal de contas, nem mais este nome póde ter, senão o de uma corrente sympathica, irresistivel, que envolve todo

o paiz, pondo os proprios inimigos da idéa pallidos e descoroçados.

Este olhar triste, dos que saudam Cezar victorioso, na hora de morrerem, é mais que muito conhecido.

Cezar aqui é a grande opinião.

Hoje pouco nos importa a impericia de uns, o descuido de outros, a maldade e más intenções de não poucos nessa questão. E' lei sabida que, toda vez que uma corrente destas se estabelece, toma curso, encaxoeira, e faz regimen, entusiastas, fanaticos e até especuladores são factores inconscientes, que augmentão o rythmo. Tudo cede, tudo é arrastado pela força superior.

O que não pode haver é indifferença ou distracção. E indifferentes é o que julgo não existir mais n'essa emergencia social. Parabens á patria!



Enviam-nos de Portugal dois livros: um do Sr. Teixeira de Queiroz, *O Sallustio Nogueira*, e outro do Sr. Tarroso *A poesia philosophica*.

Quanto ao primeiro pouco ou nada ter-se-ha a acrescentar além do que se disse pró e contra quando foram publicados *Os Noivos*.

Um discipulo perfeitamente acabado de Emilio Zola. Timido quando explora o scenario e os personagens originaes de sua terra; audaz quando reproduz scenas já desobstruidas pelo mestre. Menos espontaneo do que Eça de Queiroz, é comtudo mais correcto e talvez mais fiel á marcha do processo imposto pelos Zolaistas.

O Sallustio Nogueira não tem a mesma verve do *Primo Basilio*. É monotono e em mais de um capitulo encontro a mesma disposição de scenas de *Son Excellence Eugene Rougon*.

No mais lembra uma paysagem hollandeza, perfeitamente limpa e assejada. Ha alli a extrema preocupação ou o cuidado da vassoura e do penacho.

Quanto ao Sr. Tarroso : justamente o contrario. Um homem alcantilado, cheio de gargantas escuras, de escabrosidades, que se apresenta ao mundo philosophico e litterario, dando grandes brados, como quem diz :—Aqui estou do outro lado da torrente, aonde vocês nunca conseguiram chegar ; venham, se são capazes !

Pela sua *Philosophia da Existencia*, obra em que o novo philosopho se propõe a dar uma outra classificação das sciencias, e uma theoria estranha para substituir as de Comte e Spencer, já o conhecia como um original de largo folego e um portentoso devorador de livros.

Na idade de 21 annos escrever um tratado para reorganisar a mentalidade humana, já é alguma cousa ! E o Sr. Tarroso não se descuidou de pôr o facto bem em evidencia, dando o seu certificado e encarregando-se de narrar certas meninices, que elle considera prova de sua origem divina.

Pois bem, ei-lo de novo em publico com um livro escripto ás pressas em que estabelece um *programma sobre a renovação scientifica das litteraturas* e dá-nos um *excerpto da poesia nova*.

Pela apresentação é facil comprehender que o homem pretende saltar por cima de todas essas

manifestações modernas, a que se tem dado o nome de *realismo*, *naturalismo*, *impressionismo*, etc.

Mas quando julgava encontrar uma natureza shakespeareana, colossal, dei de ventos com a simples *bevne* de um espirito inquieto, que não teve tempo para saber o que resta a fazer e que se põe a dar como novidades o que não passa, para os que enxergam, de reproducção de vícios contrahidos em prolongadissima transicção.

Em todo caso o Sr. Tarraso é um inimigo acerrimo do romantismo. Mas é ahi justamente que está o ponto da questão.

Em quanto houver quem ataque o romantismo quem tema o romantismo, quem se enfureça contra o romantismo, pôde-se, sem receio affirmar : ainda vivem românticos.

Ninguem ignora que uma das mais importantes características dessa phase litteraria foi a volta ao passado e a paixão pelo pittoresco archiologico. Como tudo, porém, tem seu tempo, sua medida, proporcionou-se uma reacção a esse exagero ; atrás da reacção veio a critica scientifica, que se encarregou de demolir os monumentos ; e como os successores dos poetas de 1830 soubessem que era uma miseria, uma verdadeira debilitação estarem a bater naquella mesma tecla, começaram a ter

horror áquillo mesmo que constituia as delicias de outr'ora. O Sr. Luciano Cordeiro chamou a isto de masturbação litteraria.

Pois bem, os realistas deixaram-se apoderar de um medo horrivel pelos defnntos e pelas ruinas. Fortalecidos, então, um pouco com a nova lição, esse medo converteu-se em odio.

A ultima pleiade, entretanto, tem-se proposto a rir um pouco das cousas sagradas. Mas, estou capacitado, que esse riso, ainda vem acompanhado de um residuo daquelles antigos sentimentos. Faz-me lembrar o assombrado que atravessa a estrada deserta, em noite de luar, a assoviar ou a cantarolar. Um Vasques na scena da encruzilhada na *Loteria do Diabo*.

Ora, eu desejaria que o Sr. Tarroso apresentasse um especimen de poesia completamente desassombrada, uma coisa assim como os romances californianos de Bret-Harth, de todo despreocupado desses phantasmas, que na crise se afiguram dogmas de escolas, quando não passam de impressões vertiginosas, de cansasso mental, de falta ainda de saude.

Diz o Sr. Tarroso que :

O monstro do passado, o horrendo masthodont
cahira fulminado na vasa vil do Escuro,
olhando sufocado o limpido horizonte

que mostrava a surgir dos lados do Futuro, uma explosão enorme, um grande mar de luz, que vinha illuminar a escuridão da serra, e sepultar na sombra o rubido abestruz. O vulto do Passado ergueu-se por instantes hediondo feroz e cheio de rancor de quem sente chegar os ultimos momentos e ruge maldizendo a derradeira dôr.

Pobre passado ! apesar de não existires senão na imaginação do homem, ainda assim ha quem se previna contra ti, sombra impalpavel, e pretenda varar-te o coração !

Decididamente emquanto houver quem escreva substantivos abstractos com maiuscula, o espiritismo terá proselytos sobre a terra.

E creião os que me lêem ; em litteratura, apesar dos experimentalistas, que examinam os textos naturaes nos seus laboratorios, atravessamos uma verdadeira phase spirita.

Digão os mais audazes o que disserem. Elles tem medo da obsedação e por isso fogem ás leguas dos mediuns.

Por isso é que devemos tratar quanto antes de yankeesar-nos.

ARARIPE JUNIOR.

FIM

LUCROS E PERDAS

Monarchia temperada e destemperada.— O paiz dos sonhos.—Principes para um almanack de Gotha.—Neptuno-Equestre e as nossas Sabinas.—Partidos velhos e programmas novos.—Os que não dormem. Fama transatlantica.—Congressos e Botecudos.—Diplomecia para afilhados.—O senado e o povo braziliense (S. P. Q. B.).—Escravos e jesuítas.—A arca santa.—Soluções astronomicas.

Commemoremos uma phrase de Lafayette, do Lafayette authentico, daquelle que foi marquez e republicano, e não deste que, se foi republicano, ainda não é marquez.

Quando o povo pariziense, depois das barricadas de Julho, pedia em altos brados a proclamação da republica, o velho paladino da liberdade, abraçando-se com Luiz Felipe, exclamava no Hotel de Ville: *voilà la meilleure des républiques!*

Como aquella Orleans foi a melhor das republicas sabemos todos nós de cór e salteado. Entretanto não se póte dizer que a phrase haja naufragado depois dos crueis desenganos que a Democracia teve em França.

Ainda ha quem diga, olhando para a nossa velha carta constitucional e para o philosopho coroado que nos governa, com ella no bolso: que esta monarchia brazileira é a verdadeira republica de Platão.

Quando o orçamento escancara-se para receber as gothicas vergenteas enxertadas na arvore bragantina, clero, nobreza e povo cotizão-se risonhos e dadivosos, qual mais apressurado em tornar-se materia talhavel e corveavel, para brilho das instituições que felizmente nos regem...

Ahi está o parlamento n'um verdadeiro *sursum cœrda* para opulentar a lista civil.

Elle vai obrigando á nação a afirmar simbolicamente, que perfilha todos os principes allemães

do Duque de Saxe, e os italianos do Conde d'Aquila, sem metter em conta os pequenos orleanszinhos do Conde d'Eu, alteza imperial e *real* (?).

O que temos nós ganho com este governo, que já dura mais de quarenta annos, de uma monarchia burgueza, media, rubicunda e prolifica, sem outros intuitos que o de sua conservação ?


O imperador observa os astros e hebraisa ; a princeza imperial canta no côro as lôas do mez mariano ; o principa consorte, a pretexto de infancia e pedagogia ao desamparo, sonha com seminarios de lazaristas e salesianos ; e os outros principes do orçamento bocejão palitando os dentes.

Entre os ultimos avulta pelos ademanes senhoris e figura de personagem dos Niebelungen o profugo duque de Saxe-Coburgo-Gotha, que nos visita em épocas apertadas, cometa que gyra muito longe do nosso systema planetario.

Vem elle agora do perihelio, depois de haver corta doa orbita do Thesouro.

Quando reapparacera outra vez ?

Não esqueçamos que a marinha brazileira teve no duque de Saxe um almirante, tão perfeitamente como o exercito ainda tem em S. Jorge o mais antigo de seus generaes.



O santo nunca pelejou, mas recebe as contingencias do estylo e acompanha procissões com o luzido estado maior.

Se o nobre duque usa de esporas como qualquer almirante suiso, é que Sua Alteza tem por patrono aquelle Neptuno-Equestre de que fala Tito Livio, e que deu lugar ás festas que terminaram com o roubo das Sabinas....

Os partidos constitucionaes morreram, e ninguem lhes fez o necrologio.

Liberaes e conservadores viveram sempre a contradizer no governo aquillo que disseram na opposição.

Estes caçavam nas terras d'aquelles, que a seu turno invadião os dominios alheios.

Um só exemplo basta para que fique em relevo a serie de mystificações :

Os conservadores, depois de haverem acabado com o trafico de africanos, promulgaram a lei de 28 de Setembro.

Os liberaes fizeram a eleição censitaria, e crearam o eleitorado burocrata e plutocrata.

Afinal os dous partidos cançaram e entenderam que o melhor era nada mais emprehender.

Ler os discursos parlamentares é ficar sabendo menos que antes da leitura.

Charadas sem conceito, decifral-as só por iluminação do deus do cahos.

Esses partidos, que deveriam ser o quebra-mar em torno da realeza, deixaram esta ao desabrigo e salpicada com a espuma das ondas.

Falleu-se por algum tempo de um partido republicano, que surgia triumphante desse descalbro de opiniões monarchicas.

Mas onde estão os republicanos, e como elles affirmão a vitalidade da democracia pura entre nós?

Por meio de theorias abstractas e da poesia lyrica de alguns ideologes?

Affirmará a existencia da republica esse grupo de rapazes que abjurão periodicamente, e aquella patrulha de velhos desenganados e quasi os umbraes da morte?

A republica é ultimamente um paiz desacreditado em a nossa geographia politica.

Como essas terras encantadas, cheias de ris nhas chimeras, já houve tempo em que ella surgio no horisonte da vida publica como um oasis bemdito.

Quando outr'ora se fallava em republica, o povo

estremecia ; pairava um terror sagrado em torno dessa palavra. Era o sublime incognoscível.

Confessar-se republicano só podia ser caso de consciencia; e jámais uma leviandade de momento.

Parecia que lá, no ambito da republica que a imaginação idealisava, havia uma aragem de esperança, uma atmospherá scintillante de radiações.

Era assustador, entretanto, caminhar para lá, Ia-se mais pela repulsão do presente do que pela atracção do futuro.

Um manifesto republicano era documento, como as taboas da lei, para ser lido por entre os trovões do Sinai.

Hoje os republicanos levaram novas crenças ao povo, que suppõe a republica uma especie de ilha da Baratária, paiz de troças, e onde Sancho Pauça é quem governa.

Já não é a patria sonhada por Tiradentes, mas a patria dos Silverios em quinta e sexta dynamisação.

O que foi a republica depois da inconfidencia?

Desde o republicano armado de espada até o que vibra esse outro gladio, chamado a penna, o que temos nós visto?

Piratinim rendendo-se não pelas armas mas

pelas balas de ouro da monarchia ; a revolução de Minas inaugurada com a proclamação do barão de Coaes, dizendo que convinha libertar o imperador da camarilha palaciana ; os *praieiros* de Pernambuco batendo-se com as tropas da legalidade e dando como ellas vivas a D. Pedro II e produzindo o conselheiro Lopes Netto ; os patriotas de 7 de Abril deitando Pedro I fóra da barra e fazendo guarda de honra junto ao berço do infante imperial ; Timandro protestando obediencia sem limites e na posse de irrisorio viscondado ; os signatarios do manifesto de 1870 arvorados em secretarios e *maires* de palacio ; a mocidade academica dos clubs jacobinos representada pelo actual ministro da marinha e pelo sobrinho do ex-ministro da guerra !

Forão os repnblicanos que desacreditaram a república.

Engañão-se os que dizem que os renegados é que estão mortos ; não ! . . . esses filhos perversos assassinaram sua mãe fazendo o povo rir-se á custa d'ella.

E é neste momento que um varão de severo character, como o senador Silveira Lobo, falla em por-se a caminho para a republica !

Mas é uma terra inabarcável. Quem hoje o levará até lá ?

Conhece S. Ex o roteiro da costa ?

Já foi ao escriptorio dos paquetes que viajam nesse Mar Morto entre ella e a monarchia ?

A viagem para lá deve de ser fastienta :

O velho senador terá por companheiros alguns escravocratas que se fizeram inimigos do imperador porque este quer a emancipação dos escravos ; varios estudantes de preparatorios, membros do club *America Livre*, que ainda fazem themas sobre os Gracchos e Spartaco ; e muitos politicos commodistas, que, por estarem de baixo, dispensarão-se de escrever ás influencias da provincia, sob o pretexto de que já sahiram para fóra dos partidos constitucionaes.

Na viagem de volta, o paquete trará muitos dos taes, já abjurados e promptos para nova faina ..

Evidentemente é o paiz dos sonhos, mas dos sonhos da mocidade.

Entretanto, a mocidade de ontr'ora, quando mettia-se a sonhar, fabricava castellos mais graciosos.

Sonhava festas feericas, lagos de crystaes, arreboes sonorosos de gorgeios, e luares coados atravez de mysteriosa ramaria.

Para os sonhos da velhice ficavão as soluções dos babelicos problemas sociaes, as confabulações com essa esphinge da alta politica; as amarguras de quem desespera da patria e das instituições.

A mocidade de hoje, que não teve adolescencia e que sahio da infancia rachitica para essa juventude *blasé* e arrebetada ; que é um *gommeux* no mundo da elegancia, um zolista em litteratura, e um utilitario em politica : essa mocidade deu para ter sonhos phantasticos, em que a republica apparece como o advento aos mais altos cargos da governação do Estado !

Uma pasta ministerial passou a ser a tetêa, o bonito appetecido pelo nhonhô dos sonhos politicos.

Ora, entre pasta e pastinhas ha realmente sua differença. Se para trazer estas é bastante uma cabeça bem torneiada, embora com interior sem mobilia, para trazer e possuir aquella não é essencial tão inteira carencia de miolo.

Convem ter algum, mesmo porque a pastinha é o agradavel, e a pasta deve de ser o util.

Para esses sonhadores mais valêra o dormir sem sonhos do monologo de Hamleto.

Ao menos não estaria malsinada pelas verduras da mocidade essa terra de refugio para onde os

desenganados, como o senador Silveira Lobo, se atirão descrentes das instituições e dos homens do seu tempo.

Nem a republica-sonho e nem a monarchia-pesadêlo.

Precisamos de um medico, ainda que elle o seja apezar seu, como Sganarello, que tome conta desta enfermaria politica.

Menos hatchis aos sonhadores da mocidade, e ponderado regimen dietetico aos plethoricos do orçamento.

O paiz precisa de somno tranquillo e reparador, depois de vigilia salutar, operosa e productiva.

. . .

Ha nas regiões superiores, lá onde paira o sobrenaturalismo do nosso governo, uma sêde inextinguível de nomeada ultramarina.

Ter fama limitada pelos Andes e pelo Atlantico é pouco para quem reputa essa area uma clausura.

E' preciso que a Europa falle de nós, ou antes que o mundo inteiro falle daquelle, que já foi denominado o grande Eu nacional.

Os congressos internacionaes se succedem e, em todos elles, os nossos delegados assoalham cousas assombrosas relativas ao adiantamento que temos adquirido em todos os ramos da actividade social.

E' assim que, em Genebra, asseguramos perante os mais notaveis hygienistas, que o café brasileiro bane o alcoolismo das estatisticas medicas do paiz ; e que, em Paris, espantamos os congregados de todas as partes do mundo, mostrando os typos de casas que temos para azylo e educação da infancia desvalida.

Fazemos com que se occupem de nós lá fóra, e isso deve satisfazer o amor proprio nacional.

Como estribilho obrigado de todas as menções honrosas que obtémos : a declaração que sómente Pedro—o grande foi que fez grande a Russia.

E' conselador, não ha a menor duvida...

Ha entretanto, algumas tristes discordancias no bynno triumphal que chega nos do exterior.

Não falaremos da malfadada indemnisação Tripoti que produzio soturno charivari de notas diplomaticas, onde a melodia italiana não é seguramente o thema predominante.

A presença, em Londres, de uma horda de Botocudos, arrancados de suas tabas, fala de sobra em nosso abono nas plagas do velho mundo.

E' uma historia bem triste a d'esses mizeros indigenas :

Seduzidos por alguns empresarios de anthropologia industrial, embarcaram no Espirito-Santo sem saber o que ião fazer á bordo da fumegante igarité.

Disserão-lhes talvez, que, além das montanhas azues, irião ver as aldeias de tribu festiva e guerreira, que os esperava entre nuvens de petum e libações de cauim, para dar-lhes o tacape emplumado de chefe, e ali viverem em tripudios ao som do trocano e do boré.

Os ingenuos selvícolas partiram, e aportaram em Inglaterra.

Expostos em uma barraca de feira, como curiosidade zoologica da fauna braziliense, atrahiram milhares de espectadores admirados dos urros e bramidos dos desgraçados.

Para tornal-os mais originaes, recuzavão-lhes alimento até a hora do espectáculo!

Urgidos pela fome, devoravam então, como verdadeiros cannibaes, a carne crua e ensanguentada, que lhes atiravam.

Assim viveram algum tempo, até que, segundo informações recentes, succumbiram dous dos mais martyrisados.

Esses selvagens, embarcados como mercadoria bruta, ou como aquellas alimarias que outr'ora iamos buscar á costa d'Africa, quando as justicas d'este paiz deviam velar por elles,—os interdictos da lei ; — esses pobres aborigenes, que se internaram nas florestas para dar lugar ao deshumano colonnizador que caça-os como animaes ferozes ; esses brazileiros sem institutos, sem azilos, e sem amparo, lá estão falando do nosso adiantamento e offrendo variantes ás menções honrosas, que nos enviam os congressos internacionaes!

A exposição de Botocudos completa a exposição pedagógica.

Fôra conveniente, em vez do compadrismo official cogitar da missão extraordinaria, que liquide em França os nossos limites com as Guyannas, enviar já e já embaixador qualificado aos caciques do interior, a fim de explicar-lhes o que fizemos de nossos irmãos, e renovar tratados de paz com as tribus esparsas, desde o Amazonas até o Prata.

Essa questão do Oyapok não existe, e será necessario fazel-a previamente, antes de ser envernizada a missão especial.

A questão com os caboclos é mais real e tangivel.

As Guyannas não podem desconfiar de nós, desde que mandamos até suas fronteiras o Fagundes Cayapó, explorador de diamantes, e Boufier Barrelino, explorador da andiroba.

São dous nuncios da industria, e, por consequencia, da paz.

Não estejamos a inventar pendencias com os vizinhos do extremo norte, depois de tantas ballelas de *causus belli* no sul.

As questões platinas estão adormentadas, e ainda bem.

A teia de Penolope, que se tece n'aquelle rio das nossas pratas, teve uma phase de repouso.

Agora parece que não ha malhas novas.

Esse repouso seria completo se os governes das urdiduras embaraçosas se lembrassem de queimar os archivos que herdamos da Hespanha e Portugal.

Temos gasto sangue e dinheiro para provar que são nossas umas nesgas de atoleiros e pantanaes, em virtude do *uti possidetis* contestado.

Gasta-se erudição pulverenta e difusa para mostrar, por exemplo, que D. Lopo Barriga esteve nas Missões, no Sacramento, ou na Candelaria antes de qualquer marco castelhano n'aquellas terras!

Alfarrabio contra alfarrabio, calhamação contra calhamação!

E, sobre toda a argumentação, uma athmosfera de traças e poeira tradicional!

Mas, o que temos nós com essas velleidades de Castellá e Luzitania ha dous seculos?

O que nos convem não é a fronteira historica e pre-historica, mas a fronteira geographica, estrategica, scientifica.

Queimemos os indigestos cartapacios, e verifiquemos nossas questões de limites á luz de um di-

reito novo, americano, sem o mínimo parentesco com os odios de raça de nossos antepassados.

Ou antes, não toquemos mais em taes assumptos, e deixemos o Prata e o Oyapok livres dos bons officios da diplomacia, e dos bons arranjos para o filhismo.

Basta-nos luzir na Europa, e applaudir o que já se diz de nós no Instituto de França e nas operetas de Offembach...



A vitaliciedade do senado esteve em apuros!

Houve quem conhecesse o perigo daquelle ninho do Egoismo.

O senado brasileiro (S. P. Q. B.) é producção hybrida, filho de contubernio sacrilego entre o suffragio popular e a escolha magestatica.

A lista triplice é um trabalho de eunuchos. Levada a palacio, o lenço do sultão iudica a preferencia.

Nessa preferencia tem havido verdadeiras monstruosidades de apreciação.

Ou camara hereditaria e de nomeação regia, ou o senado belga em contacto activo com as aguas lustraes da opinião.

A caravana que vemos acampada no velho casarão do Conde dos Arcos é simplesmente impossivel.

Por algumas cabeças pensantes, muitas que já não tratão de pensar.

Varios antiquarios que aferrolhárão-se no passado e não abrem ao espirito uma unica trapeira por onde possa penetrar a luz do progresso.

Muito septuagenario caduco ou reconduzido á infancia, pelo que já não tem os quarenta annos da constituição, e nem mesmo os precisos para uso da razão.

E todavia os peiores são os bons, os validos, que se emancipárão das urnas, que derão costas ao eleitorado e, desagregados das idéas em circulação, sómente fallão pela boca de seus interesses e do interesse da prole.

Ah, a temporariedade do senado daria a esses menos audacia para menoscabar dos programmas a que jurárão lealdade; menos temeridade para romper compromissos e desdenhar daquelles que os elevarão em seus escudos. . .

Entre os taes parece correr aquelle rio do esquecimento de que falla a mythologia.

Para o amollecimento cerebral, — a molestia dos estadistas intertropicaes, — bem como para a ossificação das fibras patrioticas, — a molestia dos medalhões precoces —, só ha um remedio, verdadeira Avelleira Magica para cura radical : é a temporariedade do senado.

Foi repellida a projectada reforma, ou antes a convocação de uma Constituinte para revisão da *Arca Santa* (gentil euphemismo!) que precisava de ser calafetada e alcatroada nesse ponto?

O parlamento não se abalçou a tanto; o que não obsta que seja de ruim agouro para a camara vitalicia esse esforço para supprir-lhe o elixir de longa vida.

Ha todavia uma instituição mais decrepita do que o senado: é a escravidão, que, entretanto, mantem-se tal qual como o outro anachronismo que se chama religião.... do estado.

Felizmente, para acabar com o captiveiro, não precisa tocar na Consituição.

Infelizmente, porém, nenhum governo trata de fazel-o, embora não seja decente que sómente nós, na America, e a Turquia, na Europa, conservemos ainda a negra instituição.

Ora, se a Sublime Porta não póde ser considerada uma nação civilisada, não é justo que o Brazil, que presume sel-o, fique muito satisfeito com o sublime parallelo.

E' certo que o ministerio actual acaba de oferecer ao poder legislativo um projecto concernente ao estado servil, mas um projecto empirico

de quem não quer resolver, porém contornar a questão e talvez confundi-la.

Tambem forão dizer aos nossos estadistas que o Brazil é o café e o café é o negro, e ei-los apavorados com a solução de um problema que considerão merecedor de ser posto em equação sómente no valle de Josaphat.

Primeiramente, se é certo que tudo quanto somos devemos ao braço escravo, a boa logica e a boa philantropia mandão, que façamos alguma cousa pela misera raça que tudo tem feito por nós.

Em segundo lugar, não é verdade que a lavoura do Brazil seja o producto exclusivo da escravidão.

Acceitando mesmo o algarismo official de um milhão e trezentos mil escravos existentes, metade delles estão empregados nas cidades e povoados, em misteres estranhos á industria agricola.

☞ Basta compulsar a matricula da côrte e a de outras capitaes para verificá-lo.

Feito esse desconto, o dos invalidos e muitos outros descontos mais, restaráõ, quando muito, quinhentos ou seiscentos mil escravos entregues ao serviço rural.

☞ Ora, com certeza, basta estudar o algarismo

de nossa producção para concluir que ella não é o resultado unico do trabalho escravo.

Ha muito que o trabalho livre coopera grandemente como nosso auxiliar.

Todavia nada se faz de positivo, por iniciativa official, embora o paiz esteja dividido exclusivamente em duas grandes seitas : abolicionistas e escravocratas.

Quanto á religião do estado, a cousa é outra.

Ella é mantida por força de um artigo dessa constituição promulgada em nome da Santissima Trindade.

A tal respeito a Arca Santa tem pilherias quasi profanas.

E' assim que, tratando das religiões toleradas, não permite que ellas funcçãoem em casa com fórma exterior de templo.

Neste ponto parece-nos que a Constituição deveria trazer gravuras elucidativas do texto.

Sim, o que entende ella por forma exterior de templo ?

S. Pedro de Roma, ou a Lampadosa ?

A Magdalena, em Pariz, que é um templo pagão, ou essa mesquita mahometana, de Constantinopla, que foi a Santa Sophia christã ?

São tantos os typos, e a architectura é tão cheia de artes...

Tambem o Pacto Fundamental não determina que o jesuita seja o educador da mocidade brazileira, e que a irmã de caridade, entre outras accumulações, conserve a de dirigir chimicamente as pharmacias da Santa Casa; mas tudo isso affiança-nos que sahe do bojo do artigo quinto da tal Arca, que nesta especie deixa de ser a *federis arca* para simplesmente ficar sendo o *refugium peccatorum*.

Herdámos de Portugal o pedroado e esse regalismo cezariano, que fez do Estado uma sacristia; do governo austriaco o regimen conciliatorio, que é o systema de dar ordens... ajoelhado.

Entretanto Portugal já não importa jesuitas, graças ao marquez de Pombal que os exportou; e a Austria continúa a ter aquelle governo obsoleto, do qual disse Joseph de Maistre (autoridade insuspeita á tyrannia): *esta casa d'Austria é o maior inimigo do genero humano...*

Nenhuma das duas grandes questões impressiona os poderes publicos.

Uma vez na tela dos debates qualquer these bysantina tem-se materia para adormecer a opinião.

O paiz, entretanto, ruma alguma couza, e ruma silenciosamente.

Talvez haja n'essa tranquillidade apparente algum symptoma ameaçador ; ja disse alguém, que deve-se desconfiar da agua que dorme. . .

O melhor, porem ; é não desconfiar de cousa alguma.

Coração á larga e fique nas brumas do futuro o dia de amanhã.

Por entre os alaridos ebrifestantes dos orçamentivoros, o psalmodear cadenciado dos lazaristas, e os gemidos da escravidão abafados nos latifundios, o imperador abraça-se com o grande equatorial, faz calculos sobre coordenada, concorda com o astrónomo Liais nos processos para a determinação do meridiano e envia telegrammas aos astrologos da Chaldéa sobre a refacção azimuthal.

Quando um povo tem a fortuna de guardar o seu rei no observatorio, está em vespas da felicidade suprema, que é.... vel-o por um oculo!



Uma machina infernal.—Novo processo de criticar. — O verdadeiro character de Sgnarello.—Uma obra posthuma. — *A propriedade* de José de Alencar. — O romance e a moderna sociedade brasileira.—O typo nacional.

Houve aqui ha tempos um individuo que, pondo em contribuição todas as suas faculdades inventivas, construiu, ou julgou ter construido uma machina originalissima, — em sua opinião mais util, mais sublime, do que quantos artificios tem produzido o engenho humano. Essa machina realisava ao mesmo tempo a reforma da justiça, a maior aspiração dos nossos legisladores, e a transformação dos methodos economicos.

Consistia em um mysterioso apparelho disposto de modo que, uma vez n'elle introduzido qualquer

individuo, um registro se encarregava de marcar não só o gráo de intensidade das suas faculdades, como estampava em uma tira de papel todos os pensamentos, que no momento lhe atravessassem o cerebro.

A ser verdadeiro esse invento valeria bem a pena de compral-o, fosse por que quantia fosse, para salvar o paiz da insidia, da dissimulação com que procedem os nossos homens politicos.

As interpellações já de nada servem ; são bombas enferrujadas, desmanteladas, que, por mais que perfurem a terra, não trazem á superficie a minima gota d'agua.

Pois hem, em logar d'esse vetusto recurso parlamentar, fariamos simplesmente applicação desse novo invento á politica matreira dos nossos tempos; e estamos certos de que, com esse processo, todas as velhacadas occultas nas dobras do pensamento ministerial, expostas á luz do dia, farião o povo comprehender a sua verdadeira posição diante dos que zombam da sua proverbial credulidade.

Quão facil não seria conhecer as *ideias*, os *arriores pensées* que fervilharam na cabeça do sr. presidente do conselho quando confeccionou o projecto,

ultimamente apresentado ás camaras, relativo á extincção gradual do elemento servil !

Que segredos perversos não seriam revelados ! Que combinações hybridas não surgiriam a lume ! Que aberrações mentaes não cairiam debaixo da apreciação dos psychiatristas !

Infelizmente, porém, tudo isso não passa do sonho de um cerebro escandescido. Uma hypothese irrealisavel, — uma fabula semelhante á pedra philosophal, ao heliotropo e tantas outras.

Podem os dissimulados descansar. Ainda está muito longe o tempo em que a psychologia se ha de transformar n'uma especie de sciencia de videntes, — em que o sabio possa prescrutar o que se passa nos corações, e ler nos cerebros alheios o desenvolvimento dos caracteres.

. . .

Entretanto n'este instante daria todos os livros que possuo para obter uma restea, por mais diminuta que fosse, do espirito do autor dos *Direitos da Familia*, — mas uma restea irradiada justamente do foco, aonde esse espirito concentra todo o seu saber juridico e litterario.

De posse d'esse fragmento então eu o dissecaria na competente mesa anatomica, e trataria de destacar todos os conceitos, todas as impressões, que necessariamente ahi se localisaram depois da leitura da obra posthuma de José de Alencar, de cuja apparição os jornaes acabam de dar noticia.

Seria este talvez o melhor meio de criticar a obra.

O espirito do Sr. Lafayette, em contacto com o do illustre morto, operaria como um reagente.

Ninguem ignora o antagonismo organico que existia entre essas duas naturezas. Ao passo que um pairava nas regiões ideias aonde a imaginação ondulante, scismadora apprehendia essas poeticas fi-

guras que enchem as paginas dos seus romances, o outro, sceptico, sem paixões, viajava sempre *terre à terre*, dominado apenas pelo instincto dos exploradores desalmados, que nada arriscam contra a propria segurança e bem estar.

Houve um dia, em que, por uma questão de nonada, estes dous homens encontraram-se na imprensa e degladiaram-se sem reservas.

O primeiro atirou-se com a fuga e a indignação de quem, esquecendo as urzes do caminho, não póde desprender os olhos do horisonte illuminado, para o qual o impellem todos os impulsos de uma vida ruidosa, e lançou sobre o adversario os dardos mais coruscantes de seu carcaz de batalhador homerico.

O segundo, porém, emboscando-se no primeiro comoro que encontrou, espreitou-lhe a falha da armadura para feril-o de esguelha, não conseguindo apertal-o de frente.

Já n'aquella época, atravez do *modesto* jurisconsulto, transparecia a pericia carthagineza do senador, que um dia seria chamado, sem opinião, sem partido, para o fim de dirigir os destinos do paiz.

Pois bem, supponhamos que o autor da *Propriedade* fosse ainda vivo, e o Sr. Lafayette por qualquer circumstancia se sentisse forçado a manifestar-se

sobre o valor juridico d'essa obra. Supponhamos, como seria o mais certo, que, a proposito das reformas mancas, aleijadas, que têm sido apresentadas pelo actual gabinete, o deputado Alencar cahisse a fundo sobre o jurisconsulto dos *Direitos das cousas*, e, mostrando a inanidade da chicana convertida em projectos de lei, o enterreirasse, o obrigasse a sophismar claramente o patrocínio do seu nome concedido a tão monstruosos partos.

N'essa terrivel conjunctura é bem provavel que Molière não consentisse em fornecer-lhe as armas que lhe forneceu. S. Ex., perdendo afinal a calma, proromperia, dizendo que a *Propriedade* poderia ser tudo menos uma obra de direito. Um romance de nova especie, em que, no lugar de Pery, Poty, Jacauna, o leitor iria encontrar como personagens o *dominio*, a *servidão*, a *posse*, etc., etc

Esta insidia, habilmente manobrada para produzir effeito sobre um auditorio mais ou menos disposto a concordar, como tantas vezes tem acontecido, com a coarctada de que os homens de imaginação não devem tentar coisa alguma no terreno da jurisprudencia, teria a grande vantagem de proporcionar-nos dois prazeres immensos. Primeiro, José de Alencar discutiria e explicaria a sua obra, conven-

cendo-nos em ultima. analyse de que, se não era um Lobão, não deixava de ser um revolucionario, que tivera a coragem de insurgir-se contra as ficções do direito romano e contra as velharias incrustadas na arvore da civilisação pela prolongadissima elaboração da idade media.

Em segundo logar o seu despeito o levaria a chamar o Sr. Lafayette a uma sabbatina litteraria.

Então o falso Sganarello seria reduzido a proporções minimas.

. . .

Com toda a certeza o autor de *Luciola* opporia os seus embargos á propagação de um tamanho falso testemunho sobre o character, sobre a indole de Molière.

Mostraria em como S. Ex. nunca leu *Le medecin malgré lui*, ou, se o leu, fel-o como o faria qualquer burguez analphabeto, — sem critica, sem intuição litteraria.

A calumnia revolta, aiada mesmo quando o calumniado não passa de uma creação poetica, de uma d'essas ficções, que o talento artistico fixou por uma vez na memoria humana.

Ora, Sganarello estava bem no caso de pedir, pelo orgão de qualquer representante da raça dos com e diographos, que receberam a herança do autor do *Tartufo*, reparação da injuria, que em má hora foi assacada contra a sua boa fama.

Molière nunca pensou em introduzir em sua alma a minima parcelia de má fé. Nunca a critica

descobrio-lhe a mais pequenina sombra de tergiversação.

Typo do bom senso pratico, sincero, desassombrado, franco até o ponto de responder ás interpeções da mulher, que o azucrinava, com uma boa dóse de pauladas, Sganarello sempre foi considerado como a expressão pura e desataviada da philosophia popular.

Quizeram á viva força que elle fosse um medico afamado; exigiram por ultimo, a cacetadas, que se prestasse com os recursos de sua sciencia a salvar um caso desesperado: negou-se a principio, mas, reconhecendo a inutilidade da resistencia, sujeitou-se a desempenhar o papel que lhe offereciam.

E ahi tem o Sr. Lafayette pretendendo confundir um espirito atilado, porque não quiz dar murros em faca de ponta, com o perverso burlão, que tem uma pelle e um novo habito para mudar a todo o instante.

Não; com toda a certeza, o autor da *Propriedade* far-lhe-hia ver o verdadeiro significado da resposta que o medico á força deu a Géronte, para evitar que este descobrisse a conversa do namorado com sua filha. Dir-lhe-hia que, quando aquelle acceitava todas as opiniões em uma mão, o sim e o não ao

mesmo tempo, era justamente como meio de conciliar as desencontradas ideias dos seus collegas, e evitar a influencia do *movimento obliquo do circulo lunar*.

Em todo caso, seja qual fôr a interpretação que se apresente ao texto do comediographo francez, o que ficaria elucidado era que o Sr. Lafayette não tinha o direito de lançar mão assim das vestes de Sganarello.

E, d'este modo, tel-o-iamos reduzido á dura contingencia de procurar o seu disfarce no guarda-roupa dos Mascarilles, dos Scapins ou dos Chrispins immortalisades por Scarron e Regnard.



O que é certo é que na deficiência desses meios extraordinarios muitas vezes uma obra deixa de ser criticada. E é o que vaé acontecer com o livro de José de Alencar, celula brilhante, que se aqueceu por um momento aos raios daquelle talento peregrino, e que só não se transformou n'um organismo resistente, vigoroso, porque os desvios de sua imaginação não lhe permittiram concentrar-se todo no estudo dos monumentos que attestam a marcha do direito.

Entretanto ha nessas 269 paginas, aonde se percebe ainda a impaciencia da composição e os arrojós incompletos de uma ideia que bruxoleou apenas no horisonte do espirito indeciso,—ha periodos que são uma revelação do quanto José de Alencar, farto do romance, cansado para a pura phantasia, podia ainda, não digo crear na sciencia do direito, porque para isto lhe fôra necessario uma total reconstrucção scientifica, mas suggerir no terreno das

formas, das amputações e exclusões necessárias.

São palavras suas :

« Realmente, mutilar a personalidade humana, uma, unica, indivisivel, para sujeitar cada um dos seus fragmentos a uma lei especial e distincta, é de uma ousadia sem nome. Para commetter um tão grande attentado juridico é preciso ou uma extrema perversão da intelligencia, ou uma ignorancia absoluta dos principios elementares da philosophia. »

O trabalho posthumo de José de Alencar resume-se nesse trecho.

Poderão os ratos de cartorio e os Tribonianos pulverulentos de nosso tempo deixar de encontrar no livro recém-publicado aquillo que os francezes chamam *le sentiment du metier*. O proprio autor se encarregou de prevenir esse juizo, fulminando o jurisculto como o « homem mais imbuido de preconceitos, mais desdenhoso de tudo quanto não é a sua especialidade, mais escravo da tradição e do costume, bastando dizer que era o unico que ainda fallava a lingua de Cicero. »

O que, porém, não hão de occultar é que no meio d'essas paginas transluz uma preocupação notabilissima, que o destaca completamente de todos

quantos entre nós se têm occupado com a sciencia do direito.

Deveria antes dizer despreoccupação, porque foi precisamente o desapego por essas velharias, que constituem as delicias do leguleio, o que lhe permittio enfiar a vista atravez das sarças do porvir. Foi essa despreoccupação das formulas enraizadas, dos habitos inveterados no fôlo, que lhe aclararam o horizonte e lhe abriram espaço á idéia fixa de que um movimento se operava subterrenamente nas camadas mais profundas do mundo moral,—movimento esse que elle não podia bem definir pelo simples facto de produzir-se em esphera estranha á sua orientação litteraria e a orientação dos proprios jurisconsultes chamados modernos, mas que presentio e assignalou em mais de um capitulo do seu tratado.

Segundo José de Alencar o direito escripto tem mutilado o homem, e a causa d'essa mutilação « se deve imputar á monstruosa organização da propriedade que gerou-se em Roma, sob a influencia immediata dos factos e foi-se incrustando com a civilisação nos costumes dos povos barbaros, de quem descendem as nações modernas. »

Houve portanto atrophia com respeito a certas re-

lações humanas e hypertrophia com respeito a outras. E foi seguramente pelo lado mais nobre das faculdades do homem social que este se mesquinhou. A conquista da riqueza, o sentimento do que existe de mais material no individuo, a propriedade emfim avassalou tudo e forçou a humanidade a estacionar diante do desenvolvimento desordenado de um órgão, até esgotarem-se as forças da natureza.

Entretanto, repete elle — *o direito é o homem.*

A legislação comtudo ainda não quiz reconhecer esse principio, e mantendo o desequilibrio em que viveram as sociedades antigas, relegou-o para meia duzia de paragraphos inuteis relativos á existencia e a liberdade.

Erro deploravel, usurpação exercida por uma faculdade juridica contra tantas outras igualmente importantes, de encontro ao qual a penna do estylista insigne contorce-se por toda a extensão do livro, convertendo-o em um verdadeiro pamphleto contra a tyrannia da propriedade.

Em duas palavras : um evolucionista delimitaria o facto, attribuiudo tudo quanto José de Alencar descreve inconscientemente com côres sombrias, em odio á propriedade, a um desvio rythimico do mo-

vimento da faculdade jurídica, precursor de outro do sentido inverso.

É, pois, para lamentar-se que, passando tão perto das regiões, aonde os philosophos assentão as suas syntheses, as suas novas e alterosas concepções, o autor desse tratado não tivesse vigor sufficiente para converter-se a uma orientação completamente scientifica.

Outro tanto não dirá o actual ministro da fazenda.

Para gloria sua, e por infelicidade nossa, não é uma realidade a machina de sondar consciencias.

Se ao menos houvesse certeza de que S Ex se transformaria em critico, applicando-se-lhe o processo pelo qual os dous famulos de Geronte fizeram de Sganarello um medico !

. . .

O momento que atravessamos não podia ser mais adequado á exploração do romance naturalista.

A sociedade brasileira parece, a cada phase nova que se vai desenrolando, estar desafiando a penna de um Daudet ou o pincel de um Manet.

Os typos se reproduzem com uma tal espontaneidade, a comedia politica se desenrola em um gargalhar tão continuo, que é para lastimar-se na verdade a ausencia de artistas, não eivados daquelle pessimismo que tem tornado a litteratura de Zola um cansaço para o espirito e um aniquilamento, uma mortificação para a alma, mas de artistas capazes de comprehenderem a situação real do paiz, a natureza dos males que o affligem e a complexidade das forças que nelle residem á espera simplesmente de coordenação e regimen.

Realmente é pena que não tenhamos agora um romancista que se preocupe, ou que tenha o es-

pirito preparado para impressionar-se com o que se passa nas altas regiões do poder.

Material é que não nos falta para um *Numa Roumestan*, para um *Mr. le ministre*.

Desgraçadamente, porém, as faculdades que produzem esse genero litterario cahiram em prostração. Todas as tentativas que apparecem hoje sob o auspicio de ideias mais adiantadas, como que soffrem de um mal de nascença, e deixam logo de manter a veve indispensavel ao acabamento das obras artisticas que pretendem atravessar os escolhos da critica da vulgarisação e viver na posteridade.

Confrontar a actividade intellectual de outros tempos com a especie de marasmo, que com mais ou menos intensidade vai atacando a actual geração, é o mesmo que confessar a necessidade de um propulsor energico, — um propulsor em condições de tirar-nos fóra do medonho *in pace* no qual estorrega-se tanto o forte como o fraco.

Dir-se-hia que o mundo das letras soffre a influencia daquelle mesmo sopro deletherio que acovarda os homens publicos e reduz a administração a mover-se tropega com a monotonia do monjolo intermittente.

Como que um máo fado obriga o brasileiro a servir-se dos mais atrazados instrumentos, dos mais emperrados meios de acção, apesar de ter ao seu alcance os mais aperfeiçoados inventos que a vertigem do seculo tem mostrado ás gentes.

Somos arrebatados, expansivos, loucos quasi. As nossas aspirações vão muito longe, longe até de mais; e são tantas, tão pasmosas que bastariam para paralyzar as valvulas do coração mais vigoroso.

Temos entretanto um grande defeito, que é inherente a essas poderosas qualidades.

Sobra-nos hesitação, perplexidade, toda vez que somos forçados a manter por longo tempo o esforço, o movimento.

Caro pagamos os desperdícios de imaginação. Nesses anceios impossiveis, n'essas irradiações desconexas, que nos levam hoje a crer na conquista do universo e amanhã a precipitar-nos nas trevas do desalento, succede-nos a desgraça irreparavel de apoucar-nos subitamente e perdermos todos os instinctos generosos, sem os quaes a vida do homem não passa de uma vegetação inutil, de um arrastamento inglorio do berço para a sepultura.

Ora, seria uma obra digna do applauso dos ho-

mens de bom gosto, dos criticos de fino paladar, a que se occupasse principalmente de accentuar esse traço caracteristico da raça brasileira.

Seria esse um dos estudos mais curiosos; e o romancista seguiria o desenvolvimento do personagem que houvesse de encarnar essas desigualdades constitutivas do typo verdadeiramente nacional, atravez de todas as perniciosas influencias, que concorrerem para atrophiar, ou antes para embaraçar o curso de todas essas brilhantes faculdades que lhe garantiriam, longe de semelhantes obices, um grandiosissimo futuro.

. . .

Ninguém ignora quanto a politica influe sobre o brasileiro, absorvendo-lhe tudo, vida, esforços, pensamentos. Não ha mesmo quem pretenda negar : de todos os factores que entrão na composição disso que se chama typo nacional, nenhum exerce tyrannia iguel á dessa Circe famosa, que tudo amalgama, tudo confunde, tudo esautonomisa com perversa inconsciencia

Pois bem : o romance, a obra da critica social que se inspirasse nesse meio teria muito que revelar ao leitor sorprendido. Seria ao mesmo tempo um *acto de contricção* e um consolo.

O livro não se transformaria no veneno corrosivo destilado pelo pessimista. Bem ao contrario, tirando a mascara aos acontecimentos, faria patente a seguinte verdade, que não deixa de ser muito alentadora :

Os nossos males não se derivão de nós, que por fim de contas possuimos em nós mesmos recursos

extraordinarios, que em tempo reagirão indicando-nos o caminho natural que convem a nossa felicidade. Esses males são, póde-se dizer, filhos unicamente das condições exteriores em que permanecemos; e não sendo, portanto, irremediaveis, desde que entrem por um modo sensivel na consciencia do povo, de irresistiveis, de bronzeos que são, se transformarião em tenuissimas cadeias; os insuperaveis obstaculos de hontem, hoje surgirão como comoros de areia.

E tudo isso está na alçada do romance.



Impetos coreographicos. — Em que se prova que o Imperador é como a judia... que não dorme. — Luto por atscado. — O frio e o Sr. duque de Saxe. — O Casino Fluminense e a conta do Porto. — I. S. F. Recreio da Lapa. — O Sr. commendador Oliveira e Silva. — Desmente-se o ditado: *Casar não é casaca* — aMldito *Excelsior!* — Um empresario e uma *cocotte*. — *O naufragio de Montserrat* — A operetta. — *Tres Donas Juanitas* distinctas. — A carne e os c̄s̄os. — O que dirá Suppé. — Do Monte do Soccorro ao Castellões. — Wagner e o Sr. senador Corrêa. — Os meninos Lambertini. — Uma actriz que não canta. — Touros. — Ditos para senhora. — A bella Helena. — D. Affonso XII e eu. — *O espectador*. — Chave de ouro.

Quando os intrepidos editores dos *Lucros e perdas* me propuzeram o fornecimento mensal de umas

tantas tiras de papel rabiscado, tive impetos de lhes fugir com aquelles mesmos gestos largos do Genio do Obscurantismo, quando a Luz lhe mostra o canal de Suez, no *Excelsior*.

Esses impetos choreographicos eram produzidos pelo temor de que me assaltasse a molestia nacional, vulgarmente conhecida pelo nome de preguiça, e eu de xasse no— ora vejam! —os amaveis cavalheiros que tão honroso convite me dirigiam.



Entre nós ninguem pôde ter confiança na sua actividade, apesar do exemplo edificante do chefe do Estado, um homem unico! um homem que passa toda a semana visitando exposições e estabelecimentos publicos, dando audiencias, assistindo a longos espectaculos, e só dorme aos domingos, sentado, durante uma conferencia da Gloria que, por via de regra, não dura mais de hora e meia!



A mesma ordem natural das coisas parece auxiliar essa disposição de animo do nosso amado monarcha. Os parentes morrem-lhe por atacado.

Ainda agora, ao que parece, houve combinação entre o duque Carlos II, de Parma, a archiduqueza Maria Antonietta, de Toscana, o grão duque de Mecklemburgo Schwerin e a duqueza de Leuchtemberg, que resolveram morrer ao mesmo tempo, poupando assim um luto demorado e fastidioso a um homem que é todo anda mão enfia dedo.



Felizmente para os meus editores, faz frio na presente occasião, e todos sabem que o frio, e muito mais um frio inesperado, como o Sr. duque de Saxe, é o melhor antidoto para a preguiça.



O segundo baile da estação, realizado no Casino

Fluminense, foi abrilhantado por uma centena das mais distintas senhoras fluminenses.

E' pena realmente que o nosso pretenso *high-life* não tenha a intuição da alta elegancia européa.

Um baile onde *chacun paye son écot* não pôde de modo algum deixar de ser chato e tristemente burguez: não é um baile, é um *pique-nique*.

E' preciso que entre o Casino e as Sociedades Prazeres de diversos bairros, que ahi polulam, haja muita differença não só no fundo, mas tambem na fórma.

O *high-life*, si *high-life* existe, que se cotise em silencio, e constitua uma sociedade limitada, um club elegante, para receber todos os mezes, durante o inverno, a familia imperial, os altos funcionarios publicos, os estrangeiros illustres, os jornalistas, os litteratos e os artistas, que desejarem dar-lhe a honra de o comprimentar.

Isto é o que se faz em tola a parte em que ha um *high-life*.

Si, porém, o Casino quizer continuar sob o regimem da conta do Porto, melhor será que se intitule: Imperial Sociedade Familiar Recreio da Lapa.

★
* *

Por fallar em Casino :

O Sr. commendador Antonio Rodrigues de Oliveira e Silva, conceituado negociante desta praça, matriculado no tribunal do commercio e ex-ministro de uma Ordem Terceira de primeira ordem, foi convidado para socio contribuinte do N. C. F.

Na noite do ultimo baile, o Sr. commendador Oliveira e Silva foi envergar a casaca, esquecida n'um dos cabides do seu bello guarda-roupa de vinhatico (1), desde o festival que o anno passado se realisou no Pedro II em honra ao marquez de Pombal.

★
* *

Oh ! decepção ! O Sr. commendador, como um verdadeiro commendador que é, engordára enormemente. Já não lhe servia a casaca.

O que fazer ? onde arranjar outra ?

(1) Com porta de espelho.

Foi nessa conjunctura desesperada que a sua boa fortuna lhe deparou em certa folha diaria o annuncio do aluguel de casacas, a 10\$000, á rua tal numero tal.



O commendador vestio apressado o sobretudo alvadio e encaminhou-se para a casa mencionada.

Bateu.

Vieram abrir-lhe a porta seis raparigas italianas, travessas, petulantes, vivas, vivas como o conde de Chambord, que o tomaram pela mão e o introduziram na sala.

— Onde estão as casacas ? Quero escolher uma ! disse o respeitavel membro do N. C. F., rêceioso de haver errado a porta.

— Pois escolha ! respondeu a mais bonita das raparigas.

E, n'um abrir e fechar d'olhos, pizeram-se todas em linha, militarmente.



O pobre homem, apesar de não ser dotado da

perspicacia que adivinho no leitor, e não desejo surpreender na leitora, comprehendeu então que naquella sala *casaca* era synonymo de *mulher*.

E tanto assim foi que, regressando á casa depois da meia noite, perguntou-lhe a senhora :

— Então ? achaste uma casaca que te servisse ?

— Achei mais ainda... uma farpella inteira.

∴

Decididamente a Civilisação entrou no Rio de Janeiro, si não a passo largo, ao menos a passo de dança.

Haja vista o *Excelsior*, cujas coryphéas fazem tão desleal concurrencia... aos alfaiates.

∴

Vem de molde a narração de uma scena que se passou no jardim do theatro que, depois que se passou a chamar das Novidades, não nos tem dado sinão velharias.



Excepção feita da Sra. Manzoni, que é uma novidade.

O que não quer dizer que a Sra. Manzoni seja nova.



O intelligente e esforçado Sr. Souza Bastos contempla tristemente, encostado a uma columna e com as mãos nas algibeiras vazias, a sala desguarnecida do seu theatro.

Approxima-se um amigo :

— Então, como vamos de fortuna ?

— Deixa-me ! responde o empresario ; este *Excelsior* veio fazer-me um mal incalculavel !



Do outro lado, sentada a uma meza, como á espera de alguém, uma *cocotte* medita nos meios pra-

ticos a empregar para o pagamento do aluguel da casa.

Approxima-se uma amiga :

— Então, como vamos de fortuna ?

— Deixa-me ! responde a peccadora ; este *Excelsior* veio fazer-me um mal incalculavel !

•
••

No theatro, como em outra qualquer manifestação da arte, apraz-me tudo quanto revele certa dóse de talento.

Porque, afinal de contas, o talento continúa a ser coisa tão rara, que não é muito que o apreciemos mesmo n'aquelles que o não possam despende com a mesma liberalidade com que o sonhador do ministerio da marinha contractou o fornecimento de viveres para a armada.

•
••

O facto de votar uma admiração sem limites ao *Radeau de la Méduse*, de Géricault, não me impede de apreciar o *Naufragio do Montserrat*, primeiro e

promettedor trabalho do Sr. Belmiro de Almeida, actualmente exposto nessa galeria Moncada, celebre pelas inqualificaveis *crôutes* que alli têm sido expostas... á irrisão publica—pelos Srs Ballá, Petit e outros *petits maîtres* (pequenos mestres).



Não pertenço, portanto, ao numero desses puritanos da arte, que têm um horror pedantesco pela operetta,

Mas o que não pôde soffrer a minha irritabilidade facil de chronista, é que tenhamos tres theatros a funcionar e em todos elles se exhibam simultaneamente peças do genero que immortalisou Offenbach.

No Sant'Anna, a *Mascotte* ou a *Gillette de Narbonne*; no Novidades, a *Flôr de Chi* ou a *Archiduqueza*; na Phenix, a *Princeza de Trebisonda* ou a *Filha do inferno*.

Com franqueza : é muita operetta !



Para mais accentuar esta singular predilecção do

publico pela caricatura, a companhia italiana que funcionou ultimamente no Principe Imperial impingio-lhe as mais extravagantes parodias do velho repertorio lyrico.

A *Traviata*, a *Norma*, o *Baile de mascaras*, e o *Hernani* appareceram alli desfigurados por outras tantas composições estapafurdias que, acompanhando passo a passo as originaes, não resistiam comtudo a uma comparação esthetica.



E, a acreditar em boatos de bastidores, os tres empresarios do Sant'Anna, do Novidades e da Phenix, não satisfeitos com a escolha de peças do mesmo genero para o adubo de seus espectaculos, acabam de resolver, não sei si de commum accôrdo, a representação da mesma peça nos tres theatros !

Dona Juanita, a saltitante operetta austriaca, a mesmissima que durante dous mezes causou as delicias do publico e as do empresario Ciacchi, vae ter uma triplice exhibição.

Vamos ver tres *Donas Juanitas* distinctas, e.s.



... e nenhuma verdadeira, talvez.



Não sei si o publico aceitará o papel de juiz neste interessante torneio, ou si, temendo praticar alguma injustiça, ficará em casa com sua mulher e seus filhos. Receio muito que assim aconteça. Si de alguma coisa valesse um conselho meu, aconselharia aos tres emperezarios que lançassem mão de alguma coisa mais nova. Os seus theatros irão — quem sabe? — fazer o effeito desses realejos vadios que se apoderam dos trechos mais salientes de uma partitura, quando esta se popularisa.

Um emperezario estrangeiro comeu a carne ; os emperezarios da terra atiram-se ao osso. Terá este o que roer? E, si o tiver, chegará para tres? Veremos.



O maestro Franz de Suppé ficará inchado si

souber que a sua partitura vae ser cantada simultaneamente em tres theatros da mesma cidade; mas, si algum indiscreto lhe communicar o sacrificio que naturalmente vão soffrer algumas partes, é provavel que diga que a sua *Juanita* não é a mãe Joanna.



Está a chegar a companhia Ferrari.

Desta vez não traz notabilidades a trinta mil francos por cabeça.

Entretanto, o ditoso *impresario* nos pede pelos bilhetes os mundos e fundos de costume.

O publico fluminense não desmentirá, porém, a sua mansidão evangelica, e correrá do Monte do Socorro ao Castellões, fanatisado pela perspectiva de bocejar com a *Carmen* e dormir devéras com o *Lohengrin*.



O *Lohengrin*!

Sua magestade o imperador conseguirá dormir mais duas horas.

A famigerada opera fará concorrência á escola da Gloria.

Wagner e o Sr. senador Corrêa !

. . .

As companhias italianas succedem-se, mas felizmente não se parecem.

Acabam de chegar os meninos Lambertini. Não sei si são parentes da famosa princeza desse nome, que teve relações intimas e bastante escandalosas com o defunto cardeal Antonelli ; só sei que dizem d'elles coisas do arco da velha.

. . .

Eu confesso que tanto me enthusiasmam as crianças prodigios como as pulgas sabias ou os macacos adestrados.

A Gemma Cuniberti, a quem chamavam a pequena Ristori pela mesma razão porque hão de

chamar talvez aos Lambertini o pequeno Rossi e o pequeno Salvini, causava-me uma impressão desagradabilissima.

Sempre que a via representar, parecia-me assistir ao espectáculo de uma tortura hedionda.

Penalizava aquella criança, que sabia de cór um repertorio de quarenta peças, a debater-se, coitadinha ! para interpretar sentimentos e paixões que não podia comprehender.

Entretanto, o publico pensa de modo diverso, e provavelmente dirá como o Outro : *Sinite parvulus venire ad me.*

. . .

Acaba de chegar á côrte a actriz Apollonia que, á testa de uma companhia dramatica, *child-haroldou* pelo interior, apresentando ás multidões embasbacadas de Macahé e Campos um repertorio escolhido de graciosas comedias e grandes dramas ter-riveis.

A intelligente Cecy do *Guarany* assentou a sua tenda no theatro S. Luiz, e convida a assistir aos seus espectaculos os *habitués* que sobrarem das operettas.

Nada mais justo do que aquiescer ao convite dessa artista, que, si tem alguns defeitos, possui uma grande qualidade que os redime :

Não canta.

∴

Antes pelo contrario.

∴

Assisti o outro dia a uma tourada. Uma tourada, digo, para repetir a classificação do capcioso cartaz.

Assim como ha toureiros curiosos, ha tambem touros que podem ser considerados amadores.

O gado apresentado nessa tourada, que era a *festa artistica* do bandarilheiro Gangrena (que pelo nome não perca) fugia dos homens como o diabo da cruz, e raro era o touro que investia contra a capa vermelha tradicional.

O respectivo empresario, reconhecendo que os animaes até agora apresentados á bravura dos seus artistas são de uma condescendencia e de um cava-

Iheirismo a toda a prova, acaba de contractar uma senhora rio-grandense, que vae tourear a pé e a cavallo.

Si a moda péga, o que não é de esperar (diga-se em abono do bello s^oxo), o sr. barão da Taquára, fornecedor habitual do gado, não terá muito que escolher para apresentar touros para senhoras.

...

Um telegramma publicado no dia 4 pelo *Jornal do Commercio* (e no dia seguinte pela *Gazeta de Noticias*) diz ter regressado a Madrid a rainha Maria Christina, de volta de sua excursão a Vienna d'Austria.

Disse-se na Europa, é verdade que sob alguma reserva, que essa viagem de sua magestade catholica tivera por movel a terrivel paixão do ciume.

Uma Helena perdeu Troya; outra Helena ia perdendo a Hespanha.

Ao que parece, a beleza da Sanz, o lindo pagem dos *Huguenotes*, bem conhecido do nosso publico, produziu em D. Affonso XII a mesma impressão que me causou a mim quando cá esteve; com a differença que...

*
* *

... que D. Affonso XII é D. Affonso XII...

*
* *

... e eu sou eu ...

*
* *

D. Maria Christina, em conversa com sua collega D. Maria Pia, de Portugal, no camarote real do theatro lyrico madrileno, manifestou-se contra as mulheres de theatro, justamente como um personagem da *Morgadinha de Valflor*.

A anedocta chegou até nós, e o *Espectador*, « organo consagrado á arte dramatica », que se publica nesta Côrte aos domingos e é vendido todas as noites á porta dos theatros, pronunçando-se solememente contra a rainha de Hespanha, que torna as actrizes em geral solidarias do desregramento de uma certa e determinada

cantora, escreve estas palavras convictas e sentenciosas :



« Não foi a arte quem prostituiu o lar domestico da familia real, foi o proprio membro que se esqueceu da posição que occupa. »



Depois dessa tirada moral e physiologica, fecho a minha chronica insulsa, procurando redimir a sua cacotechnia com a transcripção dos seguintes versos ineditos, filhos da musa feiticeira e parnaziana do meu Raymundo Corrêa :



Essa paixão criminosa,
Que o sangue das illusões
Nutre ; e que mata, impiedosa,
Todas as outras paixões ;
Esse amor, que os mais amores
Vence, e o coração, n'um leito
De espinhos, brazas e dores,
Põe-me, sangrado e desfeito ;
Enche-me todo, e, invisivel,
Internamente me dóe ;
Vae-me pela alma e, terrivel,
Tudo o que tópa destróe,
E, insidioso, colloca
O labio frio e visguento
No seio, onde hauria a bocca
Dos sonhos—filhos que alento.
Assim emquanto Emma dorme,
E ao seio o filho gentil
Lhe suga o leite, uma informe
Serpe, a esgueirar-se subtil,
Da mãe que o infante amamenta
Achega-se, mansa, mansa,
E troca, pela nojenta
Bocca, a bocca da criança,
E, macia, a poma cheia
De leite puro a infamar,
Torpe e vil, lubrica e feia,
Põe-se a mamar, a mamar...

LUCROS E PERDAS

Já podeis, filhos da patria....—A Libertadora e a mentira de bronze.—Independencia não quer dizer liberdade.—Os prosadores palacianos e os escravos.—Os escravos e o parlamento.—Não esperem carta de alforria vinda de S. Christovão.— Nem do palacio Izabel.— *Italia fora da sé.*—O partido das trevas.—Cousas que tem contra si o futuro reinado.—De Copacabana a Chambord.—O crepusculo da situação. Seu inventario—Advocacia administrativa.—As alças do esquite.— Requiem offembachico.

Troveja a artilharia n'este momento.

Ninguem se assuste, é apenas fogo de alegria.

O almanak diz-nos que é hoje o anniversario da independencia do imperio.

Data solemne na verdade.

Segundo rezão as chronicas, foi hoje que teve lugar aquella reffexão pictoresca do indio, posta em verso por trovador anonymo :

« E n'isto bate o pé e a testa coça :

« Qual terra de Cabral... a terra é nossa. »

Nossa ou não, canta-se hoje estrepitoso Te-Deum em acção de graças, e as muzicas regimentaes desfião o hymno guerreiro composto pelo proprio maestro a quem devemos a independencia.

D. Pedro I foi um cumulo de accumulações.

Assim como reunia em sua pessoa as funcções de Principe Regente e Vassallo Rebelde, Pedro I e Pedro IV, Defensor Perpetuo e Duque de Bragança, era tambem compositor de marchas e de romances em acção....

E' possivel que o seu forte fosse governar homens, mas o seu fraco serão as mulheres.

Como a Magdalena, muito lhe foi perdoado, por isso que elle muito amou...

Entretanto a independencia do Brazil é mais obra de D. João VI do que sua.

Não mandasse o rei chamal-o a Lisboa, e não visse elle aqui a disposição da patuleia, que, em vez de ir ao Ypiranga dar motte a premio, elle continuaria a escrever ao pai cartas lamurientas, a correr aventuras anacreonticas, e a dar que fazer á parte fragil e fraca da brava gente brasileira...

Foi por esse motivo que um ardente tribuno chamou a estatua aquestre de *mentira de bronze*.

Outro tribuno e poeta, que depois assentou-se nos conselhos da corôa, denominou-a de

« *bronze vil que a côrte levantou....* »

Digão tudo da estatua equestre, a verdade é que ella é um facto.... tal qual como a independencia.

Passamos a ser nação soberana um pouco mais dispendiosa e desastradamente do que teriamos sido se José Bonifacio fosse mais democrata e menos... Bobadella.

O bronze do largo de S. Francisco podia bem estar no Rocio.

E era só um. Começavão as economias pelas estatuas.

Tivemos, porém, o Imperio.

E' de hontem a historia para, n'este dia de

primeira gala, recordar como nos livramos do Libertador.

Elle esquecera-se de que reinava em virtude da acclamação no campo de Sant'Anna, e não pela tradição dos reis mouros no campo de Ourique.

Dissolveu a Constituinte e quiz envolver-nos nas lutas intestinas de Portugal.

Mandamol-o para lá.

E começamos a sentir saudades...

Quanto mais crescia a figura do restaurador do throno da filha, mais se achatava o throno que elle aqui legára ao filho !

E o paiz esqueceu o governo violento de Pedro I e conserva a lenda da independencia com todos os arabescos phantasticos como a de Guilherme Tell.

E' essa lenda que hoje determina as cantorias da Capella Imperial, as zabumbas dos batalhões em parada, e os realejos do Instituto Historico.

Por quantos modos tem sido glosado o famoso brado do Ypiranga ?

Quantos variantes tem soffrido a phrase legendaria e official, arguida por muitos contemporaneos de tão falsificada como a de Francisco I depois de Pavia ?

Os bardos do palacio, porém, não se importão com o apocrypho.

Digão embora que Pedro I não era um fazedor de phrases e que, nas margens do Ypiranga, elle não tinha senão bons companheiros de viagem e nem um contendor para receber o dilemma patriotico como um repto.

Os bardos não querem saber de prosas...

Elles fallão a linguagem dos Deuses.

Desconfiae d'ella; oh, filhos dos homens !



E a desconfiança tem mais de um fundamento.

A ode faz n'esta festa extranho abuso de synonymia.

E' assim que para ellá, mesmo sem a attenuante de violencias de rima, *independencia* equivale a *liberdade*.

Contra isso protestão milhão e meio de brasileiros, que ainda esperão no captiveiro os effeitos pindaricos do brado do Ypiranga.

Todavia a questão da escravidão adiantou um passo.

Não nos referimos ao projecto ministerial, porque isso foi passo lateral.

A prolongação do eito de serra-acima até a côrte e a confluencia do canal do Mangue nas agoas do Parahyba é certamente uma combinação engenhosa.

Mas não é d'isso que se trata.

Quando dizemos que o problema da abolição teve

impulso é justamente pelo movimento extra-parlamentar.

O manifesto da confederação abolicionista é documento que vae para a Historia.

Não é um pamphleto saturado de fel e ameaças, nem o romance sentimental que busca fallar á sensibilidade nacional.

E' documento sugestivo, porque offerece soluções razoaveis.

Póde o parlamento deixar de lê-lo, e, assim como á tudo quanto se tem lembrado no sentido d'aquellas ideias, condemnal-o á perpetuo silencio.

A verdade é que nas paginas d'esse manifesto sente-se vibrar a consciencia nacional.

Tapem os olhos á luz, digam os emperrados que o movimento estacou, graças ao encrespar do sobrenho ministerial.

A idéa entrou no periodo triumphal, caminha máo grado os autos e inquisidores da fé.

Como Galilêo, podem os abolicionistas dizer a elles : — *è pur se muove.*

E' preciso saber querer.

Um povo não póde pela inercia annullar o seu progresso moral.

Por algum tempo confiou-se no prestigio impe-

rial, e aguardamos a emancipação dos negros como outhorga regia, da mesma fórma que a carta de alforria dos brancos, denominada— *Constituição do Imperio*.

Perdeu-se muito tempo nessa doce illusão.

O abolicionismo imperial é para ser visto ao longe.

Ha 12 annos que, fóra daqui, dão como extincta a escravidão, e os institutos sabios, tão bem como as narrativas de Julio Verne, já memorarão o acabamento do captiveiro no Brazil.

Hoje procura-se fazer com que lá fóra saibão toda a verdade; mas ainda o velho mundo não teve tempo para ler as reclamações e a corrigenda aos boletins palacianos.

Confiou-se depois no padroado do principe consorte.

A carta que elle escrevera ao governo do Paraguay e a assignatura de sua esposa na lei de 28 de Setembro determinavão tal crença.

Esse nevoeiro vae-se dissipando.

A carta do conde d'Eu ao governo de Assumpção, pedindo a liberdade dos escravos paraguayos foi um artificio pyrotechnico, documento de combatê e mais nada.

Os Orleans são mestres em escrever aquillo que não sentem.

Ahi está o livro do conde de Paris sobre a guerra dos Estados-Unidos, tão cheio lyrismos em louvor da democracia ; ahi está a historia dos príncipes de Comdé pelo duque d'Aumale, tão encarecedora da liberdade religiosa e toda blandicias ao protestantismo perseguido.

E a democracia franceza que acredite na collaboração do herdeiro presumptivo do rei de Frohsdorf ; e o clericalismo que se entibie na cruzada negra, porque o tio do pretendente mostrou-se livre pensador...

Comedia !



O que não esteve comico, mas sufficientemente melo-dramatico, foi a declaração da serenissima princeza imperial quando uma commissão de senhoras convidou-a para ser a protectora de certa associação abolicionista recentemente fundada.

Sua Alteza, de par com muitas pieguices unctuosas a proposito de escravos, disse que, na sua qualidade de herdeira do throno, era-lhe vedado adherir a umas tantas propagandas.

Como se vê, o fazendeiro causa sustos á futura imperatriz.

Ella que se divorciou de uma parte da nação, por causa do jesuitismo, tem medo de desagradar ao senhor de escravos !

E esse medo não é novo ; Sua Alteza teve-o durante a discussão da lei de 28 de Setembro.

Sabe-se que houve um momento em que ella opinou pelo adiamento, e se não o conseguiu foi por

que houve no gabinete de 5 de Março quem dissesse lhe que era tarde para recuar, que parar em certos casos é retroceder.

Tem a lei a assignatura da princeza da mesma fórma que a proposta do poder executivo teve a do ministro da agricultura de então.

Mas ninguem dá ao conselheiro Theodoro Machado a paternidade da obra de Rio Branco, da mesma fórma que não póle ser bulla da princeza aquillo que foi o passaporte com o qual se apresentou no estrangeiro D. Pedro de Alcantara.

Cumprê que a attitude dos abolicionistas seja calma, que tenha a serenidade das causas justas.

Se o parlamento protrahe a discussão da urgente medida, o imperador comtudo não ousará pôr nenhum fazendeiro-politico, ou politico-fazendeiro á testa de qualquer gabinete que de ora em diante se organise.

Alguma cousa está em elaboração; sente-se palpar ancioso o ccrção da patria.

Ora, se na luta com os bispos considerou-se suspeito o gram-mestre da maçonaria que, por amor desta, os perseguia; na luta com a escravidão não poderá commandar a peleja o mais que suspeito senhor de escravos.

Felizmente ainda ha, n'isso que se chama a politica do paiz, mais de um chefe que, fallando da abolição, não fallará pela boca de sua ferida....

Experimente-os o imperador, e será esse o unico serviço que póde prestar á humanitaria causa.

O tempo corre apressado e seus amigos da Europa em breve saberão, que o philosopho coroado ainda reina sobre escravos, e que essa lei que servio-lhe de salvo-conducto, porque assegurava que ninguem mais nasceria escravo, é simplesmente uma lei perfida.

Os escravos continuão a nascer mascarados com o nome de *ingenuos*.

A lei de 28 de Setembro é uma lei de escravisação durante a minoridade.

Poderá ella hoje satisfazer a expectativa nacional?

O cástigo de quem faz as cousas mal feitas é fazel-as duas vezes.

Emendem os conservadores a sua obra, já que os liberaes são os mais apavorados quando se trata de liberdade.

Quanto aos republicanos. . .

Pois a forte vanguarda d'esse partido não arvou em S. Paulo a bandeira negra ?

E' aqui occasião de rebater o infundado juizo que contra nós emittio o distincto jornalista que n'esta côrte redige a *Gazeta da Tarde*:

Não descremos da Republica, e nem tão pouco da Monarchia.

O que não pôde infundir grande enthusiasmo é o spectaculo que dão os partidos que presentemente militão.

A falta de direcção scientifica, de escolas com todas as intransigencias de principios, é cousa que não se demonstra, mostra-se.

Para que citar-nos nomes respeitaveis de alguns republicanos cheios de fé e de coragem ?

Da enumeração d'esses nomes conclue-se justamente o desmantello d'aquillo que, para ser um partido, deve, como o archanjo, chamar-se—*Legião*.

Creemos na benemerencia de todos os nomes que citou, e mais ainda no contingente anonymo que é quem mais profliga o egoismo e bandeamento dos maioraes.

O proprio escriptor a quem nos referimos, republicano illustre e denodado, por mais de uma vez tem verberado com santa indignação, não sómente individualidades bifrontes no seio do seu partido, como

nucleos inteiros de republicanos, que falseião pelo menos a doutrina da *igualdade e fraternidade* n'essa petulante defeza da escravidão.

Era consolo para os descritos de esteril controversia constitucional acreditar que a republica ainda em propaganda, não engendrava ao nascer as monstruosas individualidades que fórmão o muzèò teratologico dos partidos decrepitos e estragados.

Que melhor confirmação de nossas palavras do que a admiração do abolicionista que é republicano, vendo tantos republicanos que não são abolicionistas ?

Anarchia mental e perversão de caracteres.
Foi o que affirmamos.



Um partido conhecemos nós, que se congrega na sombra, cujos chefes surgem de recantos invisíveis e que se vai radicando solapadamente por todo o paiz.

Esse partido, que tem como desideratum o completo dominio das almas, apodera-se sornateiramente dos prélos, das escolas, das casas de caridade e do lar domestico.

Trevas visíveis, como as do poeta inglez, tal partido, que é uma revoada sinistra, interpõe-se entre as luzes do seculo e as aspirações do futuro.

Elle chama em seu auxilio o obscurantismo tradicional, sophisma os grandes factos da Historia, desfigura os vultos primaciaes da Humanidade, e, negando a evolução dos sentimentos e das ideias, transporta a sociedade para os tempos theocraticos, construindo aquillo que illustre moralista moderno chamou a *archeologia das almas*.

Como se não fossem bastantes as fortalezas e reductos que já possuem, sonhão a posse de clientella infinita, e erguem novas tendas de campanha, onde novos generaes espreitão o momento do rebate.

Já não basta o patrocínio das summidades que dirigem a politica mundana, os conselheiros de estado, titulares da mais alta estirpe e senadores do imperio, convertidos em familiares do Santo-Officio, pregoeiros de suas maravilhas, sollicitos sem collocar os filhos nos collegios e seminarios da santa irmandade.

E' necessaria a cumplicidade regia.

Tel-a-hão no futuro, porque o principe consorte não se limita ao marianismo mystico da princeza; affirma suas crenças de maneira mais significativa que não varrendo igrejas com espanadores.

O principe encommenda salesianos ao padre Bosco, agazalha-os em Nitheroy, lança os fundamentos para azilos de ingenuos e orphãos pobres, promove a compra de estabelecimento rural em Paquequer, e vae entregar toda uma geração que desponta aos directores d'essa presiganga espiritual como as *Reducções* e colonias agricolas do Paraguay.

O trabalho é gigantesco e digno de um neto de S. Luiz.

Seguramente os jesuitas, salesianos, lazaristas e mais esquadrões da milicia negra não virão doutrinar-nos nas boas praticas de governo livre, na veneração dos principios democraticos, e nem na libertação dos escravos e das consciencias.

O imperador não se deixa enredar nas malhas, mas, por apathia, tambem não as quer cortar.

O discipulo d'aquelle frade que foi bispo de Chrysopolis não sahio sómente mathematico como o mestre : sahio voltairiano como elle.

E' por isso que o inimigo simula contra-marchas e movimentos de flanco á espera que chegue a vez do beaterio presumptivo.

Elle espera atocaiado porem minando sempre....

Essa expectativa torna a nação suspeitosa, pois ella vê no futuro reinado, senão o governo de Maria a Louca, como disse um ex-ministro da corôa, pelo menos a resurreição de Isabel a Catholica.

O conde d'Eu, esse tem contra si uma corrente de opinião, que passa bramindo como caudal encachoeirado.

E' debalde que elle vai ao Paraguay e porta-se como soldado valente ; é debalde que elle procura

fazer-se chão e sem etiquetas no trato intimo e familiar.

Dir-se-hia que o principe soffreo o máo olhado de algum feiticeiro.

Um dia são os seus cortiços, no outro dia a espingarda de Carlos IX ; vem depois a negociata das minas, e nugas a da Copacabana, e mil outras tramoias industriaes.

Finalmente estoura a ideia de proteger a infancia desamparada por meio de restricções arditas e subterraneas, e até mesmo o trunfo sahe-lhe ás avessas com as recentes peripecias da casa de Orleans !

Até o desapparecimento d'essa objecção legitimista, que se intitidou Henrique V, foi-lhe funesto!

A posição do principe ainda mais antipathica tornou-se á democracia brazileira.

Com a morte do conde de Chambord, acha-se o conde de Paris investido no papel de rei ideal, *in partibus infidelium*, em Ivetot ou em Goritz; em todo caso — um pretendente á corôa de França.

Os tios e primos do conde de Paris são os astros gyrantes em torno daquelle sol.

Inimigos todos da republica, e, por conseguinte,

mal vistos pela democracia americana que preza a democracia franceza.

E assim é que, com o fallecimento do conde de Chambord, ainda mais precaria entre nós tornou-se a posição do principe consorte.

Medite elle no papel que a Fatalidade parece destinar-lhe.

E, uma vez que Sua Alteza é providencialista e confia no braço do Todo Poderoso, veja se consegue ao menos moderar o Destino...

Só ha uma salvação para sua consciencia fanatisada : é seguir, com pequena modificação, o conselho que o principe da Dinamarca, em sua loucura, dava a Ophelia :

— Faça-se frade como Carlos V...



Os doutores em astrologia constitucional representativa asseguram que a actual situação politica entrou ha muito em declinação, pelo que já ella toca á seu termo.

Se isto assim é, o partido liberal retira-se do poder levando na bagagem, intactas e em folha, as ideias todas que proclamou na opposição.

E acrescentemos que, muitas d'essas ideias, longe de serem affirmadas n'estes seis annos de dominio, foram contrariadas sempre que um dissidente do *statu-quo* ousava pedir noticias do programma.

Por meio de votações significativas o partido liberal regeitou a suppressão da vitaliciedade do senado e a da guarda nacional.

Regeitou todos os projectos de Saldanha Marinho nas controversias entre a Igreja e o Estado, desde

a secularisação de cemiterios até o casamento civil.

Não admittio que se tratasse, nem longinquamente e por meio de referencias, da emancipação dos escravos.

Longe de conter o poder pessoal nas interferencias indevidas, fez-se o apologista da correcta e exemplar abstenção da corôa quando seus ministros deliberão.

Restringio o suffragio eleitoral e quiz, por meio de avisos do executivo, coarctar as regalias do *habeas corpus*.

Em vez de descentralisar a administração provincial e dar autonomia ás provincias, enredou-as n'um cipoal de dependencias, annullando-lhes as leis financeiras e desequilibrando-lhes os orçamentos.

Inventou a fórmula: — *o poder é o poder* — para frisar a omnipotencia do executivo.

Abuzou dos emprestimos externos, do papel-moeda e da emissão de apolices.

Descobrio para as occasiões de apuro a evasiva molieresca: — *póde ser que sim e póde ser que não*.

Ampliou o regimen do filhotismo, essa Carthago

conservadora contra a qual trovejou por dez annos um *delenda* cheio de sonoridades.

E deu á advocacia administrativa aspecto tão incommensuravel, que ella, por si só, caracterisará mais tarde uma phase de nossa historia politica.

Oh, o advogado administrativo !

Vale á pena, embora muito rapidamente, deixar aqui esboçado esse perfil.

Quem o não conhece independente das placas e taboletas de escriptorio ?

Por via de regra é deputado ou senador, ex-ministro quasi sempre.

Ouro sobre azul quando reune á tudo isso um parentesco qualquer, proximo ou remoto, consanguineo ou espiritual com o governo.

Encorporar empresas sem ouvi-lo, é não querer que as empresas prosperem.

A subvenção kilometrica para estradas de ferro, os privilegios e garantia de juro são propriedade d'elle.

Distribue o maná aos clientes.

Empresa que ambicione crescer, faça-se sua pupilla. Ou faça-o empresario á capucha, associado por detraz da cortina.

E os favores começarão á chover.

Prorrogação de prazos, relevação de multas, augmento de capital garantido, facilidades no mercado estrangeiro, e isempção de onus aduaneiros.

O advogado administrativo que já foi ministro torna-se invariavelmente o advogado honorario (mas com muitos honorarios...) de alguma grande companhia, associação, ou empresa fundada durante o seu governo.

Assignou o decreto, e desde logo guardarão-lhe a prebenda....

Advogado administrativo que passa a ministro, vae ser o orago, o campeão da empresa, associação ou companhia que elle alentara e da qual foi patrono ostensivo até o advento da pasta.

Isto se faz escancaradamente, sem que o publico já faça reparos, sem que julgue extranhavel semelhante cambalacho.

O advogado administrativo é um inquilino das secretarias de estado, da secretaria da agricultura com predilecção

Vê as minutas com antecendencia, aconselha razuras e entrelinhas.

O official de gabinete olha-o como para um prolongamento do ministro.

Se a questão patrocinada é muito rebarbativa, e motiva negações dos outros membros do ministerio, o ministro explorado sente cruel obsessão nos dias de conferencia, onde as vezes tem entrada, para discutir, o sitiador do gabinete.

Afim de aplainar os escrupulos latentes, elle faz artigos para a imprensa assignados *Justus* ou *Bom Senso*, fingindo uma opinião expectante que insta pela resolução governativa.

Todas essas idas e vindas são sufficientemente encarecidas ao cliente.

Geitoso nas conversas e no trato intimo, leva o ministro pela corda sensivel, pela voz do sangue, pela cohesão partidaria, e pela insinuação de seus serviços parlamentares.

Quando não é um orador influente, com rabadi-lha de neophytos aos quaes dá a senha, é um desses politicos astuciosos, repleto de manhas e prestimos infinitos...

Elle na camara é um batedor do governo, contem os amigos que se apressam, impulsa os retardatarios, propõe rolhas e soluções, evita delongas e indecisões, resiste aos que puxão, e puxa os que resistem,

constitue-se enfim um quebra-mar em torno da torrente inimiga.

E' um homem que vale quanto pesa, pelo que não se o póde atirar para o lado.

Quando o sujeito é parente do governo, o ministro não sabe oppôr-se aos *adiantamentos* de seu sangue.

Se não é parente mas simples camarada, embora digão delle impropérios na ausencia, é necessario festeja-lo quando presente, afim de não ficar o governo contra a correnteza.

São muitos os advogados administrativos, porém poucos os que chegam ao apuro e refinamento do officio.

Estes são conhecidos, *brevetés*, e é nos seus escriptorios que se projectam minerações, ferro-vias, abastecimentos de agoa e gaz, privilegios, e auxilios á lavoura.

Nescio será o emprezario que queira trabalhar em vão, quando ahi está o tira-duvidas com garantia do governo.

E' sómente ter mais um socio clandestino na empreza.

D'ahi vae que as obras emprehendidas, nem todas são de utilidade publica: varias promettem

nunca acabar, e quasi todas desequilibram o The-
souro. As vezes o ministro resiste. Não está em
campo um filho ou compadre advogando emprei-
tadas.

Recebe o advogado administrativo com todas as
cautellas, não permite que sem ceremonias elle
corra o reposteiro do seu gabinete de trabalho.

Muitas festas em casa, mas poucas entradas na
pasta. Mostra-se franco, sendo impenetravel; re-
servado sob a apparencia de familiar abandono.

Isto, porém, origina tempestades parlamentares,
e o advogado suspeito desabafa em clamores e dis-
sidencias em nome dos interesses... publicos.

Assim, pois, é difficil arcar com os autores de
taes furacões no parlamento ; torna-se mais com-
modo ouvil-os e attendel-os.

O que não obsta que todos esses ministros sub-
jugados pelo advogado administrativo fação alarde
da sua intransigencia e catonismo.

Asseguram com seriedade provocadora de riso,
que nunca receberam votação em paga de favores
e que as incompatibilidades parlamentares puzerão
os representantes da nação a salvo de suspeitas e
denendencias.

Puras jogralidades que servem de capa á transparente verdade!

Se outras não fossem as enfermidades da situação, para matal-a bastava o polypo da advogacia administrativa.

As alças do esquife do mizero finado serão conduzidas pelos mais qualificados vultos desse ramo da industria politica.

E' provavel que, uma vez sepultado o defunto, lá na valla commum, digão em tom de nenia, que todos os seus defeitos são communs aos partidos que militão no paiz.

Mas, santo Deus! se um partido pregoeiro de reformas e implacavel na censura aos adversarios busca desculpar-se com os precedentes que verberou: se, em vez de pôr em circulação o seu elixir salvador, imitou e exagerou os desvarios alheios; então é preciso descrever de Tacito e do *resumendae libertati tempus*, renunciar ao progresso da moral publica e atirar para o dominio dos dogmas abstrusos o principio da perfectibilidade das sociedades humanas.

Não ha abuzo, acto de violencia e renegação de principios que se não possa justificar com um precedente historico.

A situação liberal á despedir-se pede que a julguem tão boa como foi a situação que ella combatheu com os mais afrontosos epithetos!

Sendo assim....

« Ce n'était pas la peine assurément

« De changer de gouvernement!



O dedo de Calígula e a philosophia de Bertholdo.—O annexo brasileiro: *mal com elle, peor sem elle!*—A jetatura imperial.—Bagagem litteraria de S. M. I.—Esthetica de S. Christovão—A sociedade dos homens de letras do Brazil.—A exposição pedagogica e o jesuitismo.—A anatomia e a physiologia das escolas.

Diz Suetonio na vida de Calígula que este imperador só dava a mão a beijar aos que d'elle se aproximavão, depois de fazer um movimento obsceno.

O celebre historiador romano explica claramente em que consistia esse movimento. O impudico filho de Germanico estendia o dedo medio e encolhia os outros, dando ao punho a fórma de um orgão ou de um signal muito conhecido das prostitutas, que vavam á noite pelas margens do Tibre; em seguida dirigia o olhar impudente para a pessoa que soli-

citava audiência, e ouvia-lhe o requerimento com uma solicitude verdadeiramente paternal.

A historia não refere facto algum do qual se possa inferir que esse gesto escandalisasse alguém.

A obscenidade era naquella época um salvo-conducto ; e para o chefe do Estado constituia uma pedra de toque, por meio da qual se lhe tornava facilimo saber desde logo com quem podia ou não contar na propaganda crapulosa iniciada pelo velho satyro de Caprea.

Desgraçados corriam os dias na monumental cidade, que mais adiante ter-se-hia de converter na capital do mundo christão e na séde do throno dos Papas.

Já não existia Cicero para oppôr-se ás insidias dos Catilinas, precursores dos Cesares glorificados pelas dividas e corrompidos até os ossos pelo luxo. O grito angustioso de Catão perdêra-se no meio do tumulto das orgias imperiaes, com o alarido das victimas da incontinenencia patriciana.

E', portanto, provavel que o povo reputasse esse movimento obsceno uma munificencia imperial, e o aceitasse como o unico viatico, a unica iniciação possivel para quem, não desejando ser condemnado

às trevas exteriores, se propunha a ter um logarzinho naquella sociedade corrompida.

Felizmente, apesar de vivermos em um clima ardente, aonde não faltão incitamentos a uma vida lubrica e hallucinada, ainda não nos tocou a vez de sermos governados pela mão polluida de um Calígula, nem já foram organisados ministerios por accenos pornographicos.

Na nossa vida publica, porém, introduzio-se um habito debilitante, que, se não produz revolta igual á que causa a memoria do successor de Tiberio, comtudo não pôde deixar de velar de tristeza a alma do brasileiro, que olha para sua patria com amor e esperanças de progresso.

Refiro-me á subserviência.

Esse pessimo costume tem sido mantido e cultivado pelo imperador do Brazil com habilidade digna de melhor e mais decente causa.

S. M. inventou tambem uma senha particular pela qual reconhece quem lhe é ou não fiel. Sem ella não ha quem obtenha consideração perante o throno.

Seria injustiça incluil-a entre os casos compendiados por Delacroix na sua *Historia da Prostitui-*

ção. Com toda a certeza, porém, mereceria figurar entre as historias de Bertholdo Cacasseno.

Refere este philosopho de cordel que o rei seu amo, querendo obrigar-o a curvar-se diante de sua inclyta pessoa, na fórma das regras palacianas estabelecidas pela adulação, e não o tendo conseguido pelos meios ordinarios, mandou, por ultimo, construir á entrada dos regios aposentos uma porta tão baixa, que não permittisse a pessoa alguma passar sem agachar-se. Compreendeu Bertholdo os intuitos do monarcha, e, quando teve pela primeira vez de penetrar na sala do throno, curvou-se, visto como não era possivel transpôr os batentes de outra maneira; mas desta vez tiveram os cortezãos de espantar-se com uma reverencia de nova especie. O subdito galhofeiro collocára o trazeiro acende a subserviencia costumava pôr o rosto. Entrára de costas.

No Brazil ainda ninguem teve o espirito de Bertholdo para burlar o artificio do monarcha.

A porta moral por onde todos devem forçosamente chegar até a confiança do chefe do Estado é desgracadamente tão baixa quanto a propria vilania.

E não basta que o individuo a transponha de rastos; ainda, por cumulo de maldade, despojam-o

do criterio proprio, da sua autonomia, e obrigam-o a repetir a palavra maçonica, o *abre-te, Sezamo* d'este reinado:—V. M. É SÓ QUEM TEM RAZÃO.

Eis o dedo de Caligula.

Dez por cento dos brasileiros praticarão o mal, chegarão ao aviltamento por indole, por perversão natural. Oitenta por cento, entretanto, fazem-o por terem-se habituado a não resistir ao que se lhes afigura irresistível.

Até onde chega a nossa culpa, individualmente fallando, por termo-nos deixado abater tanto diante de uma influencia, que bem poderia ter permanecido na sua posição de factor regular, mas não quasi unico, eis uma questão bem difficil de elucidar. O que, porém, não resta duvida é que sobre alguém pesa a maior parte da responsabilidade d'esse facto deploravel, e esse alguém não é outro senão o imperador.

Quem escreve estas linhas não ignora que o homem é o producto dos antecedentes physiologicos e do meio ; que os grandes homens não passam de phantasias sahidas de cerebros escandescidos como

os de Carlyle e outros; que as influencias individuais, ainda registradas pela historia, são, em ultima analyse, mais apparentes, que reaes. Estas verdades, não obstante, não o inibem de admittir que, dadas certas circumstancias, qual'quer mediocridade, de posse da chave do mecanismo social, consiga, sem grande esforço, determinar a marcha dos povos para a direita ou para a esquerda, para o bem ou para o mal, conforme a boa ou má indole, os vicios, as virtudes com que a sorte a tenha aquinhoado.

E' certo que Roma merecia exactamente um monstro como Caligula. Mas deve-se crêr tambem que, se este imperador não mentisse ás qualidades de Germanico, ou se em seu logar as circumstancias tivessem levado ao Capitolio um Marco Aurelio, o imperio não teria attingido um tamanho gráo de aviltamento.

E, como não é logico que se supprima a responsabilidade humana, facto positivo, phenomeno de ordem moral perfeitamente verificado, ninguem se furtará hoje ao dever de votar pela condemnação historica de todos os chefes de estado, que tem abusado de suas funcções magestáticas, prevalecendo-se das forças occasionalmente postas em suas mãos.

Faça-se a applicação *del cuento*.

Já vai para mais de quarenta annos que o Sr. D. Pedro II empunhou as redeas do governo.

Ha desculpa possivel para quem n'um tão dilatado periodo, dispondo de tudo e de todos, não quiz ou *não soube querer* o engrandecimento deste paiz? Não.

O crime d'este homem, pois, é enormissimo; tanto maior quanto o povo que lhe coube governar não está nas condições de uma nação decrepita, apodrecida pelo luxo, esgotada pelos vicios. O Brazil, ao contrario, possui os mais variados elementos que um bom administrador desejaria para enaltecer-se, marcando o ponto de partida para uma enorme projecção.

O crime d'este homem é, além de tudo, revoltante, porque todos sabem que a sua politica nunca visou senão o rebaixamento dos caracteres.

Quem nos assegura que tudo isso não tenha como causas o acanhamento do seu intellecto, que não lhe permite olhar por cima dos homens de talento, e a pouca plasticidade de suas energias, que não lhe garantem repouso diante das provaveis irrupções dos ambiciosos?

Seja como fôr, na alternativa, quem triumphou

foi a vaidade de um fraco mal intencionado sobre a fortaleza nativa e inexperiente de um povo inteiro.

E, porque as mãos que empunhão as redes do carro de Estado são fracas, incapazes mesmo de guial-o por caminhos mais arriscados e em carreira mais veloz, somos obrigados a ver esse carro arrastar-se vagarosamente á retaguarda das nações, puchado pelos mesmos lazarentos rossins com que entrámos no seculo XIX !

Mas aqui é que lhe occorria o dever do heroismo, do sacrificio do amor-proprio, de uma abnegação a Washington. Entretanto esse homem preferio transformar-se no **ETERNO OBSTACULO**, e continúa a manter-se n'essa situação consciencemente, preso ao receio de que os cavallos de Apollo o arrebatem em vertiginosa carreira.

A sua obra tem consistido simplesmente em apagar nos corações brasileiros aquelle explosivo sentimento, que preparou a independencia politica, e que promettia propagar-se na correlata independencia das lettras, das artes, das industrias, do commercio, etc., esse sentimento, em summa, de superioridade, sem o qual não ha paiz que progrida. E ahi temos em substituição o desalento, o desconhecimento das nossas proprias for-

ças, a inculcar na alma do povo a crença, que já se formulou n'essa triste phrase—*mal com elle, peor sem elle !*

Tudo isto equivale dizer-se que não temos notabilidades, que não sentimos iniciativa para cousa alguma, e que é indispensavel que tudo parta de cima para que possa vingar.



Não faz muito tempo que nas paginas desta mesma revista a penna de um de seus redactores estremeceu commentando um facto caracteristico que se passava no paiz.

Affirmava elle que havia uma surda elaboração, embora produzida por um mal-estar impotente, que augurava um boato de opinião.

Ha motivos para que essa affirmação persista. Seja ella, pois, o nosso guia, o nosso norte.

Acreditem todos : o maior symptoma de que isso não é uma illusão está na insistencia, quasi escandalosa, com que o imperador se apresenta, ou para melhor dizer, se encaixa á frente de todas as instituições, que nos outros paizes costumam viver na penumbra da iniciativa particular.

Ora, S. M. sempre foi um estorvo ao desenvolvimento natural do espirito de associação.

A sua presença n'estas regiões nunca deixou de

ser uma hypertrophia do officialismo, e consequentemente uma atrophia da expansibilidade do individuo. E S. M. não é um *jettatore* inconsciente. Diariamente reincide n'esse acto, e com a aggravante de procural-o como meio de obstar o crescimento de nucleos, que algum dia possam influir no regimen das ideias que se propagam pelo paiz.

— O paiz quer pensar por si, diz elle conversando com os seus botões. Pois bem, hão de me encontrar agora por toda a parte, como uma implacavel obsessão : e, das duas uma : ou aceitam o meu conselho, ou suas pretensões dissolvem-se como o fumo.

E é o que se pratica.

Não ha ainda muito tempo que um distintissimo pintor decahio das graças imperiaes e curtio amarguras, porque, em um célebre quadro historico, não achando digno ceder ao capricho de S. M. que pretendia mudar a posição de um tambor, respondeu-lhe em termos habeis que cada um devia ficar no seu officio.

Igual recompensa obteve certo poeta heroico, que, por identicas razões, rejeitou as correcções, que o mesmo mestre fazia-lhe a uns versos perfeitamente metrificadlos.

Agora mesmo vemol-o encartado como presidente honorario de uma sociedade de homens de lettras para asphyxial-a ou reduzil-a a um conducto de sua vaidade no estrangeiro.

Dirão provavelmente os que se julgam com mais isenção de espirito, — que n'essa apreciação ha uma *arriere pensée* e um principio de injustiça.

Não importa cousa alguma o juizo d'esses optimistas.

O facto é que não se sabe por que cargas d'agua S. M. pôde encartar-se n'essa nova sociedade. Com todos os visos de verdade o eterno protector de tudo no Brazil, não entrou alli para fazer com que a vida de homem de lettras n'este paiz se transforme n'uma profissão independente e lucrativa.

São elementos estes que não agradam á sua indole e que só lhe convem auxiliar por um modo especial, isto é, dando-lhes importancia tanta quanta seja sufficiente para garantir-lhe a nomeada de sabio e litterato, que goza na Europa.

Ora, uma associação, que tenha por unico fim a propaganda da fama de um homem, que é a negação do gosto, pôde ser tudo, menos uma associação de litteratos.

Salvo se ha quem o julgue habilitado para a nobre investidura pelo facto da sua conhecida bagagem litteraria. Ahi estão bem visiveis, não nego, as suas obras:— *quadrinha ituana*, a traducção da *Bandeira estrellada*, o cordel com que ligou as flôres poeticas da *Revista Brasileira* no centenario de Camões, e as ultimas memoraveis palavras, que se dignou proferir, na experiencia de luz electrica da praça do Duque de Caxias — *a luz de Campos é peor do que esta*, — *Orve bem a minha voz? etc, etc*, palavras estas que talvez vão entrar na historia a par dos ditos celebres de Alexandre, Napoleão e outros.

Sei que não foi esta a intenção primitiva de quem iniciou a ideia da criação desse nucleo litterario.

Faço bastante justiça ao esforço, ao talento, e dignidade litteraria do Dr. Franklin Tavora, cuja obras dão-lhe na republica das lettras direito a um lugar conspicuo, para não julgar-o capaz de imaginar *ad usum publicum* um prolongamento das celebres palestras classicas, do paço de S Christavão em que S. M. legislava sobre poetica com a cartilha do Padre Ignacio em punho, tendo como acolito o autor da *Grinalda Ovidiana*.

Mas é que estas ideias tem um movimento cyclico muito conhecido entre nós, e o distincto romancista descuidou-se de prevenir a sua marcha fatal.

Desde que uma lembrança d'esta ordem cae n'um certo circulo de individuos, é forçoso, é inevitavel que vá até o solio imperial. O Dr. Franklin Tavora não se previnio contra este vortice, e, não o fazendo, prejudicou o futuro da associação existente em plano.

Não era fóra de cabimento que, achando-se n'esta côrte dois litteratos argentinos como os Srs. Quesadas, pae e filho, redactores de uma revista, que se propõe por sua parte a tornar a litteratura platina conhecida no estrangeiro ; não era fóra de proposito que um amigo particular e collega dos illustres hospedes cogitasse em uma obsequiosidade no genero do que em circumstancias identicas se costuma fazer nos paizes cultos. Que na intimidade da palestra litteraria, reunidos sem distincção os que aqui cultivam o espirito, se tratasse de reviver um pensamento, que tantas vezes tem apparecido e desaparecido da tela da discussão, tambem não me parece que houvesse n'isso motivo de censura.

O que, porem, absolutamente afasta-se dos estilos e julgo mesmo exquisitissimo, é que das regiões

officiaes se despenhe assim do dia para a noite a criação de uma sociedade de homens de letras, como um decreto convocando congressos pedagogicos e agricolas, dando-lhes como paranymphos dois estrangeiros.

O resultado foi que a maior parte dos cultores das letras não obedeceram ao decreto. E fizeram-o muito bem, porque essa imposição vinha pelo dedo de Caligula.

As letras formam uma republica, e os proprios monarchas, se tem a veleidade de pertencer á ordem, ficão por isso mesmo obrigados á trabalhosa iniciação dos neophitos communs. Nunca impondo esthetica, ritos e ceremonias. Ou então constituam-se protectores discretos e dispretenciosos.

Na fórmula da lei... na fórmula da lei...

S. M. foi-nos, portanto, ainda desta vez muito prejudicial.

— Mas para que o convidaram ?

Não o convidaram. Intrometteu-se ; aconselhou. E não precisava mais para que os bons intuitos dos primitivos autores da ideia ficassem entorpecidos.

O Maelstron palaciano envolvera-os; a typographia nacional trabalhou, e então tornou-se indispensavel

dar um espectáculo aos dous argentinos tão edificante, que os habilitasse a dizer, quando de volta ao Rio da Prata, que — o Brazil rivalisa com as outras nações por ter um rei amante das letras, um rei que as enaltece recebendo os estrangeiros com festins litterarios, nos quaes são estes encarregados de collocar a primeira pedra no edificio das glorias patrias

Com sobra de motivos encetou o Sr, Vicente Quesada o seu discurso dizendo que «S. M. el Emperador, en cuya fronte luce la corona de sus antepassados y la *prestigiosa aureola de la sciencia* se habia dignado con boudade suma honrarlo con su presencia, mostrando en ello como el trono no es un obstaculo para las labores de las inteligencias.»

A festa realizada no Lycêu de Artes e Officios « será uma gloria futura del Bracil », na opinião do Sr. Ernesto Quezada.

Na opinião, porem, da maior parte dos escriptores brazileiros, que lá não compareceram, foi apenas um pretexto, com abuso de confiança, de que lançou mão o chefe de estado para humilhar-nos, engrandecendo-se aos olhos d'esses dois hospedes, que voltarão para seu paiz, ou illudidos nas suas esperanças de união da raça latino americana, ou rin-

do-se da pouca experiencia dos que se prestáram ao desafogo da vaidade imperial.

Já houve um potentado de aldeia, que, não tendo meios de obsequiar um alto personagem que o visitava, mandou celebrar para divertil-o os actos da semana santa.

S. M deu agora em festejar os visitantes estrangeiros fundando ou presidindo a fundação de sociedades de homens de letras.

N'este ponto, não obstante, nutrimos uma esperanza, e é que lhe aconteça em materia de pretensões litterarias, o mesmo que, segundo o Talmud, se deo com Alexandre.

Refere o livro sagrado que, tendo este grande capitão chegado nas suas ambições de conquistas até as portas do paraiso, não poudé invadil-o; apoz tentativas reiteradas pedio que ao menos lhe dessem um signal pelo qual provasse que chegara até onde ninguem se atrevera. Satisfizeram-lhe a exigencia então; mas quando de volta foi examinar a dadiva, reconheceo que o tinham presenteado com uma caveira.

E' inexplicavel como entre tantos e tão variados productos expostos pelos *pioneurs* da pedagogia não apparecesse specimens da *surnoiserie* jesuitica.

Todos os curiosos que visitaram as salas da Typographia Nacional, onde figuram os systemas e modelos escolares dos paizes mais adiantados, foram concordes em confessar a sua admiração diante dos objectos expostos pelos padres da Belgica, que não se deixaram vencer nesse *steeple-chase* original.

Quando a ingenuidade dos visitantes esperava nessa secção encontrar a reproducção das fogueiras da idade média e das applicações mysticas do syllabus, foi surprehendida com um complexo de engenhosas combinações perfeitamente de accordo com os progressos adoptados pelos professores mais modernos.

Os padres não repugnaram aceitar as ideias de

Fröebel e Pestalozzi, nem mesmo a dos mais arrojados evolucionistas.

Foi sempre maxima do jesuitismo não desprezar as descobertas do engenho humano e aproveitá-las no sentido das suas doutrinas *ad majorem Dei gloriam*. Tanto é verdade que o instrumento acaba por tomar a feição do operario que o emprega.

A experiencia não exclue a intervenção divina, dizem elles. E uma boa acomodação das sciencias naturaes ao espirito da creança, uns certos habitos mentaes dirigidos e suggeridos por uma sabia coordenação scientifica, por uma coordenação subordinada ao pensamento da cidade descripta por S. Agostinho, pode levar o homem tão facilmente a Deus, como o terror que os quemaderos infundiam a alma catholica n'esse negregado periodo da historia chamado—idade média.

Os padres belgas expuzeram todos os instrumentos de que usam logicamente para aguçar a intelligencia do menino para habitual-o ao trabalho da pesquisa, e familiarisal-o com os objectos que o cercam na vida diaria. O que porem tiveram bastante cuidado em esconder foi a transição,— o ponto essncial onde a educação intellectual vae seligar á educação moral.

Ahi é que se deverá encontrar o *truc*. E não lhes faltaria então habilidade para ainda conseguirem jogar uma partida e ganhar-a contra os esforços da civilisaçã que os bloqueia.

Esse *systema a Cunctator* tem seguramente prolongado a vida a esse espirito das trevas, que ainda vem nos disputar o passo no mais vertiginoso momento da carreira

Não tarda mesmo que as proprias theorias de Darwin sejam por estes mestres em dissimulaçã encampadas para serem mais a gosto e com mais proveito introvertidas.

Não é verdade que S. Matheus precedeu ao philosopho e naturalista inglez na descoberta da lei da selecçã natural? Não são suas estas tão conhecidas palavras — *muitos são os chamados e poucos os escolhidos*? (Cap. XXI v. 14)

Como pois extranhar-se que hoje os jesuitas se apoderem dos methodos intuitivos e com elles se apresentem revelando maior sagacidade do que os outros educadores !

O que se segue do tudo isto é que aproveitariamos mais em ver o professor, o artezão escolar em acto de officio, do que os instrumentos sem significaçã de que as escolas fazem uso.

A exposição pedagógica, portanto, quanto a mim, não passa de um mappa anatomico, aonde o observador encontra os diversos membros, os órgãos espalhados, e as vezes sem ordem, com que devem funcionar esses importantes corpos a que se dá o nome de escolas.

A alma e que não está ali. E no entanto a alma é tudo.



E' hoje uma questão vencida o que se encerra no dito de Montaigne: *sçavoir par cœr n'est pas sçavoir*.

E não ha presentemente quem não reconheça como um axioma sagrado aquella phrase do autor da *Educação* que « apresentar ao espirito o producto puro da pesquisa, sem obrigar esse espirito a passar pelas fadigas da investigação propria; é um methodo deprimente e inefficaz ».

Todos concordam que o acto da generalisação deve ser espontaneo e não uma imposição como a fé relegiosa; que se deve partir do concreto para o abstracto; que a educação não deverá ser outra cousa senão a coordenação dos impulsos naturaes; que a missão do educador não consiste senão em facilitar ao educando pontos de vista, de onde mais facil se lhe torne a observação, trabalho este lento e mortificante, as vezes improdutivo para os destituidos de auxilio; que o estudo deve ser um prazer e a sciencia offerecida a

proporção que as faculdades vão pedindo nova ordem de factos e de phenomenos.

E' hoje até uma chapa o dizer-se que educar importa o mesmo que reduzir o macrocosmo a microcosmo, importa o mesmo que construir em torno da creança um meio artificial e resumido, em que esta rapidamente possa encontrar as noções que lhe são necessarias para entrar na lucta universal.

Mas tudo isto em these não passa de apparatus para inglez ver.

Seria necessario que os interessados na resolução d'essa questão vissem o apparatus funcionar.

- Não necessitamos tanto da anatomia como da physiologia das escolas.

- Para que portanto a exposição pedagogica desse resultados praticos era indispensavel que vissemos esse organismo—escola, vissemos esse apparatus vivo funcionar regularmente, ainda que fosse em proporções diminutissimas.

- Nada se fez n'este sentido; o que me leva a crer que essa exposição, apesar dos esforços particulares, que cooperaram na sua realização, não terá maior exito do que a associação dos homens de letra do Brazil.



Um reparo.—A Rua do Ouvidor.—Sarau Quisada.—Dois versos.—Serenissimo riso.—Wagner e o Dr. Manoel Jesuino.—Do Brazil e Brazileiros.—Corrêp.—Miguez. — Off.

Tratando do ultimo numero dos *Lucros e Perdas*, disse a *Gazeta da Tarde*, com expressões benevolas que muito me lisongearam, que o obscuro escriptor incumbido, á falta de homens... de letras, da terceira parte deste periodico, tinha a seu cargo a revista dos theatros.

Apresso-me em protestar contra essa afirmativa, prova real de que, felizmente para mim, não fui lido pela *Gazeta da Tarde*.

Não, senhora ! nestas columnas tratarei de tudo quanto me approuver, menos de politica. Si a *Gazeta da Tarde* tivessẽ tido o máo gosto de ler, pelo menos, o summario de minha chronica, veria que não me limitei a tratar dos theatros, assumpto em que me considero suspeitosissimo.

Assim é que, tratando da *Falka*, a ultima peça do Sant'Anna, que teve a desgraça de ser traduzida por mim, eu não resistiria talvez ao desejo de dizer que a traducção é primorosa, e isso seria capaz de me indispor com os meus bons amigos e optimos collegas, Alfredo Camarate, do *Jornal do Commercio*, e Dantas Junior, da *Revista Illustrada*.

Tambem não tratarei da companhia Ferrari, nem da nova edição da *Dona Juanita*. Interesses particulares de traductor da *Falka* talvez me levassem a dizer mal da prima-dona Ferni, que tem sido as delicias do publico philarmonico, ou do barytono Ivaldi, um barytono a valer, *un vrai*, inventado pela empreza do Novidades.

Para provar, outrosim, que nem mesmo tenho a preocupação da actualidade, não perderei o meu latim com a questão do *Ite ; missa est*, que veio provar que o Sr. Dr. Castro Lopes não sabe da missa nem metade; deixarei de parte os desfalques que todos os dias apparecem por ahi, o que, aliás, me poderia fornecer grandes tiradas de philosophia social, e tratarei de um assumpto que nada tem de novo nem de actual: a rua do Ouvidor.



A nova casa de modas, estabelecida por Mr. Douvisy no quarteirão mais frequentado daquela rua, inquestionavelmente possui aquillo a que deram agora os parisienses em chamar *pschutt*, vocabulo extravagante, que, todavia, figurará nos dictionarios dos futuros Littrés.

Inaugurem-se na rua do Ouvidor mais alguns estabelecimentos como aquelle ; desapareçam della umas tantas tavernas, que a desfeiam ; calcem-a a macadam ; illuminem-a, pelo menos durante tres horas cada noite, com a luz electrica, tão bem succedida nas experiencias do largo do Machado, e a rua do Ouvidor será realmente o nosso *boulevard des Italiens*, denominação pomposa com que já era antecipadamente condecorada na epoca do meu nascimento.

O que lhe falta é um pouco mais de *mise-en-scène*, ninguem pode negar que já tem um movimento muito pittoresco e quasi europeu.

A gargalhada dos moços estruge nos cafés, ainda estreitos e sombrios. Senhoras da *haute gomme* reúnem-se no Barroso, no Zenha ou no Riba d'Ul, *ci-devant* Godinho. Outras percorrem as galerias da Notre-Dame, a nossa cathedral do luxo. Estas escolhem as ultimas musicas no Narciso. Aquellas namoram um chapéu, exposto na *vitrine* do Palais-Royal. Conversa-se no Paschoal. Discutem-se no Castellões as excellencias da *Hebréa* e as dos camarões recheiados. Agitam-se questões litterarias no Faro & Lino. Cada casa tem a sua roda, cada roda a sua *physionomia* propria.

Junte-se a isso a multidão heterogenea que passa e repassa, irrequieta ou descuidada, nervosa ou *lymphatica*, correndo, parando, examinando, comendo, bebendo, gritando, gesticulando, discutindo, passeiando, fumando, tomando rapé, fazendo horas, fazendo as onze, fazendo a barba, fazendo tudo !

Aqui uns turcos... do occidente, que vendem bugigangas da Terra Santa.

Alli um mercador loquaz de gaitas, corropios e passarinhos mechanicos.

Mais adiante uns musicos que o Agamemon de Offenbach contractaria para os torneios de espirito da *Bella Helena*.

Acolá um individuo que impinge por dez tostões, além de um canivete-sacca-rolhas, abre-latas quebranozes e corta vidros, um discurso polyglotta, elevando as virtudes de sua ferramenta.

E o ponto dos bonds ?

E os dentistas ? E o Cailteau ? E a galeria Moncada, que nos obriga a passar pelo passeio opposto, receiosos de olhar machinalmente para alguma obra-prima do Sr Petit ?...

A rua do Ouvidor tem a vida do café, a vida do armarinho, a vida do dentista, a vida da confeitaria e a vida da livraria. Falta-lhe o mais.

Não esperem que a Illustrissima Camara Municipal, convertida agora em curso pratico de capoeiragem, opere a transformação reclamadissima. Cotizem-se os respectivos proprietarios para o calçamento e illumination : o resto virá aes poucos.



Anch'io sono pittore! exclamei sorprendido o outro dia, ao receber uma carta em que um general e dois conselheiros me convidavam para assistir, no Lyceu de Artes e Officios, ao sarau litterario realisado em honra dos Srs. Quesada, Pai e Filho, e á subsequente formação da Sociedade dos Homens de Lettras do Brazil.

A hora indicada enverguei a casaca, calcei as luvas e dirigi-me ao casarrão que o benemerito Sr. Bittencourt da Silva, sem recorrer aos seus provados talentos de architecto, transformou em magestoso templo.

Logo depois chegou o Sr. D. Pedro II, acompanhado pelos Srs. condes d'Eu. A familia imperial penetrou na sala da reunião ao som das notas patrioticas do hymno brasileiro, sopradas e batidas por uma charanga, invisivel como a orchestra de Wagner.

Para maior illusão, a alludida charanga executou, no intervallo da primeira para a segunda parte do sarau, um trecho dos *Niebelungen*. Dos *Niebelungen* digo, fiado na informação auctorisada do Sr. Dr. Carlos Costa, a quem perguntei que diabo de musica era aquella. Si houve engano no diagnostico do distincto homem de letras, queixe-se delle o paciente leitor.

Foi inaugurado o sarau por um discurso do Sr. Pereira da Silva, que o leu sentado.

Sua magestade, habituado a dormir, na escola da Gloria, ao som da voz do illustre conselheiro, fez um esforço heroico, e conseguiu manter-se naquella vaga percepção, que não é vigilia nem somno.

O Sr. Quesada Senior respondeu, de pé, com outro discurso.

Leu baixo, muito baixo, como um verdadeiro diplomata que é. Affirmam pessoas fidedignas que S. Ex. exprimio-se no mais puro castelhano. Acreditado.

Seguiu-se o Sr. barão de Paranapiacaba, que com a sua bellissima voz recitou uma extensa poesia escripta em lingua tupy, o *mas bien guarany*, como diz o Montoya.

Ao Sr. barão de Paranapiacaba succedeu o Sr.

Sylvio Romero que, a proposito de poesia popular brasileira, deu uma catanada nos *pacholas* que se julgam com mais talento e mais juizo do que elle.

Em seguida o Sr. Dr. Manoel Jesuino Ferreira recitou, com a velha melopéa nazal dos portuguezes, alguma cousa que supponho fossem versos, por me haverem chegado aos ouvidos os dous decasyllabos que passo a transcrever :

E por só vestimenta tinha pennas
De guarás arrancadas e de araras.

A poesia, se poesia era, devia ser jocosca, a julgar pelo riso que excitou nas pessoas que se achavam mais proximas do poeta.

Sua altesa, a Sra. D. Izabel, fazia, para conter o riso, os mesmos esforços que seu augusto pae para conter o somno. A distinctissima senhora em vão mordia o lenço e cobria o rosto com o leque. O riso irrompia-lhe dos labios como vassallo rebelde, que a propria vontade da princeza não conseguia moderar. O Sr. conde d'Eu, que tem a ventura— inestimavel em reuniões desta natureza—de ser surdo, ignorando, por conseguinte, que era humoristica a longa composição do Sr. Dr. Jesuino, fazia-se da cor de uma lagosta, e lançava á se-

renissima consorte um olhar meio de supplica, meio de reprehensão.

Fechou a primeira parte do sarau o Sr. Dr. Afonso Celso Junior, que, no meio de tantos conselheiros, me fez lembrar de Christo entre os doutores.

O joven deputado, lendo, de um modo amaneirado, que lhe não gabo, um bello trecho da sua prosa de poeta, trouxe-me á imaginação o famoso verso:

Même quand l'oiseau marche on sent qu'il a des ailes.

A descripção do Jequitinhonha, feita pelo auctor das *Telas Sonantes* com um luxo levantino de adjectivação e um colorido flamengo, e depois o discurso do Sr. Quesada Junior, com que abriu a segunda parte, imprimiram á festa uns laivos de mocidade, uns simulacros de animação.

Infelizmente a prosa, em que se nota, aliás, perfeita concordancia entre o verbo, o sujeito e o caso, do Sr. General Fonseca, a anthropologia do Sr. Ladisláo Netto e alguns versos de um velho poeta que eu suppunha já não pertencer ao numero dos vivos, o Sr. Joaquim Norberto, esfriaram os animos, fazendo desleal concurrencia aos sorvetes que circularam durante o intervallo.

Dizem-me que o discurso final, pronunciado pelo sympathico autor do *Cabelleira*, salvou a situação. Não esperei por elle, confesso, e peço perdão ao Sr. Tavora. Já estava farto de musica do futuro e versos do passado.

Wagner e o Sr. Dr. Manoel Jesuino não *me entram* nem a sorvete !



No dia seguinte pela manhã, depois de uma noite infernal, durante a qual sonhei com Garção, Maldonado, Semedo, Filinto Elysio, Marilia bella, café Nicola, curvo lenho, salso elemento, venha o motte e amanteticos arcades, percorri os jornaes para certificar-me do numero de suicidios causados pelo sarau Quesada (Senior e Junior). Apenas me certifiquei de que a Associação de Homens de Lettras do Brasil não havia sido organisada.

Parece que, no fim da festa, os unicos homens de lettras do Brazil que ainda se achavam presentes eram S. M. o Imperador, seu genro, os signatarios do convite, os musicos e os continuos do estabelecimento.

Sorpreheu-me, entretanto, o edital, publicado nas folhas do dia 3 do corrente, convocando para a primeira assembléa da associação « todos os brasileiros que *de qualquer modo* cultivem as lettras,

ainda que não tenham dado á publicidade os seus trabalhos. »

Aquelle *de qualquer modo* traz agua no bico !

Farão parte da associação os redactores desses órgãos ignobeis de diffamação publica, cujos titulos os leitores desta revista levariam a mal, e com toda razão, si os escrevesse aqui?

Outro reparo :

Tratando-se de uma Associação de Homens de Lettras *do Brazil*, porque são excluidos della os estrangeiros que entre nós se entregam ao cultivo litterario, como os Srs. Henrique Chaves, portuguez, Deleau, francez, Scully, inglez, Rogall, allemão, Luglio, italiano, e tantos outros ?

Nesse caso, seria mais logico dizer-se : Associação de Homens de Lettras Brasileiros.



Não quero deixar de complimentar dous artistas distinctos, sobre os quaes se fallou bastante o mez passado : os Srs. Corrêa de Castro e Leopoldo Miguez.

O primeiro, pintor de talento e de futuro, expoz na Typographia Nacional uma pequena collecção de quadros originaes. Fui vel-os, e tanto mais os admirei quanto não conhecia, mesmo de tradição, o Sr. Corrêa de Castro.

Nós somos um paiz de estupendas anomalias. Ao passo que elevamos do dia para a noite certas mediocridades bandarras, sem o menor direito tem á consagração do publico, ignoramos a existencia de um pintor brasileiro, que se recommenda sobejamente pela composição, correcção do desenho e vigor do clorido.

Antevejo os protestos que ha de erguer a accusação formulada no precedente periodo. Mas não

ha negar que todos os dias a população fluminense assiste sorprendida ao espectaculo de manifestações de apreço a individuos que ninguem conhece.

Ainda agora os moradores da Fabrica das Chitas innauguraram um novo meio de *manifestação*, que si fizer escola, como é provavel; offuscará os retratos a oleo, os relogios com corrente, medalha e phosphoreira, os tinteiros de prata com penna de ouro, e até a *marcha aux flambeaux* dos estheristas.

Desta vez o manifestado não foi um medico nem um advogado, nem um inspector de quarteirão, nem um artista; foi simplesmente um conductor de bond.

Ao que parece, a companhia de S. Christovão possui um conductor que faz parar o carro quando lhe pedem que o faça e não se esquece dos trocos. Os referidos moradores, que tem a inestimavel ventura de serem servidos por essa phenix dos conductores, acabam de lhe offerecer uma chapa de prata, que esteve exposta — podéra ! — em uma vitrina da rua do Ouvidor.

Eu sabia que a manifestação era uma chapa. Fico tambem sabendo que a *chapa* é uma manifestação.



Leopoldo Miguez trouxe de Pariz a consagração de um grande mestre : Ambrosio Thomaz, e de um maestro : Léo Deslibes.

O imperador recommendára-o ao auctor da *Mignon*. Ambroise Thomaz recommendou-o ao mundo.

O illustre maestro francez ouvio e elogiou a bellissima symphonia de Miguez, essa explendida obra de arte, em que noto apenas um defeito : ter sido composta em honra á memoria de um malvado.

Leopoldo Miguez, o temperamento mais artistico do nosso paiz. possui um character sereno e um coração apaixonado. A sua natureza sensivel não se coaduna com o titulo de sua symphonia. Miguez, celebrando o marquez de Pombal, é como um rouxinol entoando o *de profundis* de um tigre.



E que puritano da musica !

Um dia, em Paris fomos de sucia a um desses famosos cafés-cantantes semeados na grande cidade, que é ao mesmo tempo Athenas e Corintho.

Formosa e petulante *cascadeuse* expectorava no palco uma alluvião de coplas demasiadamente bregeiras, ao som de alguns compassos de musica... de café-cantante.

A multidão erguia-se inflammada, applaudia freneticamente, e não podendo, afinal de contas, manifestar por outro modo o seu enthusiasmo, repetia n'um *crescendo* diabolico, o *refrain* da cançoneta :

Allez manger des écrevisses
Au café des Ambassadeurs.

Nesse momento olhei para Leopoldo Miguez ; estava corado como uma noiva ! E dizia-me quasi irritado :

— Subio-me o rubor ás faces, não é assim ? A uma senhora honesta faria corar a lettra daquelles *couplets* ; a mim o que me faz corar é a musica !

E vendo que o enthusiasmo redobrava ;

— Será crível ? Estamos em Pariz ?

Felizmente para a arte franceza, o comico Fuzier que pouco depois apparecia no palco, incumbio-se da resposta :

— *Messieurs et dames, nous ne sommes pas au Concert Vatoire ; nous sommes au Concert Parisien.*

Foi então que Miguez conseguiu disfarçar a sua indignação, e fazer-se romano em Roma.



Fallei de dous artista que chegaram; deixem-me fallar de outro, que partio: o pobre Augusto Off, um allemão que tinha trinta annos no Brasil.

Quanto valia o lapis deste homem que o digam os trabalhos que produzio. Eu calo-me porque não tenho confiança no meu juizo. Era amigo d'elle, e o que é mais, muito mais elle era meu amigo.

Entretanto posso dizer, sem receio de commetter uma injustiça nem de offender melindres alheios, que entre nós ninguem rivalisava com elle nos retractos a *crayon*. Quando lhe não era possivel *d'après nature*, copiava-os de uma prova photographica. Mas que copias! Artista, sabia dar ás physionomias a mobilidade, aos olhos a expressão, a todos as caprichosas saliencias do rosto o suave contorne de que não são capazes as melhores photographias. Veja-se o retrato de Machado de Assis. Apareceo no *Penna e Lapis*, revista que o ma-

logrado artista e eu sustentamos durante o espaço de cinco ou seis numeros. Veja-se o retrato de Henrique de Mesquita publicado pelo *Bezouro*.

Fez tambem retratos a oleo. Poucos, muito poucos, porque, pauperrimo como era, tinha muita dignidade e não os pintava por dez réis de melcoado, como a maior parte dos seus collegas. O Sr. Cunha Vasco possui um retrato de Augusto Comte, copiado a oleo de uma lithographia. Veja-se a cópia e original.

Outro, o de Theophilo Gauthier, por elle offerecido ao saudoso Arthur de Oliveira, foi muito elogiado quando exposto no Lyceu de Artes e Officios.

*
* *

Augusto Off pertencia a uma classe de bohemios que, escapou a Henri Murger: os bohemios chefes de familia.

Quando lhe perguntavão :

— E' verdade que tens seis filhos ?

— Só, respondia elle com adverbio e um sorriso adoraveis de resignação.

Nunca ninguem lhe sorprehendeu um momento de mau humor ; a ninguem fazia partcipe involuntario dos seus infortunios, que eram acerbos e numerosos. Sem vintem, rodeado por seis crianças que não podia educar e nutrir como desejava, era, comtudo, de uma jovialidade facil e communicativa.

Perdoava e esquecia as injurias ; guardava a lembrança dos beneficios. E que tristes beneficios.

Certo cavalheiro que reunia as funcções d'actor ás de empresario dramatico, encommendou-lhe um retrato e furtou-se ao pagamento.

O Off contentou-se com dizer ao caloteiro :

— Nós somos ambos artistas, mas o Sr. é mais feliz do que eu, porque ninguem póde fazer-lhe uma encommenda. Entretanto, está satisfeito, porque o Sr. foi ao meu *atelier* representar uma farça ; é justo que eu pague o seu trabalho de actor. Não me deve nada.

Pobre Augusto Off !

FIM

LUCROS E PERDAS

Ferías parlamentares.— O rei só.— A chave, a gazua e a tranca. — O deputado no ultimo anno.— Saibam ouzar...— Edital inconstitucional mas bom.— Datas alegres e funebres.— 28 de Setembro— Validismo, diplomacia e pedagogia.— Ministros que se reelegem.— O carro de Apollo.— Alegorias e o rabino de Granada.

Sente o paiz a nostalgia do parlamento.

Se é elle a parte pictoresca deste systema, que Paulo Luiz Courier denominava de *recreativo* ?

Ninguem como o Executivo se dá tão bem com os intersticios da verbiagem.

Está o ministerio sem camaras e póde pois alampardar-se dia e noite nas recamaras de palacio.

Comquanto o parlamento não o amedrontasse, tirava-lhe comtudo o somno.

Ouvir discursos mais ou menos enfadonhos e receber os memoriaes daquella confraria de pedintes é realmente trabalho que toma horas.

Nestes oito mezes, o Executivo pertence todo ao expediente, e os secretarios de estado podem deixar a Corôa no uzo das prerogativas de chefe dos chefes, Chave de toda a organização, e mais outras nigromancias, que insidiosamente confiou-lhe a Constituição.

Ella sabe perfeitamente que authoridade tremenda creou sob a denominação de *Poder Moderador*.

- Esse poder quasi sobrenatural tem um dos attributos da divindade : é irresponsavel.

E' certo que essa irresponsabilidade deriva da inteira responsabilidade ministerial ; dá-se, porém, no segundo reinado a mais extraordinaria das anomalias :

O Poder Moderador não quer que os seus ministros se responsabilisem pelo que elle faz, e dá por averiguada a sua não-errancia.

Constitue-se por esse modo um monstro constitucional.

· Não é mais um ser humano, ha nelle o *quid* divino, que anniquilla quantos o rodeiam.

E' assim que vêmos um ministro apologista da pena de morte, e que nos delictos commettidos pelo escravo não admitte outra solução que não seja a força, referendar os repetidos perdões e commutações de penas decretadas pelo poder irresponsavel.

E' assim que vêmos ministros de um credo politico, referendar escolhas senatoriaes de seus adversarios, declarando ao paiz que nem a corôa é responsavel pela escolha e nem elle pela referenda !

Uma verdadeira consagração da divindade imperial.

A Constituição já nos havia dito que o Imperador tambem é sagrado, em virtude de certa cerimonia em que funcionam os oleos que pertenceram a Clovis.

Esquecendo a sua these inicial de que a soberania reside no povo e que esse, por uma ficção, presume-se haver acclamado o seu rei, despede logo a Constituição esse lampejo de legitimismo que é a negação dos proprios fundamentos democraticos e do direito de revolução.

Compreende-se a sagração de um rei que governa por graça de Deus, não a do que reina sob condições terminantes, estipuladas n'um contrato bilateral.

Essa irresponsabilidade é difficil de ser comprehendida.

Irresponsavel e incomprehensivel, o certo é que o rei entre nós é assim considerado, e mais ainda — a chave de toda organização politica, graças aos *amphiguris* madrigalescos da Constituição.

Seja porque o serralheiro que a fez não contasse com os progressos da arte, seja porque o tempo haja desconjuntado o maquinismo, a verdade é que a chave hoje não dá volta inteira na fechadura, e que as organizações politicas vão sendo abertas á gazúa, quando não fechadas á tranca....

Vendo essas exorbitancias do **PODER SUPREMO**, as cortezanices do Executivo, e ao lado delles um parlamento castrado e que procura ser elle o *cochon à l'engrais*: que muito é o desprestigio a que tem chegado as instituições?

Os grandes cargos deixaram de ser o apanagio dos grandes talentos, ou dos caracteres de eleição.

Razão pela qual não sendo respeitaveis, tudo ou quasi tudo deixou de ser respeitado..

E' um desforço da nação, que, pateando os medalhões guindados até o alto sem titulos de bene-merencia, prezume-se no gozo de uma liberdade que se não póde alienar : a de pensar e comparar.

Foi por isso que Girardin disse : *Le mépris des fonctionnaires est le commencement de la liberté.*



Que valor tem as instituições quando ellas não fundam a liberdade ?

O parlamentarismo entre nós não tem provado bem.

Os ministerios se organisam e succumbem sem a menor influencia parlamentar.

A deficiencia de leis boas e a abundancia de decretos perversos ou parvos faz com que não se espere do corpo legislativo remedio para o mal que aleija e depaupera a nação.

O balanço do que fez a sessão que acaba de ser encerrada é uma rapida exemplificação.

Esse balanço não é demorado.

O deputado, que ousou utilizar-se da iniciativa, clamou no deserto.

O governo, que deveria ser simples commissão do parlamento, não dignou-se dizer para que obras fôra commissionedo.

Assim, nem uma das promettidas reformas, e nem ao menos a lei do orçamento !

Apenas dous volumes de discursos que servirão para attestar o atrazo de tudo, desde o patriotismo até o bom gosto litterario.

Se ainda isso é pouco, e quereis estudar o abai-xamento do nivel parlamentar, aguardêmos o as-pecto da sessão vindoura, a ultima da legislatura.

O deputado, que sabe perfeitamente de onde lhe sahe a eleição, não saberá contrariar o governo em cousa alguma.

A flexibilidade de espinha, nesse ultimo anno de sessão, toma um elasterio assombroso.

Não ha erro do governo que não tenha desculpa ; desculpa que não seja dada ou ouvida sem o mais pindarico enthusiasmo.

O deputado nesse ultimo anno só tem por fim fazer a côrte ao ministro e servir de mobilia á sua secretaria.

A apathia em que cahiu o povo deriva em parte da crença em que está, de que é inutil contar com o parlamento, e que fôra até um bem deixa-lo em perpetuo silencio.

Um ministro, que soubesse ousar, mancomunado

com o imperador, faria, sem abalo, golpe de estado que nos levasse francamente para o absolutismo.

A população fluminense não se emociona com estas cousas.

Isto aqui não é, como dizem, um pequeno Pariz, nem pelo espirito revolucionario nem pelo artistico.

E' debalde que fazem tal approximação; se não querem sahir da França, isto aqui será, quando muito, o Havre, uma cidade commercial, onde a população adventicia só se preoccupa com os negocios.

Para que o ideal quando uma nação póde repositrear-se na prosa utilitaria de Sancho Pansa?

Governa-nos a vontade de um só homem.

O rei só como já pedio em decimas velho poeta com os applausos da monarchia.

Um paiz que fornece ao mundo elle só dous terços do café consumido, tem o direito de não pensar em cousas que fallem ao espirito.

O café antes de tudo, e nada de perturbar o movimento commercial.

Mais ainda:

O elemento estrangeiro é tão absorvente no Rio

de Janeiro, que passa por alas de indifferentismo tudo quanto se prende á vida intima da nação.

Fazer bons negocios, ir para a chacara, receber amigos e gozar da vida, eis a norma da maior parte dos que não se occupam nem mesmo de estudar a sociedade em que vivem.

Um ministerio forte, de republicanos em torna viagem, adestrado portanto ás experiencias *in-anima vili*, poderia mudar n'um relance esta ordem de cousas... para o regresso, já se vê.

Bastaria um edital suspendendo a Constituição por prazo indefinido.

Esse papel seria lido e commentado por algumas horas, e depois não se fallava mais em tal.

Ia-se ouvir o Vasques no Sant'Anna, e deixava-se de pensar na lugubre comedia extra-proscenio.

Quem discute aqui um facto consummado ?



A maior prova do abastardamento das escolas politicas foi esse espectaculo que acabou de dar o partido conservador, não reconhecendo a solem-nidade da gloriosa data que lembra a lei de 28 de Setembro de 1871.

Dirão que houve um banquete commemorativo; mas esse banquete, se algum valor tem, é de um protesto.

Elle mostrou a grande solução de continuidade que ha na legião que devera ser uma e indi-visível.

Foi publico e notorio o repudio de uma grande parte do partido, daquella que tem a bandeira branca e julga-se a depositaria das taboas da lei, e a que mais encarniçadamente combate em nome da tradição.

Caso estupendo, não tanto pela estreiteza da concepção, que fórma esse grupo do que seja um problema social superior aos corrilhos, como porque a

lei é hoje um facto consumado e divorciam-se da opinião do paiz todos quantos não applaudem a obra do estadista, que foi gloria e ornamento de seu partido.

A seu turno os liberaes deixam de ver no dia 28 de Setembro uma ephemeride de liberdade e só enxergam nesse anniversario o nome do Visconde do Rio Branco, um chefe adversario !

Escapatorias que dão a medida das convicções partidarias.

Pois não ousou-se afirmar como justificativa da opinião recalcitrante á lei de 28 de Setembro, que a opposição parlamentar a executou e cumpriu fielmente ?

E' curioso que a escola conservadora apregõe o direito de fazer resistencia ás leis existentes, desconhecendo que não ha merito algum em cumprir os decretos emanados de um poder legitimo.

Dura lex sed lex ; mas fôra original a annullação ou desrespeito de uma lei do paiz pelo conluio das senzalas e em nome da ordem e da escola conservadora !

O Visconde do Rio Branco ligou seu nome a um grande acontecimento, ao maior da nossa historia politica depois da independencia.

Sua obra, que aliás ficou em meio, precisa de ser levada ao ponto terminal; ninguém se atreve porém a sopesar e vestir a armadura daquelle batalhador.

Entretanto o dia 28 de Setembro será de festa nacional; depois do bill Aberdeen, não conhecemos data que mais desaffrontasse os brios nacionaes.

A falta de regozijo de liberaes e conservadores em cousa alguma influe para decrescimento do jubilo popular.

Da mesma fôrma, póde ou não ser considerado dia de luto aquelle que marca a execução do primeiro martyr da independência, sem que a memoria de Tiradentes fique obscurecida com o silencio official.

A alegria ou tristeza publica não se estipula nem a golpes de regulamentos nem a rufos dos tambores da pragmatica.

Póde, por exemplo, a etiqueta preceituar que é funebre o dia 24 de Setembro, sem que a nação se queira enluctar pelo passamento do duque de Bragança.

O fechamento dos theatros e o soluço do canhão representam tão sómente tramoias de encenação.

Voltassem no fim dos tres dias de nojo official desses que motivam manifestações de encommenda, e grande seria a desillusão delles.

Banidos da posteridade, porque esse paiz é inhospito ás aves de arribação, os espiritos errantes de Cesares liliputianos ou de heróes convencionaes, veriam a vida publica nos seus eixos e o paiz na mais patusca resignação com os decretos da Providencia.

Logo após o descruzamento das vergas que os navios traziam em funeral; apagados os cirios e *misereres* da Capella Imperial; guardados os crepes e farrapos sarapintados dos palanques policiaes; recolhidas á Tcharia as carpideiras de galão branco ou amarello, tocado finalmente o apito do contra-regra official, nem o mais ligeiro vestigio ficou da condolencia apregoada pelos arautos e passavantes.

O pezar ou o jubilo, por ordem, é sempre uma parada.

Se a nação tem sua phisionomia propria, é desnecessario emprestar-lhe uma mascara.



Mascaras abaixo.

Se a vida publica não passa de um monotono e interrompido carnaval, é hygienico ao menos a sós espairecer um pouco.

Torna-se perigoso um tal viver porque os dias succedem e a mascarada não tem intersticios.

Entre os factos das ultimas semanas quanta seriedade risivel e quanta alacridade triste!

Apontemos algumas das mais estridulas notas do charivari.

Aqui discute-se o validismo imperial e prova-se que, se do segundo imperador não se pôde dizer que *Joyeuse et Saint Magrin reynaient sous son nom*, elle todavia já teve um mordomo cheio de privilegios e que dava ordens ao ministerio.

De toda discussão havida a tal respeito ficou bem averiguado que, se o mordomo interpunha-se entre a corôa e os ministros, era porque tinha ordem para assim proceder.

Acrescente-se porém em fórmula de desculpa :

— Mas elle não era um privado.

Pouco interessa ao paiz aprofundar isso.

Do que a Historia simplesmente se apodera é desse reposteiro inconstitucional que, na sala dos despachos, separava o chefe do executivo de seus secretarios.

Ministro houve que recalcitou contra a intrusa entidade que tomava parte no governo ; mas, se a explosão abona o character do protestante, não diminue a enormidade do attentado.

Além, applaude-se a conclusão do nosso pleito internacional com a Republica Oriental do Uruguay.

O governo de Montevideo paga finalmente o sangue brasileiro derramado por uns mashorqueiros sob as ordens do irmão do presidente da republica.

O pagamento foi á prazo longo e por modico preço.

O que tem a nação com isto, uma vez que o governo brasileiro dá quitação em regra e acha razoavel a solução?

Ninguem tem o direito de pedir mais, pois corre-se o risco de passar por pertencer ao partido dos que gostam de guerras platinas, partido quasi

composto de fornecedores de hontem e de fornecedores de amanhã.

Se o Estado Oriental é uma nacionalidade americana de pequenos recursos, e se é fraqueza entre ovelhas ser leão, outro entretanto seria o desenlace da questão caso fosse maior a estatura de nossos estadistas, e se elles estivessem possuidos dessa velharia chamada—amor da patria.

O acabamento do caso de Paso Hondo pela burlesca debandada de um batalhão, não merece os epithetos de triumpho diplomatico com que é ataviado pelos arautos da situação.

E como se todas essas satyras em tom de louvor não fossem bastantes para bem accentuar o character buffo da cousa publica, ahi surge o ultimo echo da festa pedagogica com o seu questionario pyramidal, o seu jury nomeado por uma commissão que ninguem nomeou, e o incomparavel *aplomb* com que, atrazado em todos aquelles assumptos de pedagogia, o aprendiz arvora-se em mestre dos mestres e realiza o conceito bocagiano sobre o reu com fumos de juiz !

Urge, porém, levar ao fim a espectacular pantomima pedagogica.

Panno abaixo e estrondem palmas de todos os recantos do amphitheatro.

Tilintem os guizos do carnaval perenne, accendem-se os fogos de Bengala da mascarada official !

Quando o ridiculo assume taes proporções de seriedade, tem-se o direito de crer que habitamos todos aquelle paiz das bagatellas e missangas, que demora nos vastos intermundios de Epicuro.

Somos cidadãos d'essa chimerica e abençoada terra.

Ainda bem.



Estão reeleitos todos os ministros.

Havia quem duvidasse desse patriótico desenlace.
Candura de certas almas !

O eleitor ainda é, entre nós, um producto do governo.

Ministro que é derrotado, não vê que é ministro que não sabe o seu officio.

A derrota vem, não para que elle não seja deputado, mas para que deixe de ser ministro.

Em regra geral, o eleitor é um animal domestico.

Poucas vezes elle mostra garras e navalhados dentes.

Por isso não foi surpresa para nós a reeleição de todos os ministros que perderam o diploma porque entraram n'um coupé com ordenanças.

A eleição cujo exito parecia mais duvidoso, — a do ministro do imperio — foi verdadeira apoplexia de votos.

Elle, que, antes da pasta, somente penetrou na

camara pela prestidigitação do terceiro escrutinio, vence agora no escrutinio primeiro e tendo o dobro de votos do seu competidor !

Se isto não é uma demonstração, então neguemos a mais intolerante de todas as logicas, — a dos factos.

O carro de Apollo fez um gyro triumphal, e hoje ninguem mais acredita em derrota de ministro.

Fôra até conveniente acabar com a tal cerimonia de reeleição.

E' uma filigrana merecedora de cahir em desuso.

O que significa essa perda do diploma de deputado que sahio miuistro ?

Consulta a opinião afim de saber se ella tem confiança no governo.

Mas essa consulta pode fazer-se mesmo no parlamento, que diz ser o representante da opinião.

Semelhante consulta deixa de ser feita quando o ministro escolhido é senador, ou quando elle não tem assento em nenhuma das casas do parlamento.

O deputado que é chamado para o ministerio não é senão um correligionario desse ministerio.

A sua pasta portanto não tem significação politica differente da que ja tem seus companheiros.

Alem de que, não é a aptidão individual de cada um o que leva-o ao governo,

E' o manejo das *coteries*, a indicação dos chefes de claue, o regimen de pseudonymo.

Tres ou quatro provincias devem governar o imperio ; os estadistas sahirão d'alli, haja ou não haja estadistas em todo o pessoal por ellas enviado ao corpo legislativo.

Esse papel de directora da politica compete á provincia que tem grande deputação.

Grande deputação não quer dizer grandes deputados...

Significa apenas que tal circumscripção geographica dá muita gente para as votações.

E' assim que Minas Geraes está sempre na vanguarda das primeiras.

Vinte homens é o sexto da camara.

Dirão que ás vezes este principio caduca, e que, neste momento, mais de uma provincia pequena se faz representar nos conselhos da corôa.

Não argumentemos com exepções, tanto mais quanto agora, melhor do que em qualquer tempo, o que domina é a exploração de lords protectores

por detraz do reposteiro, e inoffensivos vocabulos designando os portadores de certas pastas....

De uma arguição identica a esta pretendeu isemtpar o governo um de seus padroeiros, disendo que em todos os paizes regidos pelo systema representativo ha d'essas transações entre os grupos, citando como exemplos, factos da historia parlamentar ingleza.

O pararello reel-nente existe, por que uma das qualidades do parellismo, geometricamente falando, é jamais se encontrarem as paralellas.

Na Inglaterra ninguem ainda foi ministro pelo simples motivo de ser o indigitado por decuriões irresponsaveis, que se occultam na alcateia.

Admitte-se que o presidente do conselho acredite na plausibilidade da defesa, porque S. Ex. é um monarchista mal informado, não se acredita, porém, na sincera adhesão do monarcha a este systema de chamar seus secretarios aos secretarios de terceiros. .

O imperador olhe attentamente para a lanterna magica do seu governo e veja quaes são as sombrinhas que ella projecta.-.

Olhe o imperador... e verá que os seus segundos ministros não são os proprios...

Quanto ao primeiro ministro, esse está na situação d'aquelle personagem de um conto de Hoffmann que perdêra a propria sombra..

Estadistas... illusionistas !



Ninguém se engane com esta complicada machina que forma o nosso governo.

Ha n'elle, é certo, todos os grandes elementos para o bem, mas d'elle só tem sahido um mixto de imaturidade e podridão.

Dir-se-hia que, passando pelas retortas do alchimista amesquinha-se o que era grande, entenebrece o que era rutilo, e regouga sinistramente o que era harmonico e canoro.

D'ahi um precipitado que é a negação do bom e do bello.

Seja desgeito do manipulador, seja incompatibilidade ou repulsão das drogas que entram no processo, o certo é que, lidas as formulas platonicas que compoem o nosso artefacto politico, não se comprehende que *Isso* que apalpamos seja o resultado *d'Aquillo*.

Ha na primeira serie das *Legendes des siècles* notabilissima pagina que lembra esta anomalia :

Satan lança um repto ao Todo-Poderoso.

Tambem elle é capaz de crear um mnndo.

Julga-se com forças para engendrar a vida, assim lhe sejam fornecidos materiaes á sua escolha.

Jehovah aceita o desafio e diz a Satan que peça o que quizer para a sua creação.

Então pede-lhe o Espirito Rebelde que sejam-lhe dadas as azas da aguia, os anneis da serpente, a cabeça do dragão, e as cores do iris.

Tudo lhe é fornecido com largueza e promptidão.

Satan accende suas forjas, faz trabalhar os complicados machinismos da fabrica infernal.

Elle mesmo dirige a obra.

Sopra nos folles, faz guinchar os gonzos dos descommunaes cylindros, alenta e modera a operação segundo as consultas que faz a si mesmo e as observações no relógio da eternidade.

Vai, vem reluzente de suor ; ralha, esbofa-se, pragueja horas longas e seguidas.

Afinal os ingredientes se juntaram ; alguma coisa palpita e vai sahir do alambique mysterioso,

Aberta a valvula, escapa simplesmente um gafanhoto, concretizando o dragão, a aguia, a serpente e o iris !

Este fantastico poema de Hugo póde bem ser uma allegoria.

Não está em nossa alçada passa-la para a cartilha popular.

Faça-o aquelle contador de apologos, o sabio rabino de Granada. . . .



Os doces.— Wagner e a critica.— A grande harpa humana. — O abolicionismo de Joaquim Nabuco. — O que constitue a principal qualidade de um livro. — Um eloquente commentario do estado do Brazil. — O funcionalismo e a dissolução dos partidos.— Lições de Yago.

Taine no seu interessante livro *Viagem aos Pyreneus*, passando em revista as variadas especies de *touristes*, que todos os annos, na estação das aguas, costumam acommetter aquellas pictorescas montanhas, refere-se com muita graça a uma certa classe de viajantes *vadios*, a que elle dá o nome de *doccis*

São uns individuos, diz o critico, « reflectidos, methodicos, ordinariamente trazendo oculos, armados de uma confiança apaixonada no que está escripto em letra redonda. E' facil reconhecê-los logo pelo guia manual do qual nunca se apartam. Este livro constitue para elles a lei e os prophetas.

Os taes typos comem trutas no lugar aonde o livro manda que se coma trutas, estacionam em todos os pontos em que o livro determina que se estacione, não pagam ao hoteleiro senão o que esteja designado nas tabellas do livro. Não é raro encontrar-os nos lugares celebres com os olhos aferados á pagina do manual, como que penetrando-se de uma descripção ou buscando saber com toda a exactidão o genero de emoção que convem experimentar. Na vespera de uma excursão estudam o livro e antecipadamente ficam sabendo em que ordem lhe hão de apparecer as sensações: aqui a surpresa, um pouco mais adiante uma impressão suave, no fim de uma legua o horror e o espanto; o que tudo quer dizer que esses individuos nada fazem, nada sentem sem documentos na mão, escudados por autoridades irrecusaveis »

Dado este traço pergunta ingenuamente o critico: semelhante gente, abdicando por este modo no manual e na opinião publica todas as suas qualidades de pensador, pode se dizer que possui isto a que em litteratura e artes se dá o nome de *gosto*?

Ora era justamente á espera de um guia d'esta ordem que estavam muitos preguiçosos para emprenderem a sua viagem de recreio atravez desses

Alpes terriveis, que na carta do mundo musical são assignalados pela denominação de *Lohengrin*.

Mas o suspirado guia não appareceu, e innumerous touristes, que já se aproximavam da falda da mysteriosa montanha wagneriana, recuaram espavoridos diante do exemplo que davam os criticos. Nenhum d'elles era capaz de dizer onde devia ser o caminho. chegaram mesmo alguns a ameaçar os mais insofridos, com horrosos despenhadeiros e paysagens de gelos eternos.

Pertenço infelizmente ao numero daquelles, que não tentaram o inaccessible.

Isto, porém, não quer dizer que me inscreva desle já entre os sensatos *doceis*, troteados pelo erudicto autor da *Historia da litteratura ingleza*. Ao contrario: acredito soberanamente na complexidade dos recursos da arte para deixar de render meu preito ao heroe de Beyruth, e acho absurdo, que, quando tudo caminha, tudo se desenvolve, fique a musica, depois de tantos arrojos, confinada nos *Huguenottes* do grande Meyerbeer.

O que, entretanto, convem é descobrir os meios de adaptar o senso esthetico á acritude, á confusão apparente com que se apresentam productos completamente novos. Instantaneamente é que não

póde ser ; nem os órgãos supportam sem protesto semelhante violencia, que muita vez póde chegar a ser-lhes fatal, embotando-os de todo.

Se o ouvido, como nos afirmam os physiologistas, acha-se aparelhado com tres mil fibrilas que vão entroncar no nervo ácustico, é bem apropriado comparar-se esse órgão com uma harpa de cordas infinitas.

Não é, pois, de estranhar que n'esse mysterioso instrumento residam occultas e por descobrir harmonias incomparaveis.

Wagner com toda a certeza entrou em uma esphera de combinações muitissimo arduas e complexas. Os seus dedos geniaes propuzeram-se a desferir fibrilas nunca attingidas pelas concepções dos seus antecessores.

A revolução do autor *Parcifal* tende precisamente a despertar regiões desse instrumento chamado homem que até hoje tem-se mantido em beatifico socego.

E, como nunca um órgão começa a funcionar nem altera a suas funcções, sem uma enorme dôr, d'ahi o clamor, os protestos, a desintelligencia emfim da imprensa diaria por occasião de exhibir-se o *Lohengrin* pela primeira vez no Rio de Janeiro.

Em todo o caso o guia manual para o espectador vulgar e mörigerado foi uma falta irreparavel, que, sem contestação, muito concorreu para que o successo da estréa de Wagner não fosse um facto definitivo.

A critica não deve comtudo desesperar. Deve antes concentrar-se em si, e estudar um methodo mais razoavel para o fim de chegar á educação do ouvido do publico fluminense.



Ao passo, entretanto, que vemos a reforma wagneriana introduzir-se no Brazil, ao aceno da batuta magica do maestro Bassi, ao passo que o grande Theatro D. Pedro II se enche de apreciadores pela maior parte senhores do café ou dependentes d'elles, ahi estão esses mesmos propágandistas protectores da musica difficil a crear obices ao abolicionismo, que é a escola politica do futuro.

Felizmente o livro de Joaquim Nabuco chega a tempo para convertel-os ou subvertel-os.

Um livro exellente como peça litteraria e eloquentissimo pela simplicidade dos seus argumentos.

Afinal podem os abolicionistas dizer que encontraram as palavras definitivas do seu evangelho. O moço enthusiasta, que tão cheio de abnegação abraçou a obra da regeneração dos captivos, proferio a *solemnia verba*.

Codificando os sentimentos esparsos d'aquelles que imperterritos o acompanham nessa lucta ingente,

que só ha de terminar com o desapparecimento do ultimo escravo, Joaquim Nabuco prestou o maior serviço, que se podia prestar a causa no seu momento angustioso.

As traições, as perfidias, os odios systematicamente desenvolvidos pelos escravocratas contra os trabalhadores da idéia, as medidas cartaginezas tomadas pelo actual gabinete para esmorecer a paixão e o vigor dos abolicionistas, conseguiriam talvez lançar uma tregoa em muitos arraiaes desalentados.

Esse livro, portanto, bem pôde constituir-se o facho, que venha reanimar os mal feridos na lucta, e crear aspirações desconhecidas naquelles, que jazem ainda enregelados pelo indifferentismo politico

Ha phrases que só por si fazem mais do que battalhões inteiros. Lançadas uma vez em circulação, ellas vibram com singular intensidade, percorrem um cyclo, evoluem, e acabam por convulsionar a consciencia de um povo.

Para muitos são como o repentino despertar de um somno obumbrado por horriveis pesadellos.

São phrases com estas virtudes que fazem a felicidade de um livro.

Pode o autor de taes trabalhos esforçar-se como quizer, póde lançar toda a sua sciencia nas paginas de um in 4º, esgotar todos os recursos que a cultura da arte lhe tenha ministrado; se esse autor não houver descoberto o segredo de vibrar a alma humana em toda a extensão de sua gamma, conte como certo que a sua obra não passará de uma obra *manquée*.

Não basta a argumentação fria, calculada e arri-
gimentada. Para o homem mesmo illustrado é indispensavel, que de envolta com os argumentos que elle dilue e pausadamente sujeita aos seus processos de analyse, appareça alguma coisa de suggestivo.

Sem isso um livro não seria mais do que um repertorio de factos palidos, sem vida, sem luz.

Ora, são justamente as altas e vigorosas suggestões que dão ao *Abolicionismo* de Joaquim Nabuco um character excepcional.

Sem embargo de ter sido escripto no estrangeiro, em linguagem calma, fóra do theatro das paixões e das personalidades, com observação aturada e profunda reflexão, esse livro tem dentro si todo um vulcão de idéias.

Como trabalho de propaganda é o mais perfeito que um brasileiro podia fazer, dando o raro exemplo de manter-se entre os dous extremos — da exaltação ou da apathia.

. . .

O genio da escravidão no Brazil está perfeitamente consubstanciado nestas palavras sangrentas, dolorosos, que deveriam imprimir-se em letras collossaes e espalhar-se desde o palacio do rico poderoso até o alvergue onde palpita e agonisa o miseravel.

« A verdade é que as vastas regiões exploradas pela escravidão colonial teem um aspecto unico de tristeza e abandono: não ha nellas o **CONSORCIO DO HOMEM COM A TERRA**, as feições da habitação permanente, os signaes do crescimento natural. O passado está ahi visivel, mas não ha prenuncio do futuro: o presente é o definhamento gradual que precede a morte. A população não possui definitivamente o solo: o grande proprietario conquistou-o á natureza com os seus escravos, explorou-c, enriqueceu por elle extenuando-o, depois fallio pelo emprego extravagante que tem quasi sempre a fortuna mal adquerida, e por fim esse solo voltou á natureza, estragado e exausto ».

Não é isto um facto? E também não é verdade que viviamos com elle tão familiarisado ao ponto de perdermos a consciencia da sua existencia?

O eloquente propagandista, entretanto, avinca os caracteres com que estas coisas deviam estar firmados na memoria de todos, e incende-os de modo a transformarem-se n'uma afflitiva obsessão.

O brasileiro desgraçadamente não previne o futuro; e é preciso que o terror das consequencias de seus actos lhe surja subito no caminho para que elle se resolva a tomar uma deliberação.

Do livro de Joaquim Nabuco é justamente a parte que mais nos nos deve interessar: a parte impressionista.

Fazer ver o abysmo que está a poucos passos de distancia, apenas encoberto pela liga dos interesses de poucos, que se pretendem salvar á custa da presente geração e das futuras, eis o maior e melhor argumento para quem deseja inocular na vontade da nação a necessidade de dar por terra com o estado servil.

O que se pode esperar mais das sabias combinações dos gabinetes que se succedem na governação do paiz, quando se verefica todos os dias que a

sua capacidade, as suas habilitações, as suas forças mal chegam para illudir a existencia de males irreparaveis, crescentes e cada vez mais angustiosos.

As sete pastas n'este momento são insufficientes para desdobrarem dentro do orçamento apertado e viciado os empregos existentes. Não sobra tempo senão para acudir aos empenhos e imposições dos famintos, que ameaçam aniquilar tudo, devorando toda a renda do paiz.

O que significam as incompatibilidades ultimamente decretadas a esmo pelos ministerios do imperio e da agricultura, senão que, urgindo contentar-se a muito mais gente, não é possivel alargar mais o cathalogo dos empregos publicos ?

Tudo quanto vae dia a dia surgindo no nosso theatro politico é o commentario vivo das verdades cruentas para as quaes o autor do *Abolicionismo* chamou a attenção dos brasileiros.

Dir-se-hia que o joven publicista impellia estes mesmos ministros a descarnarem a situação desgraçadissima em que nos achamos, traçando o quadro da ruina produzida pela escravidão nas familias, que no norte e no sul exploraram a terra com o trabalho servil.

Não é, pois, para admirar que « os descendentes dos antigos morgados e senhores territoriaes, reduzidos á mais precaria condição imaginavel, sejam hoje obrigados a recolher-se ao grande asylo das fortunas desbaratadas pela escravidão que é o **FUNCIONALISMO.** »

E, a continuarem as coisas na progressão natural, aonde iremos parar, desde que, com a maxima brevidade, não se abrir a valvula por onde essas terribes necessidades devem derivar, buscando o regimem e o verdadeiro nivelamento social ? !

Ha uma coisa mais medonha do que a sanha do escravo posto repentinamente em liberdade : é a voracidade sempre crescente de um functionalismo improductivo, que systematicamente constituiu-se a sepultura de todas as aspirações, a clausura de todas as liberdades, e o unico salvaterio das situações politicas, que vivem a emigrar de immoralidades inconfessaveis para outras immoralidades ainda mais revoltantes.

A balancear-se essas duas desgraçadissimas hypotheses, julgo muito preferivel abrir a jaula de onde, segundo pensam os sombrios publicistas do esclavagismo, se precipitarão bandos de feras para

repastarem-se no sangue dos senhores e fazendeiros.

Essa scena de cannibalismo teria a vantagem ao menos de expurgar a terra da praga que mais de perto aflige o presente,—os que vivem como verdadeiros pensionistas do estado.

Em ultima analyse. O *Abolicionismo* é um livro lancinante. A cada uma de suas paginas se toca n'uma chaga profunda originada na instituição negra.

A propria dissolução dos partidos, determinada na phase actual pelo ingresso do grande problema na esphera da politica, é um facto só por si bastante para convencer o mais retardatario da necessidade de rompermos quanto antes este bloqueio social. E esse facto para mim capital entre as ideas suggeridas no livro do chefe abolicionista, é acusado n'um estylo incisivo, com uma convicção tal, que não deixará o minimo resquicio de sombra na consciencia dos que presam a verdade e desejam a salvação da patria brasileira.

«Sob a bandeira da abolição, diz o notavel escriptor, combatem hoje liberaes, conservadores, republicanos sem outro compromisso, e este tacito e por assim dizer de honra politica, se não o de subordinarem a

sujeição partidaria a outra maior, á consciencia humana. »

E tudo quanto o livro accentua e descreve reduz-se na minha opinião á seguinte proposição :

O Brazil é um fallido inepto ; e não é com a moratoria proposta pelos esclavagistas que se ha de conseguir a restauração do seu credito e a solucção dos seus compromissos.



Dizem que o Sr. Lafayette é um emerito cultor das bellas lettras, e que n'este ponto poderia com grande vantagem concorrer com S. M. I. nas suas pretensões a organisador ou insuflador de sociedades de homens de lettras

As suas palestras pelo menos são mais interessantes do que essas que andam agora na berra sob a denominação de scientificas, por serem promovidas por quem tudo pode e tudo quer.

Não sei que gaiato me affirmou que S. Ex. é homem que nunca deixa de trazer engatilhada nos labios uma phrase de espirito para todas as situações por mais difficeis que sejam.

A chronica registra que o actual presidente do conselho apenas soube que fora indicado para organizar o novo gabinete, soltou uma gargalhadasinha expressiva e accrescentou que a escolha não podia ser mais desastrada

Isto, porém, não foi motivo para que o celebre advogado declinasse da grande honra que lhe davam.

Com toda certeza n'este momento elle se suppoz em igual situação á da virgem santissima, quando o anjo annunciou-lhe a gravidez divina. Não extranhou o erro de quem não póde errar, e deixou-se sossobrar na ingenuidade de um paiz que o elevava á posição de *primeiro experto*.

— *Ad instar regis!* talvez murmurasse o autor dos *Direitos da familia*

S. Ex. então lembrou-se das maximas de um personagem shakespeareano, que agora mesmo tenho debaixo dos olhos sob a forma de uma traducção do *Othelo* recentemente publicada pelo Sr. José Antonio de Freitas, em Portugal.

Escolha litteraria, ou escolha inconsciente, filha do temperamento? Eis uma resposta bem difficil de obter-se.

Dar-me-hia S. Ex. o prazer de acompanhar-me na leitura de uma boa traducção?

Não seria possível ahi encontrarmos muito em que reflectir?



E' Yago quem falla, envolvido na sua fria, calculada e sensata perversidade.

O alferes, que se finge amigo do mouro, queixa-se contra as promoções por empenhos e affectos com desprezo dos direitos de antiguidade ; mostra-se a Rodrigo estimulado contra a ingratitude de Othello, e, por meio de um jogo babil de contrastes, insinua a confiança no espirito do seu interlocutor.

« Sigo-o por que me faz conta para vingar-me, » diz o monstro. « Não podemos todos ser senhores, nem todos os senhores podem ser lealmente servidos. Has de ver muito escravo submisso, de joelhos, que adorando o misero captiveiro, rala-se com trabalho toda a vida como burro do dono, só pela razão. Depois quando envelhece, expulsam-no de casa. Açoita-me estes escravos tão honrados ! Outros porém, ataviados com exterioridades e formas de obediencia, occultam os seus sentimentos por utilidade propria, e dando apenas aos senhores mostras

de submissão, medram á custa d'elles, cavam-lhes a destruição e a ruina e, quando têm a veste bem forrada, tributam homenagem a si mesmos. Esses sim ! esses têm alma, e declaro que sou um d'elles. Pois tão certo como tu seres Rodrigo, se eu fosse o mouro, não queria ser Yago. Servindo-o a elle, sirvo-me só a mim. O ceu é testemunha de que o não faço por amizade nem por dever ; mas, sob taes apparencias, por meu interesse particular. Quando um acto meu revelar por demonstrações exteriores a acção e a ideia intima da minha alma, não tardarei em trazer o coração na manga para ser espiçado pelas gralhas. Eu não sou o que pareço. »

E' preciso que ambos como criticos amigos, e que se não desajam malquistar, confessemos uma grande verdade.

Ha nessa tragedia de Shakespeare suggestões diabolicas, v rrladeiramente compromettedoras.

O tratante de esse Yago com os seus conselhos, com as suas manhas, com as suas perfidias está-me a dançar deante dos olhos como a representação fiel do typo do politico brasileiro.

Na nossa tragedia ou comedia apenas ha a notar-se uma differença, e é que aqui temos pri-

meiramente um Yago sempre prostrado deante de outro Yago, e depois ambos fundidos, identificados para torturarem a alma desse grande e ingenuo Othelo que se chama o imperio do Brazil.

O grande merito dos escriptores geniaes não reside tanto no que elles dizem como nas associações de ideias, nas subitas miragens, que provocam no espirito de quem os lê.

Ora, quem imaginaria que o grande poeta inglez, quando desasombrado traçava o seu poema dramatico para entretenimento de plateas rudes e avidas de emoções grosseiras, estava a talhar carapuças para individuos que ainda d'ahi a seculos teriam de surgir como directores politicos de um povo em embrião ?

O que é certo, porem, é que o typo ahi está palpitante e tão vivo nas paginas do livro como se nós todos o conhecessemos e o apontassemos nas praças e ruas da cidade.

E' a synthese da alma de todos os dissimulados gananciosos que não escolhem meios para chegarem aos seus fins, e de que infelizmente o paiz se vê infestado de uma maneira irremediavel.

Não seria, portanto, sem utilidade para aquelle que está constantemente a ser victima dessas infer-

naes suggestões, a leitura assidua do terceiro acto dessa dolorosa tragedia, em que as tortuosidades da intelligencia humana armam contra a boa fé, contra a virtude, contra a força sem malicia, contra o amor descuidoso todas as redes da infamia e da protervia.

S; o Sr. Lafayette com a sua esclarecida critica ao menos nos favorecesse no empenho de abrir os olhos desse outro gigante mouro, evitando a catastrophe, que pelo seu furor ameaça aniquillar a Justiça, essa eterna Desdemona, tantas vezes desconhecida pelo povo !...

Mas S. Ex. parece mais inclinado a acoroçoar a perversidade dos Yagos, do mesmo modo que já sanccionou as *fourberies* dos Scapins.

Convém comtudo não perder de vista o alfange do misero enciumado que surge sempre no final da peça.

A lamina que se tem volvido sempre para ferir a candura da justiça e da virtude, póde muito bem amanhã converter-se em arma vingadora contra os malvados, que suggerem o crime nefando.



O Lohengrin.—O club Beethoven justificado.—
High-life e low-life.—Tres mortos, tres
exemplos.—João Lisboa e os discursos
funebres.—*O Almanack de Lembranças.*—
A artista de canto Esther de Carvalho.
—Annuncios theatraes.—O reino dos
céos e o imperio do Brazil

O Imperial Theatro esteve quasi vazio nas duas ultimas representações do *Lohengrin*, que só foi cantado tres vezes.

O juizo do publico, para o qual contribuiu poderosamente a critica indigena, pareceu-me um tanto precipitado: O *Lohengrin* tem bellezas de primeira ordem, que não passam despercebidas ao ouvido mais passivo.

Não ha duvida que Ricardo Wagner agrada muito mais quando obedece ás regras d'arte estabelecidas antes d'elle, do que quando se revolta contra essas regras, e compõe com uma independencia que só

póde ser sinceramente apreciada por aquelles que não sejam, como eu, hospedes em sciencia musical.

Mas quantas esplendidas melodias, entornadas naquella opera com uma profusão de nababo, e de nababo doido ! Que opulentas combinações de accordes ! Os motivos mais deliciosos succedem-se de instante a instante, deixando-nos uma impressão benigna e demorada !

Wagner, ao contrario de todos os compositores, quando encontra uma bella phrase musical, aponta-a, mas passa adiante, sem se dignar ao menos olhar para traz. Outro qualquer aproveitaria essa phrase até á ultima, desenvolvendo-a, esphacelando-a, apresentando-a sob mil formas diversas.

Esse desdém do soberbo Wagner, que exclue assim de suas composições certo character de homogeneidade, que o publico está habituado a ver tão respeitado pelos outros mestres, e a pobreza dramatica do poema, por demais nebuloso para a nossa natureza tropical, deram causa talvez ao insuccesso do *Lohengrin*.

Entretanto, o publico, que se acostumou a applaudir Wagner por intermedio de Arrigo Boito, e outros, mais tarde ha de fazer *amende honorable*, recla-

mando em altas vozes a inclusão do *Lohengrin* no repertório das companhias lyricas.

O bellissimo duetto de amor do 3º acto ha de ter ainda no Rio de Janeiro o mesmo prestigio do duetto dos *Huquenotes*. Não é prophécia : é inducção. Meyerbeer já foi aqui barbaramente considerado o melhor antidoto contra as insomnias.

Já é alguma cousa a quasi agitação que ainda agora aqui produzio o auctor do *Parcival*. Fallou-se ultimamente tanto do Wagner do *Lohengrin* como do Sr. Wagner da Copacabana.

Não tardará muito que o *Jornal do Commercio* e a *Gazeta de Noticias* batam no peito, a murmurar : *Peccavi*.

E a *Folha Nova*, que por esse tempo — assim o espero — não será ainda uma folha velha, lavar-se-ha em agua de rosas.



Todos sabem que, vai para tres annos, foi inaugurado nesta cidade o Club Beethoven, para o fim de despertar entre nós o gosto pela boa musica.

Não sei se conseguirá desperta-lo. Consta-me que elle tem o somno muito pesado.

Em todo caso, não é disso que se trata agora.

Naquelle, como no Club *Amicizia*, das *Mulheres Curiosas*, de Goldoni, não são admittidas as senhoras.

Essa exclusão do sexo fragil das reuniões do Beethoven provocou um horror de reclamações e de epigrammas.

A uma senhora, casada com um dos socios mais assiduos, ouvi eu dizer :

— Malditos homens! já não lhes basta a maçonaria, para servir de capa ás suas falcatruas. Meu marido, agora, sempre que quer sahir de casa sem mim, diz que vai para o Beethoven.

Estas e outras puzeram o club na contingencia de justificar os motivos porque fecha as suas portas ás senhoras ; para esse fim resolveu organizar annualmente um grande concerto, para o qual fossem ellas convidadas.

O grande concerto deste anno realisou-se, ha dias, no Novo Casino Fluminense.

A justificação do club não podia ser mais brilhante nem mais completa !

Emquanto a orchestra do sr. Bassi executava magistralmente a melhor das symphonias de Beethoven, a maior parte das senhoras presentes entregavam-se ás delicias de uma palestra sem treguas. Arthur Napoleão, um pianista perfeito, teve o acompanhamento de um zum-zum malcriado. Com verdadeira attenção só foram ouvidos os garganteios da Ferni, uns logares communs da musica, que, não obstante, tiveram as honras de *bis*, e podem reputar-se o *clou* daquella noite. Ouvia-se Berlioz pela primeira vez no Rio de Janeiro. Durante a execução o publico desfilava apressado, á procura das capas e dos chapéos.

Uma vergonha !

O club Beethoven acha-se perfeitamente justi-

ficado ; abula o concerto annual, e não saia mais de casa.

Já o devia ter feito desde o anno passado.



Dizem-me que era o *high-life* da terra quem estava aquella noite no Casino. Não me admira ; foi gualmente o *high-life* quem obrigou a empresa Ferrari a transferir a segunda representação do *Lohengrin*, porque havia um baile na mesma noite !.

Deixa estar, meu *high-life* de uma figa, que de hoje em diante só te hei de chamar *low-life*.



Depois de minha ultima chronica, os fluminenses urvaram-se respeitosamente diante dos feretros de tres homens venerandos : Visconde de Abaeté, Barão de Angra e Monsenhor Felix de Albuquerque.

Esses tres mortos são tres exemplos :

E' o estadista intelligente e probo, que atravessou todas as phases da politica nacional, sem deixar pelo caminho a consciencia em farrapos ;

E' o almirante que foi simples grumete, e subio áquella posição com o mesmo desassombro com que outr'ora trepava ao mastro grande do seu navio ;

E' o sacerdote que praticava a caridade sem *comptes-rendus* nas folhas do dia seguinte.

Uma coincidencia : esses tres brasileiros nasceram em Portugal.

Não venho aprecia-los, mesmo porque não m'o permittiria o espaço de que disponho nesta revista.

Apenas quiz fazer menção do triplice luto que pesa neste momento sobre a nossa sociedade, e manifestar o meu sentimento.

•
* *

A proposito :

Eu embirro tanto com os discursos que se pronunciam á beira das sepulturas, como com... Com o que?... Com os bonds fechados, por exemplo !

Na occasião em que enterravam o cadaver de Abaeté, o Sr. commendador Peçanha pronunciou um discurso que, segundo a *Gazeta de Noticias*, foi ouvido no meio de geral silencio.

Pudera !

Era o que faltava ! que naquelle momento solemne interrompessem com apartes o orador !

*
* *

O Sr. commendador Peçanha disse que não era do eminente estadista que ia tratar, pois que lhe faltaria competencia para tanto.

O ponto mais saliente do seu necrologio foi a publicação de um facto que, na minha opinião, não veio nada a proposito :

O Visconde de Abaeté ensinou rudimentos de latim a um filho do Sr. commendador Peçanha.

Pelo amor de Deus ! assignalar uma circumstancia dessa natureza ao pé do tumulo de um homem que tantos serviços prestou á sua patria adoptiva, seria ridiculo, supinamente ridiculo, se não fôra a

attenuante da amizade sem limites que o Sr. commendador Peçanha tributava ao illustre finado.

* * *

Sempre que ouço ou leio um discurso de cemiterio, lembro-me de um patricio meu, que no Maranhão tinha o habito—ou antes—a mania de impingir a sua rhetorica e nunca faltar ao mais sagrado de todos os deveres, qualquer que fosse o momento solemne em que se achasse.

Deitava discursos em todos os enterros, casamentos, baptisados, anniversarios natalicios, sessões solemnes de quaesquer sociedades, espectaculos de gala, etc., etc.

Accrescia que era deputado provincial, e dava meças ao Sr senador Correia na arte de fazer monopolio da palavra.

* * *

Aconteceu fallecer no Maranhão uma interessante menina de quinze annos, que era a alegria de seus pais e a esperanza de alguns janotas que costuma-

vam passar-lhe pela porta e cumprimental-la vinte e cinco vezes durante vinte e quatro horas.

A consternação era geral.

No cemiterio, chegado o doloroso instante do enterramento, o deputado abriu brecha na multidão, e surgiu perto do feretro, empunhando resolutamente uma duzia de tiras de papel.

E com voz cavernosa, adequada á situação:

— Um momento, meus senhores ! disse.

Fez-se o geral silencio de que falla a *Gazeta de Noticias*.

O orador puxou pelos oculos, limpou-os vagarosamente no lenço, assestou-os, abriu as tiras ameaçadoras, deu-lhes um piparote com os dedos, para desdobra-las melhor, e com a voz, não embargada pelos soluços, mas visivelmente commovida, principiou :

— Meus senhores, o anno lectivo que acaba de findar...

E interrompendo-se bruscamente :

— Oh ! desculpem ! este é o discurso que tenho de pronunciar amanhã no Atheneu Litterario.

Dobrou o discurso, guardou-o, e tirou de outra algibeira novas tiras de papel, que desdobrou e

sacudio com os mesmos movimentos methodicos e fleugmaticos, dizendo:

— Ah! este é que é o da moça.

E começou:

— Meus senhores, tão cedo ainda, na primavera da vida, etc.

*
* *

O famoso jornalista João Francisco Lisboa dizia muitas vezes:

— Eu peço a Deus todos os dias que, quando houver de me matar, seja longe do Maranhão.

E se lhe perguntavam porque:

— Para escapar a um discurso do J. (o deputado).

Deus exalçou-lhe os votos, que fizera a gracejar. O Timen maranhense morreu em Portugal.

Mas o seu cadaver foi em 1864 transportado para o Maranhão, e ahí sepultado na igreja do Carmo.

Pois, por essa occasião, o nosso homem .. pronunciou um discurso.

O glorioso despojo talvez estremecesse no fundo do seu caixão de chumbo.



Quando eu era criança, quem quizesse fazer-me um bonito presente de festas, que era recebido com especial agrado, como se diz no Instituto Historico, mandava-me um exemplar do *Almanack de Lembranças*.

Essa predilecção especial, que nada explica, me ficou, de envolta com outros habitos da infancia, habitos que eu trato de conservar com a mesma religião com que um velho militar o do Cruzeiro ou o de Aviz.

Por exemplo : concorro aos circos de cavallinhos, e, como divertir-se ou aborrecer-se são as unicas cousas que ninguem faz por convenção, aborreço-me como um inglez.

Mas então o que faço ?

Violento sem piedade os meus sentidos, e conservo-me até o fim da funcção. Teria remorsos de me ir embora. Seria uma traição á minha infancia abandonar uma impressão retrospectiva, que, aliás, talvez constitua o proprio aborrecimento.

Sim, porque vejo alli crianças que se divertem, e isso me irrita. Francamente : eu tenho inveja ás

crianças. A só compensação que encontro aos meus dissabores é esta phrase : já fui criança.

Todos se consolam com a esperança do futuro, eu, como vêm, contento-me com a lembrança do passado. Pois não ! O que me reserva o futuro ? A velhice e a morte. O que me deu o passado ? A infancia, a bella infancia, que, no seu sudario de risos, vale mais que todas as expectativas.



Com o *Almanack de Lembranças* me acontece hoje o mesmo que com o circo de cavallinhos. Se no Rio de Janeiro não sou o primeiro comprador dessa obra, sou, pelo menos, o mais solícito. Não é um livro, mas uma sensação que vou comprar.

Mas, ah ! o outro dia, quando abri o meu *Almanack de Lembranças para 1884*, parecia-me como, nos ultimos annos, que não eram os meus olhos que passeavam por aquellas paginas ! D'antes era o menino ; hoje sou o *homem de letras*. D'antes procurava em primeiro logar as gravuras ; hoje procuro os artigos.

Decididamente fui espigado ! O *Almanack*, pondo

mesmo de parte a modificação do meu objectivo litterario, não me parece tão interessante como no tempo do defunto Alexandre Magno de Castilho ; é um livro completamente inutil para mim, que não preciso consultar o computo ecclesiastico, nem ainda inclui na longa lista dos meus defeitos o grave defeito de adivinhar charadas.

Mas como não quero perder totalmente os dez tostões que me custou a brochura, procurarei nella assumpto para algumas linhas, que hão de ser pagas pelos proprios livreiros que m'a venderam.

Toma !

★
★ ★

O *Almancak* é precedido de um elogio biographico do auctor do *Colombo*. Esse trabalho é firmado pelo Sr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, bacharel formado em direito, e homem de letras muito considerado pela imprensa portugueza

Tratando de Porto-Alegre como pintor, diz o biographo que muitas vezes lhe repetia o Barão de Gros :

Vous savez trop, et c'est un malheur pour votre dessein ; vos figures n'ont pas de peau, sont plutot unes ecorchés

Ora ahí fica, sem um commentário, o francez do tal bacharel formado, que o escreveu malignamente sob a responsabilidade de um glorioso artista.

No final do seu elogio, o biographo commette a indiscrição de publicar tres cartas dirigidas pelo poeta a monsenhor Pinto de Campos. Essas epistolas deixam perceber os symptomas da molestia que o havia de matar. Lê-se em uma dellas: « O que está succedendo em Londres, no seio da França, entre testemunhas vivas, é prova de que Deus ainda não nos quer abandonar. »

Fraqueza de doente, manha de padre e boa fé de bacharel formado.



A pag. 19 do *Almanack* fui sorprendido por um enigma, assignado por certa senhora de Piracicaba, e cujo texto me pareceu ultra-naturalista.

Tanto assim foi, que immediatamente procurei um decifrador de enigmas, e pedi-lhe o obsequio de descobrir o que aquillo queria dizer.

— *Afecto*, respondeu elle; *afecto*, com um *f* só. Só então descancei.

Mas, façam-me o favor, leiam estes versos, con-

considerem que são assignados por uma senhora, e digam-me se são capazes de lhes não deitar malicia :

Enigma

Dá-se o centro raras vezes
Antes do todo se dar,
E se acontece que o centro
Foi nado para gosar,
Chegam por fim os extremos
O todo e centro a coroar.

Schoking!...

França Junior, n'nm folhetim a proposito de uma tela de Aurelio de Figueiredo, fez ver, ha dias, que existe actualmente na côrte certo movimento artistico, bastante pronunciado.

A' relação dos quadros feitos, ou por terminar, apresentada pelo folhetinista, convem accrescentar as duas soberbas marinhas que o Sr. Emilio Rouède acaba de expor na Notre-Dame e na livraria Faro & Lino.

O Sr. Rouède que, tendo viajado durante muito tempo, travou intimas relações com o mar, é, no seu genero, um pintor distincto.

Não sei si as duas pequenas telas a que me refiro

serão para vender ; se o forem, é uma boa occasião que se apresenta aos amadores.

Aqui estou eu, que, si tivesse dinheiro. . .



Agradeço muito ao Sr. Grey Tavares o agradabilissimo quarto de hora que me proporcionou a leitura de sua comedia *Antes do baile*.

Foi representada por amadores no theatrinho da Gavea, e é de esperar que o seja publicamente, quando o permittirem os Hermanns, Boscós e Patrízios de Castigliones que ultimamente invadiram os theatros.



A fallar em theatros :

A artista de canto, Sra. Esther de Carvalho, andou ultimamente de canto chorado.

Chorado como o actor Ribeiro.

- Representa! dizia-lhe o publico.
- Não representes! ordenavam os medicos.
- A gloria! tornava o publico.
- A morte! retorquiam os medicos.
- Dinheiro! vociferava aquella.
- Saude! consideravam estes.

Venceu, afinal, a sciencia. A laureada emperezaria vio-se obrigada a trocar temporariamente as receitas do bilheteiro pelas do medico; os applausos das multidões pelas tisanas das boticas.

Mas que luta com os Esculapios, e que de argumentos piedosamente apresentados por esses teimosos!

Um delles, mestre jubilado em aphorismos e trocadilhos, tentou convencer a doente pelo exemplo:

— Olhe a Croisette! Essa portentosa actriz da Comedia Franceza não hesitou em sacrificar a gloria, que é a saude do espirito, á saude, que é a gloria do corpo. Ha uma differença apenas entre as senhoras: a Croisette deixou o theatro porque estava excessivamente gorda; a senhora deixa-o porque está excessivamente magra.

Pobre Sra. Esther de Carvalho! Para contentar

a um tempo o publico e a sciencia, deu mais tratos ao juizo do que a sua homonyma da Biblia para salvar Mardocheu.

Nos annuncios de 16 do passado, a infeliz senhora pedia desculpa ao publico por não tomar parte no espectaculo daquelle dia.

Mas, dous dias depois, a despeito de tudo, reaparecia no palco, tendo publicado o seguinte cavaco em todas as folhas diarias :

« A actriz Esther de Carvalho, certa da admiração que causará ao publico vê-la trabalhar estando gravemente doente, e prohibida pelos illustres facultativos, que a observaram, de o fazer, declara que não é porque não tenha em muita consideração os conselhos de tão habéis medicos, mas sim porque tem deveres a cumprir, que preza mais que a sua saude. Pede, pois, mais uma vez a indulgencia do publico para qualquer falta que possa commetter. »

Mas, dias depois, os habéis medicos, ao que parece, *observaram-a* de novo, e dessa vez foram inxoneraveis : a sra. Esther de Carvalho despedio se definitivamente dos seus admiradores com um magnifico espectaculo.

Por signal que quem quizesse assistir nessa noite

á [representação da *Filha do inferno*, teria que se explicar com 5\$000 réis por uma cadeira. 5\$000 réis só.



Não ha por ahi alguém que goste de ler os annuncios dos nossos theatros? Actualmente, incluindo mesmo as *Balas de estalo*, os *Topicos do dia* e o *Ridendo...*, nada encontro nas folhas diarias que tanto me divirta.

Creio até que foi por haver reconhecido que taes annuncios podem considerar-se materia humoristica, que as empresas jornalisticas deliberaram publical-os em rodapé, á laia de folhetim.

Não obstante (seja dito de passagem), commettem a clamorosa injustiça de se fazer pagar bem caro pela inserção desses interessantes escriptos. Interessantes, sim ; hajam vista o cavaco acima transcripto, unico em seu genero, e a comica rivalidade que transparece das *réclames* da *Dona Juanita*, em scena no Novidades e em ensaios no Sant'Anna.

Diz este :

« A empresa deste theatro tem a honra de parti-

cipar ao respeitavel publico que tem prompta á subir á scena nos primeiros dias do mez de outubro a celebre opera-comica, musica de F. Suppé, *Dona Juanita*, arranjada para a companhia deste theatre pelo distincto escriptor E. Garrido.

No dia seguinte, o Novidades :

« A empreza deste theatre tem a honra de participar ao respeitavel publico que tem prompta para subir á scena a notavel opera phantastica *O espelho da verdade* ; mas só bem tarde poderá dar esta peça, em consequencia do extraordinario successo com que está sendo representada a celebre opera-comica, musica de F. Suppé, *Dona Juanita*, arranjada para a companhia deste theatre pelo modesto escriptor Souza Bastos. »

Annunciando a comedia *Sogra, nem pintada!*, que dizia ser do repertorio da Comedia Franceza e é simplesmente uma boa traducção de um velho e excellente vaudeville de Bayard, a empreza do S. Luiz fazia preceder o annuncio desta eloquente e originalissima réclame : Ah ! Ah ! Ah ! Ah ! Oh ! Oh ! Oh ! Oh !...

Em 29 do passado a mesma empreza annunciava o drama de grande espectaculo em 5 actos, 1 pro-

logo e 7 quadros, *O gigante Golias*, dizendo que a peça contava mais de 1500 representações em Pariz, que, entretanto, não a vio mais de sessenta e duas vezes na scena do Chateau d'Eau, segundo os *Annaes theatraes* de Noel e Stoullig. Releva notar que sessenta e duas representações no Chateau-d'Eau equivalem a um successo.

Rezava o annuncio :

« Recommenda-se *O gigante Golias* pelas scenas de grande effeito e pela sorpresa das situações, assassinos, roubos, falsificações e tudo quanto pôde abalar o animo do espectador. »

E termina assim :

« Este drama, baseado n'um facto verdadeiro, cujos personagens ainda existem, recommenda-se pelo interesse que desperta desde a primeira scena. E' reputado o primeiro pela imprensa franceza e de outros paizes onde tem sido representado. »

•
••

Com franqueza : já viram coisa mais irrisoria ?
Comparem os annuncios desta empreza dramatica,

à frente da qual se acha a primeira actriz dos nossos theatros, com o seguinte :

« Dous dos mais valentes moços de forcado tourearão a cavallo um ferocissimo bufalo asiatico. Os amadores que ainda não poderam apreciar a bravura desta fera, devem aproveitar esta ultima occasião. »

Ou :

« O cavalleiro Miller presta-se a fazer a mais admiravel prova que se tem visto : montará um animal muar, bravissimo e chucro, o qual, depois de dar immensos corcovos, ficará manso, sem conseguir derrubar o cavalheiro ».



O mesmo estylo, a mesma impafia, e, *mutatis mutandis*, os mesmos carapetões insensatos !

O que isso prova ?

Uma decadencia brutal !

O theatro entre nós tende a desaparecer totalmente, com escala pela praça de touros e pelo circo de cavallinhos.

A viagem principiou pelos annuncios.



A propria empresa Ferrari diverte-me com os seus annuncios que, todavia, são menos palavrosos e estapafurdios.

Declara-se sempre, com certa lealdade interesseira, o nome dos auctores das partituras que se executam no Imperial Theatro. Entretanto os auctores dos poemas ficam sempre no rol dos esquecidos.

Nunca se disse alli que o *Guarany* é extrahido do immorredouro romance de Aleñcar.

Não é pelos annuncios do Sr. Ferrari que certa fracção do publico sabe que os *Huguenotes* ou a *Favorita* são de Scribe, que a *Carmen* é de Merimée, Mailhac e Halévy, ou que o *Fausto* é de Barbier e Carré, etc.

Entretanto, toda a gente fica sabendo que a luz electrica é fornecida pelo distincto *electricista*, Sr. Belmiro V. da Silva.

Bemaventurados os pobres de espirito, porque delles é o reino dos ceus, e . . .

•
• *

. . . e o imperio do Brasil.

LUCROS E PERDAS

Chinoiseries. — O mandarim e o brado do Ypiranga. — O imperador entre pretos e amarellos. — O paria e o londlord — Bambu no chim. — De hoje a um seculo. — Salamalek IV — A Azia, assim como a Africa, vae civilisar o Brazil — O ca-poeira barra fora. A rasteira é instituição nacional. — Deportação da policia.

O mandarim que chega-nos de Guaratinguetá, com escala por Londres e Shanghai, é o primeiro producto do tratado de amizade, commercio e navegação, que ha dous annos celebramos com o Celeste Imperio.

Tong-King-Sing veio examinar-nos de perto e saber que casta americana era essa que cubicava a

mercadoria refugada por todos os povos da America.

O mandarim achou tão original a nossa cubiça que quiz conhecer o *brasileiro* antes da vinda da praga amarella.

O que vio Tong-King-Sing em S. Paulo, não o sabemos ainda ; acredita-se porem que achou tudo muito correcto, desde o eito até o brado do Ypiranga, pelo que já nos trata como a paiz conquistado.

Podemos nos revoltar com a ideia de que a immigração aziatica é um perigo publico.

A nossa revolta não passará das theoricas regiões de um protes o platonico.

O chim hade vir, porque manda quem pode.

Aquella antiga ficção das chaves da cidade entregues á guarda da edilidade, cahio em commisso.

Quem é hoje o unico claviculario d'esta e de todas as cidades, quem escancara as portas, ou tranca-as a certa qualidade de hospedes é simplesmente o imperador.

O opiado embaixador da raça amarella sabe disso e já conversou largamente com aquelle que, segundo a linguagem dos PELLAS-VERMELHAS, é o *Tabajara*, isto é, o dono da terra.

Conta-se que o monarcha faz má cara a vinda do-

chim; é uma versão espalhada pelos eunucos do paço.

O gabinete Sinimbú, que era corda do coração regio, foi o grande inventor da missão á China, e o garantidor de um reforço aziatico aos lavradores reunidos no Congresso Agrícola.

E a primeira encommenda de chins, d'aquelles que hoje ahi vendem camarões e sardinhas, foi feita no ministerio em que era trunfo-mór o conselheiro Pedreira, que é hoje o visconde do Bom Retiro, e que foi sempre o amigo particular do imperador.

Com a escravidão dizia-se tambem, que o imperador era o seu mais figadal inimigo, e procurava-se provar o asserto apontando para a obra de um ministro tido e havido por privado do rei.

Mas a obra de Rio Branco ficou incompleta, nunca mais se falou em ir além das illusorias promessas de uma lei que hoje não satisfaz, e o lavrador repousa tranquillo á sombra da promessa magestatica que viu ali as columnas de Hercules.

Pelo que — e seja dito como incidente, — cumpre acabar com a parte lendaria da lei de 28 de Setembro e fazer com que no exterior se saiba, que temos ainda milhão e meio de escravos; que teremos.

escravidão por mais trinta annos, uma vez que o paiz deixe-se tomar da inercia e pusillaniedade chinesa, esperando as soluções lentissimas e vacillantes dessa lei, que, para ter algum valor, deve ser não a ultima mas a primeira palavra da abolição official.

A grande lavoura quer o chim.

Elle é a sua magna esperanza.

Vem salvar o latifundio e eternisar essa cultura extensiva, que é o sonho aureo da aristocracia rural

A grande lavoura não comprehende o trabalho livre e parcellado !

O chim é um intermediario da escravidão.

As crencas aziaticas não permitem que o miseravel paria tenha aspirações.

A casta inferior nasceo para o trabalho e para as privações ; nem no céu ella se julga livre do bambú.

Por isso, melhor do que nenhuma outra, é a que convem para succedanea do escravo.

O fazendeiro, que não sabe afeicoar o escravo ao solo ; que não comprehende como se possa trabalhar de parceria ; que julga o salario uma extorsão ; que não quer aproveitar-se do indio manso, associando-o á sua lavoura : o fazendeiro almeja pelo

chim, porque esse homem livre é um semi-escravo, que trabalhará quasi de graça e não reagirá na hora do azorrague ..

E' por isso que sorri-lhe a ideia de tal immigrante que afugenta o util e verdadeiro colono, da mesma fórma que o escravo afugentava a immigração européa.

Quem se lembraria, depois das experiencias feitas e dos desenganos obtidos, de mandar buscar os viciosos aziaticos, tão cheios de deformidades phisicas e moraes ?

Dizem os sabios doutrinadores da propaganda, que a invasão se faria por força, pois o territorio da China já é escasso para o chinez que superabunda.

Aqui, nas regiões intertropicaes, encontrando elle elementos e condições mesologicas iguaes as do seo paiz, afluiria como impetuosa e indisviavel torrente.

Mas ha uma lei da Historia que anda parallela com essas immigrações : é a lei do anniquillamento do immigrante inferior.

Essa lei se cumpriria mesmo antes do transbordar da onda.

O que será, porém, o Brazil quando estiver aqui

localizado o chim, e completa a obra satanica que se pretende?

O Imperio-do-Meio terá outro imperio justoposto, especie de circulo concentrico a gyrar com o mesmo impulso.

Teremos dado costas á Europa e entrado em cheio na Azia.

Seremos uma China sem passado, aquelle passado tão opulento de tradicções e que attesta uma civilisação.

Caducos sem que tenhamos tido mocidade ; não filhos, mas enteados do Sol, daremos o miserrimo espectaculo de um povo que tomou por alvorada o mais deploravel dos crepusculos.

Emquanto é tempo, vejamos se é possivel, por qualquer explosão de coragem civica, afastar para longe de nós o pezadello que se nos mostra pavoroso na figura do mandarim explorador.

Porque, desenganem-se esses que prezumem que nós vamos domesticar o chim, abrazilairal-o...

Enganam-se redondamente os que pensam em tal assimillação

O absorvido seremos nós, e a mongolisação do paiz será rapida e sem obstaculos.

O landlord não se preocupa com os protestos

dessa parte da nação, que não planta café em terras extensíssimas.

Elle deseja que, depois de um contacto pernicioso, a grande massa dos aziaticos leve o paiz á uma cretinisação physica e moral.

Tentemos todavia o ultimo esforço.

Sejam postos de parte os argumentos em contrario, e consideremos o que será esta nação d'aqui a meio seculo, com uma immigração, como se phantazia, de quarenta á cincoenta mil chins por anno.

Talvez que o pensar n'isso dê-nos alento para reagir.



Estamos no anno de 1990...

O Brazil tem acabado de construir a muralha que o segrega do resto do mundo.

Floresce o seo café assombrosamente, graças ao trabalho paciente do chim.

Havemos realizado a expectativa do « *brazileiro* essencialmente agrícola».

Em compensação de tão fartas colheitas, o paiz possue mais de tres milhões de aziaticos.

Elles já tomaram conta de algumas zonas, com inteira exclusão dos naturaes.

Ou antes : o natural fundio-se no chim.

Familias inteiras de S. Paulo já não sabem se descendem de Confucio ou de Amador Bueno.

Reina Salamalek IV.

E' assim que, na linguagem popular, denominam ao mperante bragantino, mas já com aspecto de um tartaro.

O soberano não tem mais as feições de caza, que tanto conhecíamos.

Já não é accessivel á todos, e amigo da pedagogia ; já não se democratiza em conferencias da Gloria e outros ajuntamentos illicitos ; não é mais o rei sem sequito e sem beija-mão, de mala em punho, arriba e abaixo, sem tambor nem ceremonial.

Já se não fala ao imperador sem as tres genuflexões e as nove prosternações até cahir de bruços, como manda a etiqueta do Celeste Imperio.

Salamalek IV trata-nos á vara de bambú, como verdadeiro filho do Sol e fiel observante do codigo mantchou.

Como é sabido, todas as leis chinezas recebem a sancção da bastonada.

O bambú é o instrumento mais paternal, mais monarchico, e mais contrario ao heroismo no Imperio do Meio.

O codigo penal d'aquelles povos, esse que então será o nosso codigo, define a qualidade do bambú que deve de ser empregado, determina-lhe o peso, o feitio, e o comprimento.

Dez vergalhadas são estipuladas para o primeiro gráo das penas disciplinares, vinte para o segundo, e assim até cem.

Quando o chim conseguiu o maximo da penalidade, é considerado incorrigivel e desterrado.

Pelas exigencias da grande lavoura, e para não encher de nostalgia a população adventicia, impera em 1900, em toda a sua unctuosa suavidade, a lei do bambú em vez das reformas judicarias e toda essa trapalhada sem nome, onde sobrenada o *habeas-corpus*.

O paulista andejo e sertanista passou a ser uma creatura gelatinosa, especie de protoplasma, ou cataplasma humana.

O que nos governa são as maximas de Láo-Tsi, aquelle philosopho da inacção, que disse aos monarchas trefegos:

« E' preciso que os reis não viagem. Se um monarcha tiver por visinho outro reino onde o canto dos galos chegue a seus ouvidos, convem que o seu povo vá até a velhice e á morte antes que elle chegue ao paiz vizinho. »

Governa-nos o preceito de Láo-Tsi que fez o elogio do vacuo, quando disse :

« Amassa-se o barro para fazer vasos, dá-se fórma á materia plastica, e todavia do que se precisa é simplesmente do vacuo, que ha no vaso.

Abrem-se portas e janellas em uma casa e erguem-se paredes para dividir os aposentos, e todavia a serventia da casa depende apenas do vacuo que dentro della existe. »

E por isso a inacção e a vaguidão chegaram a seu maior auge.

Não temos o casamento civil, nefanda exigencia dos colonos europeos ; temos, porém, a poligamia, deliciosa importação do colonizador aziatico.

Torna-se, atravez d'esse prisma, muito mais folgazão o estado matrimonial.

Não ha duvidas a semelhante respeito, e, para ver como a cousa é amavel e sorridente, citemos algumas palavras de escriptor amigo da China, de Joseph Ferrari, o illustre historiador das *Revoluções da Italia*.

No seo curioso livro *A China e a Europa*, narra elle rapida e pittoresca anedocta, pouco mais ou menos nestes termos:

O mandarim Lang; além de sua esposa, a feiticeira Li, sonha a posse integral da mundana Káo, a diva de olhos mais circumflexos e de pés mais vaporosos que ha em Tsin.

A ciumenta Li, entre duas bafaradas de haschic, reprehende o marido e diz-lhe :

— Tu me deixas dias inteiros, abandonas os negocios e vaes te derreter com essa impudica Káo, uma mulher á tóa ..

Lang embatuca, mas corta a difficuldade como já-mais poderia fazel-o algum barbaro marido do occidente :

— Perdôa, Li, mas eu morro de amores por Káo e vou desposal-a para tudo ficar em regra...

Esta palavra é agua na fervura.

Tudo entra nos eixos, e, em vez de exprobações, os dous consortes conversam pacificamente sobre economia domestica e... arrulham.

Tão bella accommodação matrimonial seduz até os estrangeiros que passam como *touristes* pelo Celeste Imperio.

Como não contaminar o povo que o mongol vem perverter e envenenar ?

Depravados os costumes, as instituições, o gosto, e o senso critico ; isolados dos outros povos por um quietismo de quem nada mais aspira e nada mais espera da permuta de ideias ; reduzido o paiz á um grande eito, onde somente se busque colher café sem grandes despezes : que representação social poderá ter o Brazil, mercantilizado por uma conspiração de fazendeiros, que, ignorando todos

os processos da multiplicação do trabalho, só sabem oscillar entre o rio Amarello e a costa d'África ?

Seja muito embora ; mas é preciso lutar e ser tão pertinaz como os que querem o chim.

Não é caminhar para a frente esse tactear nas trevas de uma civilisação que se extinguiu.

Não é progredir a assimilação que tem por principal factor um povo não progressivo.

Se não podemos ser nação do futuro, não nos suicidemos dando um mergulho no passado.

A Africa civilisou o Brazil, disse Bernardo de Vasconcellos, dando balaço á obra da escravidão.

Para que continue a engrossar a tal corrente civilisadora, utilitaria, e immoral, bradam uns catturas estadistas ruraes, que a Azia engrandecerá o Brazil.

E' preciso impedir o desembarque do aziatico velho, da mesma forma que a do negro novo.

Urge uma lei de 7 de novembro que prohiba solemnemente o contrabando amarello.

Completemos a obra de Feijó.



Emquanto não se torna effectiva a mongolisação do paiz, os velhos elementos da sociedade brasileira dissolvem-se, uns pelo apodrecimento, outros á orça de reagentes apropriados.

E' assim que a Policia, em vespera de dissolver-se, trata de dissolver o capoeira, usando do grande aparelho, que, na tecnologia penal, chama-se—a deportação.

O Capoeira é uma instituição nacional, como a loteria, o regalismo, ou o commandante-superior.

A capoeiragem é uma profissão indigena; representa a milicia civica da alta vadiagem.

Não é capoeira quem quer.

A perfeição da arte já fez de Manduca-da-Praia um nome celebre.

Vieram de Portugal aprender com elle o tremendo pugilato alguns emigrados de esphera social.

Sant'Anna Vasconcellos, que tornou-se depois um

parlamentar em sua patria, foi discipulo do capoeira emérito.

Capoeira e carioca são duas palavras quasi gemas.

Mais do que brazileira, é fluminense pura a arte de fazer da cabeça uma catapulta, e do pé um ariete.

O box, a savate, o cuchillo, o varapão qualificam os capoeiras de ultramar.

Cada terra com o seu uso e com a sua fórma de jogos athleticos.

O que é indigena, quasi tanto como o tacape, é essa formidavel manobra de pés e cabeça, que derrota esquadrões e põe em debandada quanto ousa resistir-lhe.

O capoeira gera o assassino, como gera-o o jogador de sôcco ou de porrete.

A navalha é uma superfetação.

O que constitue a capoeiragem é a rasteira e a cabeçada.

O mais são crimes e recursos parallelos.

Para a navalhada ha penas definidas do codigo.

Para o vagabundo que se diverte dando pinotes e marradas, a penalidade é outra.

composto de fornecedores de hontem e de fornecedores de amanhã.

Se o Estado Oriental é uma nacionalidade americana de pequenos recursos, e se é fraqueza entre ovelhas ser leão, outro entretanto seria o desenlace da questão caso fosse maior a estatura de nossos estadistas, e se elles estivessem possuidos dessa velharia chamada—amor da patria.

O acabamento do caso de Paso Hondo pela burlesca debandada de um batalhão, não merece os epithetos de triumpho diplomatico com que é ataviado pelos arautos da situação.

E como se todas essas satyras em tom de louvor não fossem bastantes para bem accentuar o character buffo da cousa publica, ahi surge o ultimo echo da festa pedagogica com o seu questionario pyramidal, o seu jury nomeado por uma commissão que ninguem norteou, e o incomparavel *aplomb* com que, atrazado em todos aquelles assumptos de pedagogia, o aprendiz arvora-se em mestre dos mestres e realiza o conceito bocagiano sobre o reu com fumos de juiz!

Urge, porém, levar ao fim a espectacular pantomima pedagogica.

Panno abaixo e estrondem palmas de todos os recantos do amphitheatro.

Tilintem os guizos do carnaval perenne, accendam-se os fogos de Bengala da mascarada official ;

Quando o ridiculo assume taes proporções de seriedade, tem-se o direito de crer que habitamos todos aquelle paiz das bagatellas e missangas, que demora nos vastos intermundios de Epicuro.

Somos cidadãos d'essa chimerica e abençoada terra.

Ainda bem.

A banda de musica, a procissão civica ou religiosa, a passeiata e as manifestações externas, sem aquelles *batedores* na frente, vão perder a côr local, tomando as feições de cousas mui diversas.

Um celebre agente policial em França, antes de ser *martello*, foi *bigorna*.

Isto é, foi réo de policia, antes de pertencer ao quadro dos mantenedores da segurança publica.

Pois elle diz em suas memorias, que não ha melhor caçador de gatunos ou de quadrilheiros, do que o ex-gatuno e ex-quadrilheiro.

Acceitemos o douto parecer, e sirva elle de conselho á policia.

Sente ella grande tibieza no pessoal ?

Não confia absolutamente nem na força do braço, nem na ligeireza das pernas do urbano ?

Pois nada mais simples :

Chame o capoeira para o seo gremio ; offereça-lhe vantagens ; arregimente-o.

Uma vez que sua gente não dá para prender malfeitores, experimente, se dissolvendo-a, os malfeitores pôderão prendel-a.

E assim terá lucrado duas couzas :

Organisar a policia, e não sahir da legalidade.

A formula desta heroica medicina é concisa :

— Em vez de deportação, importação de capoeiras...



Um facto inesperado. — A morte do redactor do *Corsario*. — Reticencias — O Sr. Theophilo Braga e as suas pretensões. — Ainda a questão da colonia lusitana. — Parasitismo social — A ferula em estilhaços.

Tivemos tambem o nosso cataclysma, a nossa Krakatoa moral.

O caso foi que uma parte de nossa sociedade, que se julgava bastante solida para continuar a supportar o arbitrio e os abusos, de subito abateu, subvertendo ruidosamente em suas ruinas, a policia, o governo e todos os principios de ordem, de moralidade.

Tal é ao primeiro relance a feição com que se apresenta o facto estupendo do dia 25 do mez pasado, — o assassinato do redactor do *Corsario*.

Facto insensato, sem igual mesmo nos tempos, em que os odios politicos tudo autorisavam.

Entretanto já la vão tantos dias, e a impressão continua com igual intensidade. Custa mesmo a acreditar que esse acontecimento se tivesse dado fora da região dos pesadelos !

Um homem, cujas malversações ou criminalidade pouco importa registrar neste momento, é avisado de que morrerá assassinado nas ruas desta cidade. A ameaça torna-se publica, e milhares de pessoas apostão pelos bonds, pelas calçadas, pelos cafés em como o fato se realizará.

O mesmo ameaçado vem a imprensa e annuncia a sua morte.

Incidentes perfeitamente conhecidos particularizam o regimento de cavallaria, que fornece a guarda pessoal do Imperador, como o ponto rubro de onde se derivam todos os sobresaltos desse desçado.

Coincidencia ou não, o que é certo é que um dia esse homem julga-se perdido, sente-se bloqueado, encontra a cada canto um braço armado contra si, Aterrado, corre para a policia, e pede soccorro, indicando os seus perseguidores entre os grupos hostis, que se vão aglomerando em torno da propria autoridade.

Esta, entretanto, contra o que é possível prever, consente em parlamentar com os grupos ameaçadores, grupos estes que, como ultimo resquicio de respeito aos poderes constituídos, promettem apenas não commeter o attentado ali mesmo. Convencida então de que não se tratava se não do desforço de militares offendidos, pede ao ajudante general providencias, que afinal não foram satisfatorias, ou foram nullas.

N'estas circumstancias a autoridade, por mão de um official, em má hora deputado por aquelle chefe militar para salvaguarda da victima, entrega o criminoso de *lesa magestade* á horda de assaltantes, que n'aquelle instante arrogava-se o direito de punir.

O desventurado cahe então varado pelos punhaes vingadores, perecendo como qualquer cãohydrophobico, summariamente condemnado pela solitudine de meia duzia de guardas municipaes.

O successo fez estremecer o Rio de Janeiro de um extremo a outro.

O assombro foi geral. As autoridades emudeceram transidas pelo medo ou pela consciencia de

sua cumplicidade, e o povo afastou-se aterrorisado como nos dias das grandes calamidades.

E' que todos, mais ou menos instinctivamente, percebiam o perigo social de que esse acto de barbaria se constituia symptoma.



Mal vai uma sociedade quando o executivo, o direito de inflingir pennas, sae das mãos das autoridades constituídas, e passa para as mãos de grupos desconhecidos, de classes ou corporações

A morte do redactor do *Corsario* não foi um desforço pessoal no rigor da phrase. Quando muito foi um desforço colectivo e organizado.

Sim. Isto é o que resalta do inqualificavel procedimento da policia.

Ninguem hoje põe em duvida, principalmente depois do silencio que tem se imposto oficialmente a esta questão, que as autoridades policiaes estiveram frente a frente com uma força extranha, a que se submeteram, com quem combinaram o horrendo attentado.

Será muito difficil lançar-se essa execução a conta da sanha popular propriamente dita.

O lynchamento tem uma feição característica,

muito acentuada, para não se confundir com o mysterioso acontecimento do dia 25, que mais pareceria um prenuncio de nihilismo, se não fosse a natureza da victima.

Assim, chega-se forçosamente a uma conclusão, resultado do inquerito publico que por sua vez substitue-se ao policial,—o que é sufficiente para sobresaltar-nos todos. Ha elementos de força que se levantam contra a segurança individual, que vai em breve achar-se a mercê dos poderosos ou das classes organisadas para a nossa defeza.

E' manifesta a tendencia dos nossos homens publicos, e por via de regra do Imperador, de substituir a espionagem, a policia secreta, as execuções a conta de tumultos, a deportação, a compra e a corrupção, a capangagem, aos meios legaes, á repressão ás claras pelo processo garantidor dos direitos de todos nós.

Quem nos póde hoje garantir que o desforço tomado por influencia dos militares, a que todos alludem, não tenha sido o ultimo termo de alguma progressão politica habilmente manejada por quem tudo póde e tudo quer.

Ou esse regimento é innocente ; ou causas muito poderosas, que não as indicadas pela voz publica,

actuaram no sentido de leval-o ao acto clamoroso que preoccupa indistinctamente toda a população do Rio de Janeiro.

Até hoje parece que tem bastado ao Imperador os meios derivativos para dirigir e encaminhar este paiz para onde bem lhe apraz. Mas tambem é verdade que os instrumentos de que elle até agora se tem servido estão gastos.

O Brasil está um cadaver : não ha meio mais de movel-o. No barathro da putrefacção entretanto se agitação gases, se formam corpos, que pelo menos constituem um prognostico.

Pois bem, é fatal que o mesmo homem que tudo abaixou e tudo degradou, na sua frigida e cruel fraqueza, veja-se no ultimo quartel da vida, perdidas as esperanças, obrigado a lançar mão do systema da delação e do terror.

Não forão os governos fortes que virão os Sejanos e os tribunaes secretos de Veneza.

Apesar, porem, destas considerações, o pavor lançado sobre a cidade foi tamanho que até a propria imprensa diaria nas suas primeiras informações mostrou-se extremamente cautelosa, e, extranhando, profligando o procedimento da policia, não quiz

aventurar a hypothese, que com mais insistencia circulava de boca em boca.

Ora não ha quem presuma que isso podesse succeder se se tratasse de um simples desforço pessoal. E' que a pressão apresentava-se por todos os lados de um modo positivo, assustador.

O facto do assassinato não era, pois, para considerar-se uma coisa natural, como consequencia de uma serie de diffamações, as mais graves já até esquecidas.

O caso deu-se com todas as aggravantes da ostentação. Tomou um character como que de exemplar. E não é de suppor que ninguem, nenhum particular, no Rio de Janeiro, disponha assim de tanta força, de tantos meios de acção para illudir a vigilancia das autoridades e da opinião publica.

Em ultima analyse—ou a policia, o governo de S. M. I. assassinou o redacter do *Corsario*, ou essa policia, esse governo é por sua vez governado por alguma *Santa Vehena*, que secretamente processa, condemna e executa os seus reus, com plena acquiescencia da força publica.

Seja como for, não temos só que profligar a policia, o governo ; temos que desvendar, descobrir

aonde se acoutam essas maçonarias para verificar se os seus chefes são ou não os proprios individuos a quem incumbe o dever imposto pela constituição de guardar as nossas casas, as nossas vidas.



Um parenthesis para uma replica.

O Sr. Theophilo Braga não contestou em termos os embargos, que em boa hora lembrei-me de oppor a pretensão enunciada na *Revista dos Estudos livres* com relação a este já tão explorado Brazil.

Como sempre embrulhado e difuso. Suas ideas irritam, não clarificam.

A resposta veio-me, de torna viagem, por um jornal de S. Paulo, e com o caracter de uma intriga.

Intriga, sim.

E' toleravel que o illustre philosopho julgue-se com direito a extender o campo de suas explorações até o imperio americano, considerando-o paiz barbaro e portanto accessivel ao primeiro occupante. O que, porem, não é admissivel é que, sem informação das pessoas e das circumstancias, ponha-se S.S. lá da *praia occidental* a explicar de-

savenças entre escriptores brasileiros, creando motivos que nunca lhes passaram pela mente.

E' o caso.

Diz o Sr. Theophilo que o collaborador desta revista Dr. Silvio Romero se divorciaria do seu primitivo companheiro por «dissidencia nas opiniões e falta de unanimidade de principios» ; e acrescenta que fôra a sua *Revista dos Estudos Livres* a causa da desavença, inculcando assim que o illustrado professor brasileiro estava muito longe de acceitar as ideas aqui emittidas sobre o papel representado pela colonia portugueza no Brazil

Inexacto!

O Dr. Silvio Romero subscreveria textualmente tudo quanto acerca d'essa questão propuz no 2º numero d'esta revista.

Pasma até que o Sr. Braga desconheça a rude franqueza com que o autor da *Introducção á Historia da Litteratura Brasileira*, em mais de um escripto seu, tem zurzido a a influencia portugueza.

N'este ponto, infelizmente para os redactores da *Revista dos Estudos Livres*, não só o Dr Silvio como todos os rapazes brasileiros estão perfeitamente de accordo commigo.

Já vê, pois, o Sr. Braga, que o *chauvinismo*, a que

allude na sua resposta, está em condições de merecer alguma consideração do estrangeiro e pesar como factor muito importante no seguimento da nossa historia.

A causa real do afastamento daquelle estimavel collaborador foi uma susceptibilidade muito simples, —uma phrase allusiva a um verso de Tobias Barreto, na qual se pretendeu enxergar desejos de ridicularisar um amigo, um correligionario.

Tal tenção não existia. Por deferencia ao mesmo a phrase supprimiu-se.

Não obstante, receiando o Dr. Silvio que uma nova coincidencia podesse vir crear estorvos ao colleguismo e a amizade, preferio excluir-se da redacção do periodico.

Quanto aos redactores da *Revista dos Estudos Livres* apenas manifestou elle a estranheza que lhe causara a fórma do artigo, tratando-se de pessoas com quem entretinha relações pessoaes.

Já vê, portanto, o Sr. Theophilo Braga, que o seu vesio de improvisar factos e sobre elles calcar suas conclusões chega até ao impossivel.



Para quem leu as paginas a que me refiro é trabalho escusado repetir o que ali ficou firmado, e que continuo a julgar a expressão genuina dos factos.

Os factos não são o que nós desejamos que elles sejam. Os factos são os factos.

Pode, portanto, o Sr. Theophilo Braga sonhar as applicações que bem entender de sua philosophia ao Brazil. Pode improvisar dados, comparar povos e civilisações. Este trabalho lhe dará ensejo para escrever mais alguns livros, alem dos muitos que tem enviado para os prelos, e mostrar a abundancia de sua erudição, a fertilidade de sua memoria. Com toda a certeza, porem, esse esforço não lhe dará um ceutil sobre as cousas do Imperio.

Para que o illustre professor fallasse com acerto sobre o movimento que se opera n'este continente sul americano, seria indispensavel que imitasse ao menos o exemplo do celebre historiador grego, que,

antes de emprender a historia de seu paiz e de suas conquistas, primeiro visitou o Egypto, a Persia e todas aquellas regiões de onde se derivára a civilisação helena, ou para onde a sua influencia se estendera.

Mas este é um defeito de que participam muitos, que, embora adoptando o systema experimental, não se julgam comtudo obrigados a esperar pelos resultados de uma aturada observação para então formularem as suas syntheses, apresentarem as suas conscienciosas classificações.

Isto é que é deploravel.

A um provavel discipulo do autor das *Tempes- tades sonoras* ouvi uma phrase, que caracteriza, perfeitamente o methodo de certos philosophos, que por ahi andam a inculcar-se positivista, quando por ultimo não passam de meros reproductores de doutrinas mal digeridas, fanaticos adoradores do atroz subjectivismo, que o genio de um homem pretendeu elevar a altura de um dogma, de uma disciplina social.

Inqueria eu por acaso desse individuo o motivo pelo qual não se occupava elle com a leitura dos jornaes de nossa terra, um dos campos, a meu ver, aonde o espirito de observação devia encontrar

maior somma de elementos para formar uma ideia sobre o estado mental deste paiz.

Que resposta suppõem que me foi dada por esse desnaturado brasileiro?

Resposta muito simples, muito commoda, muito tranquilisadora. Que tudo quanto podia passar-se sob os tropicos estava previsto nos livros de Augusto Comte. A sociedade brasileira, como qualquer outra sociedade de futuro, ali existia figurativamente delineada no feixe de factores conhecidos e nas equações por antecipação formuladas pelo mestre.

Para que, pois, ler jornaes? Para que estudar a paleontologia, a geologia, a psychologia, a sociologia propriamente brasileiras?

Eis em ultima analyse a que se reduzem os processos de individuos que, tendo partido da experiencia, decorrido certo periodo, preocupados de mais pela tendencia generalisadora, acabam por inverterem os papeis, hostilizando, desconhecendo o proprio protoplasma de onde sahiram.

Não é facto novo nos annaes da philosophia; e mais de um exemplo se tem visto de intelligencias, que no principio de sua carreira apresentando-se perfeitamente equilibradas, discernindo as coisas, e collocando-as bem distinctas das impressões varia-

veis por ellas produzidas, de subito desviaram-se da recta e retrocederam ao estado doentio das almas mysticas da idade media.

E' sabido que Stuart Mill, um dos cerebros mais bem constituídos e disciplinados que tem existido, apesar disso chegou a inspirar nos ultimos annos de sua vida receios de um retrocesso similhante.

Ora, o Sr. Theophilo Braga, que todos conhecemos ainda não ha muito tempo mergulhado nos negrumes da classica Alemanha, embora emigrado para a região aonde se philosopha acordado, ao esplendor de uma luz equatorial, sem cambiantes, nem auroras boreaes, não está muito longe de precipitar-se em um dogmatismo de nova especie.

Os instrumentos da philosophia experimental em suas mãos hão de dar resultados negativos, hão de exagerar tudo quanto existe de arbitrario no criterio offerecido pelo grande philosopho francez.

Não vem entretanto ao caso, nem as proporções de uma revista d'esta ordem permittem que se enterreirem questões de alta indagação philosophica.

Opportunamente as theses que enunciei serão desenvolvidas ao sabor de quem as provocou.

Heje só me preocupa o gesto de pedagogo com que o illustre redactor da *Revista de Estudos livres*

e ergue no intuito de manter o programma de sua nova publicação.

Essa insistencia demonstra de mais o pensamento de *recolonisnção psychica*, que não me arrepenho de ter fustigado.

E' a isto que S. S. denomina de «inconsistente *chauvinismo* parodiado de velhas cousas que já tiveram seu tempo »

Ha *chauvinismo* e ha *chauvinismo*.

Foi um *chauvinismo* identico a este que nos deu como consequencia a independencia politica.

Entretanto é bem provavel que S. S., se vivesse naquelle tempo, e dispuzesse dos *apparelhos* de que hoje dispõe, não duvidaria profligar o movimento patriotico, que terminou pelo grito do Ypiranga e pela organisação de uma nova nacionalidade.



São palavras suas :

« A aversão das colonias americanas contra a Inglaterra, motivada por causas historicas, tem sido por vezes parodiada no Brazil sem outro fundamento mais de que uma impressão individual qua desabafa em jornaes como a *Tribuna* ou qualquer outra folha anonyma. O facto positivo é que o Brazil pela sua grandeza precisa do concurso de todas as actividades, e que todo aquelle que perturba por qualquer fórma a convergencia desse esforço civilizador, assoalhando antipathias de raça, quando a mestiçagem acabou com ellas, e odios historicos sem realidade nos factos, pratica um acto esteril, impotente, mas que nem por isso deixa de ser condemnavel. »

Depois disto o Sr. Theophilo Braga continuará a suppôr que não falla de outiva sobre as nossas cousas.

Qual a razão porque é justificavel a aversão das

colonias americanas contra a Inglaterra e não a reacção das colonias portuguezas contra a antiga metropole ?

Disse e repito que «como influencia mental a lição portugueza é perturbadora da nossa evolução natural,» da mesma maneira que como factor na ordem economica.

Sei quanto deve esta asserção pungir o amor proprio de quem considera uma injuria e uma levianidade comparar, se bem que de longe, os portuguezes no Brazil com os judeus no Egypto e os Chins na California.

Com tudo o facto impõe-se de um modo irrecusavel. Só quem não o estudou, não o observou, manter-se-ha na doce illusão de que os laços entre brazileiros e portuguezes emigrados se estreitam cada vez mais.

Quando não houvessem outras razões para uma reacção constante contra a feição com que essa colonia diariamente se caracteriza entre nós, bastaria o phenomeno que o proprio Sr. Theophilo Braga reconhece.

« No Brazil, diz elle, ficam montados osapparelhos que elaboram a riqueza, e para Portugal vem

o chymo já feito com que o nosso organismo economico se sustenta depauperando-se.»

Eis um parasitismo, que nunca esperei fosse tão *francamente* confessado.

E afirme-se agora que « o accordo das actividades dos dois povos estabeleceu-se por si mesmo pela mutualidade dos interesses.»

Não ! mil vezes não !

Ou isso não é verdade, ou a mais perfeita solidiedade mantem-se entre os portuguezes de lá e os de cá: o que não póde deixar de redundar em um phenomeno de consequencias gravissimas.

A colonia luzitana tem-se transformado em um orgão completamente extranho á communiidade brasileira. Encravada n'esse grande corpo chamado Brazil, funciona por sua conta, absorve e elimina, fartando-se do paiz em que se estabeleceu, sem que ás suas relações se mostrem modificadas se não para um crescente parasitismo, que nada deixa a invejar aos tempos coloniaes.

E dizer-se que esse facto não determina um grande desequilibrio no mechanismo brasileiro! que essa segregação enorme não produz um mal estar

que justifique antipathias, não aos individuos, mas á immutualidade das qualidades, dos sentimentos, que esse estado de coisas manterá a despeito de todos os systemas philosophicos!

Entretanto, ainda ha quem pense em reunir a esse pseudo accordo economico, um indecifrável accordo mental, isto é,—quem pense em incrementar o parasitismo social, em impedir o adevendo da nossa completa integração

Mas .. por Jupiter ! Isso que os Srs. da *Revista de Estudos Livres* pretendem, constitue o maior embaraço imaginavel á absorpção do elemento colonial portuguez, que em tudo tem pensado, menos na grande naturalisação.

Todos nós brazileiros hoje tendemos para abrir as portas a uma larga emigração de povos e raças fortes, que sejam capazes de equilibrar as nossas aptidões progressivas.

E' a essa tendencia que devemos o sympathico movimento da colonisação germanica, e a repulsa da invasão chinesa.

Não são só os portuguezes, os hespanhóes e os italianos que se podem adaptar ao clima da America do Sul, como afirma o Sr. Theophilo Braga.

Esta asserção só demonstra o pouco ou nenhum conhecimento que S. S. tem do que se vae passando pelas provincias do Rio Grande do Sul, Paraná e S. Paulo.



O Sr. Theophilo Braga ao que parece vive profundamente preocupado com a unificação latina. Sentimento proprio de povos ameaçados por uma qualquer absorpção.

E' mesmo para lamentar-se que a idéa de um regimen mental absoluto já desponte em sua alma com todos os caracteristicos de uma nevrose.

Com toda a certeza o Brasil dispensa esse regimen; e sem elle conseguirá perfeitamente fazer a adopção de todos os apparelhos indispensaveis ao seu progresso e a sua collocação entre os povos adiantados.

Para conquistarmos a autonomia municipal nem necessitamos de unificar-nos com um povo gasto, que só vive da sua historia, cujas relações, cuja composição ethnica divergem profundamente da nossa, nem estamos dispostos a enfeudar-nos a uma doutrina talhada para illudir, sob o apparente aspecto de uma reduccção scientifica, os inexpertos e amparar todas as aspirações mortas ou arquejantes

dessa parte da humanidade, aonde se elaborou a monstruosidade da supremacia dos papas e a unificação da raça humana por meio da palavra sagrada, fóra das leis de selecção e integração sociaes.

O Sr. Thephilo Braga infelizmente, por mais que apparente afastar-se da orthodoxia Comteana, em ultima analyse não faz se não dar documentos de que pertence a perniciosa raça desses philosophos, que pretendem submeter a lei da evolução a sua vontade e aos seus caprichos, em vez de se submeterem elles ás resultantes dos factos.

Acho portanto sem color a coartada de S. S. quando afirma (como novidade) que «a philosophia positiva é a unica doutrina que considera os factos da vida geral das sociedades sob o ponto de vista objectivo da invariabilidade das leis naturaes, que em vez de utopias subjectivas funda es suas observações nos antecedentes historicos.»

E' extraordinario que no Brazil ninguem seubesse d'isto, e fosse necessario fundar-se uma revista em Portugal para obrigar-nos a ler Augusto Comte, áfim de que não repetissemos com Anthero de Quental que «tal doutrina não passa de uma banalidade franceza, » ou com Adolpho Coelho «um pedandismo pan-sophico.»

Em todo caso uma coisa me causa grande admiração : que o Sr. Theophilo Braga relacionasse os nomes de Spencer, Buckle, Stuart Mill, Huxley e outros ao lado de Lafitte e Robinet, como cúmplices da preocupação philosophica do autor da *Politica Positiva*.

Nós, cá no Brazil, tambem temos livrarias e recebemos livros de todos os paizes.

Foi, portanto, falta de generosidade, ou charlatanismo, confundir assim alhos com bugalhos, como quem se dirigia a alguma tribu de tupinambás ou botocudos.

Não me faltará occasião de mostrar aonde está a incoherencia, e se essa necessidade tão apregoada de regimen mental é ou não repellida pelos melhores mestres da sciencia moderna como um *symptoma* mais curioso ainda do que esse a que os orthodoxos, repetindo as palavras do mestre, deram o nome de *molestia occidental*.

Fique, entretanto, o Sr. Theophilo Braga certo de uma coisa :—de que não basta erudicção, leitura para philosophar na ordem dos que advogam o desenvolvimento das sciencias positivas. E' preciso que

a par d'isto venha tambem o *sentimento do real*,
que de todas é a melhor orientação.

O contrario d'isto é cahir n'uma logomach'ia in-
digesta.

O tempo dos grammaticos já se foi.



Escamoteadores. — O Sr. Braga Junior e os seus botões.— As receitas do Recreio Dramatico.— Joaquim Heleodoro e João Caetano. — Por causa de uma laranja. — O attentado do dia 25. — Heresias. — Um homem que sabe escrever. — Alberto de Oliveira e os beija-flores.

Já não se falla nos escamoteadores, que foram o assumpto obrigado dos primeiros dias do mez findo. Desappareceram da ordem do dia Hermann, Patri-zio, Mottini, Costa Braga, Bosco, e Jap-of-Japs.

O primeiro, que principiou pelo *high-life* e acabou na praça de touros, desmoralisou-se completamente pela exiguidade do repertorio, e pela classificação de *touro*, com que o malicioso *Jornal do Commercio*, depois de o ter levado aos cornos da lua, houve afinal por bem condecoral-o.

O segundo, que era um conde que se fizera esca-

moteador, ao contrario do que succede em muita parte onde os escomoteadores é que se fazem condes, partio com o quarto para S. Paulo, onde já encontrou o quinto fazendo embasbacar o publico paulistano com a sorte da degolação, que não tem pés... nem cabeça.

O terceiro, ajudado pelo compadre Antão, não se mostrou bom illusionista na sorte do *habeas-corpus* ; comtudo, lá se ficou com trezentos contos, apesar de não ter comprado bilhete para a grande loteria do fundo de emancipação.

O ultimo, Jap-of-Japs, comquanto seja, como bem disse a *Revista Illustrada*, o melhor equilibrista dos tempos passados, presentes e futuros, não conseguiu equilibrar a receita com a despesa do Polythoama, e seguiu tambem para S. Paulo, que decididamente é o desembargo do paço da boa ou má fortuna dos pelotiqueiros que nos honram com a sua visita.

. . .

Em compensação, chega-nos da formosa terra dos Andrades a companhia dramatica dirigida pelo Sr. Braga Junior, e da qual fazem parte artistas de reconhecido merito como Leolinda, Helena Cavalier, Martins, Eugenio e Dias Braga.

O director da companhia, estimulado pelo artigo publicado na gazetilha do *Jornal do Commercio* a respeito do theatrinho do João M-nhoca, e pela descalçadeira que o Sr. L. C. passou, pelo *Diario do Brazil*, nos emperezarios que estragam os actores e espantam o publico, metteu na mala a sua roupa branca e as mais louvaveis intenções de regenerar a arte dramatica nacional, e deu fundo no Recreio Dramatico.

A companhia estreou com o *Filho natural*, de Dumas Pae.

A peça foi bem desempenhada. O espetaculo rendeu 170\$000 réis.

— Bom, já sei, disse aos seus botões o Sr. Braga

Junior ; Dumas Filho é philosopho de mais para o nosso publico ; demos-lhe coisa mais leve ; demos-lhe Sardou, o aristophanesco Sardou, e contemos com uma enchente.

No dia seguinte representou-se *A familia Benoiton*.

A peça foi bem desempenhada. O espectaculo rendeu 120\$000 réis.

— Enganei-me, disse outra vez aos seus botões o Sr. Braga Junior ; Sardou é fino de mais para o nosso publico... Demos-lhe sal mais grosso, sem comtudo cahirmos na palhaçada da operetta. Procuremos no repertorio uma comedia que seja um mediador plastico entre o *Divorçons* e a *Niniche*. Qual ha de ser ? Ah ! já sei...

No dia seguinte representou-se *O estratagemma de Arthur*.

A peça foi bem desempenhada. O espectaculo rendeu 90\$000 réis.

Desta vez os botões do Sr. Braga Junior não se puderam conter, e tomaram a palavra. Por espirito de classe deviam aconselhar — o director a que puzesse em scena *Os trinta botões*. Mas abstiveram-se modestamente de semelhante insinuação, e aponta-

ram a magica *O amor e o diabo* como seguro reme-
dio contra a indifferença do publico.

No dia seguinte *O amor e o diabo* renderam
400\$000 réis.

— Vês ? gritaram os botões do Sr. Braga Junior :
vês ? O publico pronunciou-se, afinal ; mas ainda
não é isto o que elle deseja.

E chegando-se ao ouvido do Sr. Braga :

— Operettas ! operettas !

E o bem intencionado empresario, aceitando so
conselhos dos seus mephistofelicos botões, abriu a
malla, mandou as camizas á lavadeira, ao diabo
os projectos de regenerar a arte dramatica nacional,
e vae, de mãos dadas á Sra Esther de Carvalho,
que julgo restabelecida de seus graves incommodos
de saude, explorar a operetta, em que peze a todas
as considerações em contrario.



O citado escriptor, que no *Diario do Brazil* modestamente se occulta sob as iniciaes L. C., brando que não existe o theatro brasileiro, diz que entre nós apenas dous individuos lograram reunir algumas pedras para o seu alicerce.

Esses individuos não são nem Penna, nem Macedo nem Alencar, nem Agrario de Menezes ; mas João Caetano e Joaquim Heleodoro. Ambos, porém, accrescenta L. C., desappareceram sem deixar successores.

Ora façamos justiça.

De Joaquim Heleodoro não fallamos ; Joaquim Heleodoro nunca poz em scena, que nos conste, uma peça nacional. *O primo da California*, que Macedo teve o pouco espirito de apresentar como trabalho original, não passa de uma traducção.

João Caetano era, ao que me dizem, um actor digno de figurar ao lado dos Lemaitres, dos Salvinis ou dos Bressants. Sem a menor educação artistica

ou litteraria, vivendo n'um meio exclusivamente commercial e politico, ninguem possuiu ainda mais poderosa intuição dramatica; ninguem, como João Caetano, reunio em si mais aptidões, ou mostrou mais pronunciada tendencia para a difficilima profissão que abraçára.

O Sr. Dr. Jacy Monteiro diz, no prologo das obras de Alvares de Azevedo, que «o Brazil é fertil em genios». Eu, que até hoje tenho tido a esse respeito opinião diametralmente opposta á do Sr. Dr. Jacy Monteiro, estou prompto a concordar que João Caetano era um genio, si é que alguém póde ser genio n'uma arte sem espontaneidade nem iniciativa, e cujo mérito consiste em reproduzir o que outros produziram ou crear o que outros conceberam.

Mas que João Caetano tenha concorrido para a formação do theatro brasileiro, isso nego. Ninguem mais do que elle estrangeirou o theatro de S. Francisco e o de S. Pedro de Alcantara.

Magalhães, que só produziu para o theatro uma tragedia bastante defeituosa, era mais um protector que um protegido.

Quando procurou João Caetano uma vocação dramatica entre os moços daquelle tempo? As proprias traducções encommendava-as elle a individuos que

nem sequer estavam habilitados para trabalho tão facil.

Nunca se dignou tomar parte na representação de uma comedia de Penna. Nunca encommendou a este escriptor, que é a maior individualidade do theatro brasileiro, um trabalho de folego, um quadro mais desenvolvido dos nossos costumes, um *Quem casa quer casa* em 5 actos ! E poderia fazel-o !

João Caetano nunca pensou na possibilidade de se organizar um theatro nacional, e oxalá houvesse pensado nisso. Ninguem lhe tirasse o *Bou-chardy*, o *Bourgeois*, e o velho Dumas, quando era pantafaçado como na *Torre de Nesle*.

Essa é a verdade.



O Vasques, n'uma das scenas comicas por elle representadas na *Gazeta da Tarde*, conta-nos a historia de uma laranja, que foi o pomo da discórdia na bilheteria do Sant'Anna.

O barytono Polero, depois do brilhante ensaio geral da *Dona Juanita*, foi para casa, chupou uma laranja, enrouqueceu, deu causa a que no dia seguinte corresse mal o desempenho da peça, e as respectivas representações fossem infelizmente suspensas.

Mas a boa fortuna, que nunca desamparou o Sr. Heller, não deixará sem duvida naufragar no summo de uma laranja quem tem no quintal a arvore dos pomos de ouro.

A *Juanita* reapareceu agora, e é como si nada houvesse.



No meu entender, o que arrefeceu a representação foi menos o estado de saúde do Sr. Polero do que o estado em que se achava o publico, por causa do assassinato de Apulcho Castro, realizado poucas horas antes de subir o panno.



Eu seria o ente mais abjecto e despresivel, si batesse palmas a esse acto de canibalismo, que tanto escandalisou a sociedade brasileira. Si eu tivesse ás ordens da minha intelligencia o vocabulario impetuoso e truculento dos grandes publicistas, estigmatizava-o com todas as sonoras energias da minha penna, com todos os poderosos recursos do meu espirito. Si algum dia a policia, si policia existe entre nós, descobrir os auctores dessa covarde aggressão, que fez

com que João Fernandes morresse como Cesar, serei o primeiro a apontal-os á execração publica.

Dito isto, declaro-me suspeito para tratar de Apulcho Castro.

Tendo eu, ha mezes, que enumerar, n'uma publicação que fiz pela *Folha Nova*, as qualidades que me recommendavam á estima de meus concidadãos, declarei que já havia sido insultado pelo *Corsario*.

Essa declaração, que revelava uma enorme falta de modestia, provocou do tremebundo pasquim as mais violentas accusações ao meu character.

Piedoso amigo mostrou-me o artigo: dizia-se alli, si bem me lembro, que a minha sardanapalesca pessoa passava em companhia das comicas as horas que devia consagrar ao serviço publico. Entre outras infamias, ameaçavam-me com a narração succinta do que eu havia sido na minha provincia, d'onde vim para esta côrte aos 18 annos de idade.

Ultimamente refinaram os insultos.

N'um dos ultimos numeros do *Corsario* fui alvo de um desses ataques a que só se respnde com um

tiro. Tendo razões para acreditar que taes invectivas partissem de um sujeito que ahi anda, e é geralmente apontado como redactor do famoso periodico, procurei-o com muito empenho. Não me foi possível encontral-o. Como eu estava bastante exaltado, é provavel que, si o encontrasse, estivesse o pobre-sinho a estas horas philosophando no outro mundo com o famigerado Apulcho sobre os inconvenientes da imprensa desbragada.

Felizmente para elle e para mim, pois não me sorriem os ares de Catumby, o individuo em questão homisiou-se, e do seu homisio me dirigio uma carta, que conservo, na qual protestava, em termos humildes, contra a supposição de que fosse elle o auctor de taes insultos, e assignava-se com muita consideração meu criado obrigado.

A' vista desta carta, guardei o meu rewolver, e o meu criado obrigado pode passeiar á vontade os seus miollos (si é que os tem) pela rua do Ouvidor, sem receio de que eu os fizesse saltar.



Por esse tempo o defunto Apulcho declarou a certo cavalheiro, que tinha a singular condescendencia de conversal-o, que o artigo fôra escripto por elle proprio. Mentia. De fonte limpa sei que Apulcho era incapaz de escrever qualquer coisa.

Demais, sem que deixasse de me irritar essa declaração estúpida e inconsciente de um pobre diabo a quem nunca offendi, já me não fervia cá dentro a indignação que me assaltára á leitura do desprezível papelucho.

Esquecendo o insulto, sacrifiquei tambem a minha susceptibilidade ao socego de minha familia, e principalmente de minha querida mãe, pobre velhinha entrevada ha oito annos.

Accrescia que Apulcho tinha filhas; horrorisava-me a idéa de passar um dia ao lado de duas mulheres que se acotovelassem, dizendo: — Foi este velho quem matou nosso pae.



A isenção de animo é a principal virtude do jornalista; eu não a possúo. Não sei collocar-me fóra dos meus sentimentos. Quando escrevo, espremo no meu tinteiro o summo das minhas paixões; misturo com a tinta a essencia das minhas sympathias e dos meus rancores.

Não sou vingativo, mas não tenho esse caridoso instincto que considera a morte uma attenuante aos desregramentos da vida. Só perdôo ao Antiocho, de Corneille, dizendo a Cleopatra moribunda:

Ah ! vivez pour changer cette haine en amour, por que Antiocho era filho de Cleopatra.

Si digo heresias, resta-me a consolação de que tenho muitos companheiros.

Por occasião do attentado de 25 de Outubro, em ninguem sorprehendi a commiseração sincera e piedosa que, mesmo em condições normaes, é produzida sempre pela morte de qualquer individuo.

Pedia-se até dizer de Apulcho Castro o que Sganarello dizia de D. João: *Voila par sa mort un chacun satisfait.*



Decididamente a profissão mais difficil é a do escriptor: convençam-se. Si o *Corsario* fosse bem redigido, as coisas não chegariam talvez ao ponto a que chegaram.

A injuria dóe mais fundo quando é mal escripta; a mim sempre me acabrunham, mais do que qualquer outros, certos escriptos que, pretendendo molestar-me, offendem egualmente á grammatica, essa arte profundamente honesta e bem comportada, que não tem culpa alguma dos meus erros.

Por isso, faz-me pena ver que n'um paiz onde os escriptores são contados mais por sentinas que por centenas, haja litteratos de merito, arredados pela politica de sua verdadeira vocação.

Um exemplo, entre outros, é o Sr. Gavião Peixoto.



Não sei si S. Ex. é um bom politico; com certeza é um bom escriptor, a julgar pelos artigos

que tem ultimamente publicado no *Jornal do Commercio*.

Não me importa saber si a provincia do Rio de Janeiro foi bem administrada pelo Sr Gavião Peixoto; si S. Ex. andou bem, negando a sua responsabilidade ao que havia escripto contra o deputado... não me lembra o nome; si tem razão quando se queixa de que o governo só tarde e a más horas manifestasse falta de confiança em seus serviços politicos.

Mas quer-me parecer que o Sr. Gavião Peixoto, no livro ou no jornal, prestaria ao seu paiz serviços muito mais assignalados do que n'uma cadeira do parlamento ou no gabinete de uma presidencia de provincia.

Quem possue uma penna como a de S. Ex., não a deve empregar na tarefa ingloria de assignar officios e portarias

Intelligencia tão lucida, tão atilado espirito não deve estar ao serviço da chicana eleitoral e da organização de batalhões da guarda nacional.

Para exercer o cargo de presidente de provincia não faltam por ahi bachareis sensatos, que saibam ler, escrever e as quatro operações. Esses emprega-

rão discretamente nos seus escriptos os *clichés* convencionaes do estylo burocratico, e darão desempenho satisfatorio ao papel ensaiado na secretaria do Imperio.



Um dia, o Imperador, que é um homem de espirito, perguntou a um cavalheiro, aliás muito distincto, que havia sido na vespera nomeado presidente do Rio Grande do Sul :

— O Sr. sabe montar a cavallo ?

— Perfeitamente, imperial senhor ; mas a que vem essa pergunta ?

— Porque no Rio Grande, respondeu S. M., um presidente que não saiba montar a cavallo não é tomado a serio.



Talvez não seja bom cavalleiro o Sr. Gavião Peixoto ; fuja das ante-sallas ministeriaes ; não se exponha a um exame de equitação.

Si S. Ex. está apaixonado pela politica, case os seus talentos de escriptor com essa paixão peculiar aos brasileiros. Encerre-se no seu gabinete, e faça-nos presente de um livro que aprecie as nossas instituições e os nossos homens. Ninguem com mais galhardia se desobrigará de similhante tarefa.

A prova de que o ex-presidente do Rio de Janeiro é mais homem de letras que estadista, está na impetuosidade com que deixou o seu *bureau-ministre*, e veio para a imprensa defender-se dos colmilhos podres dessa cadela — a politica.

Essa impetuosidade fez pasmar a toda a gente, que já se habituou a vêr nos nossos funcionarios publicos de certa ordem uns individuos ao mesmo tempo enfatuados e passivos.

O proprio governo pasmou, e tanto, que o seu pasmo durou perto de dous mezes.

Um presidente que se defende! Oh!...

Mas porque não se defendem os outros? Porque o não querem? Nada! Porque o não podem.

Entre nós poucos homens sabem escrever. O Sr. Gavião Peixoto é um delles.



São muito conhecidos os dois poetas irmãos, Mariano e Alberto de Oliveira.

O primeiro, depois que entrou para o Centro Positivista, nunca mais fez versos. Si os fez, não os publica, o que vem a dar no mesmo.

Entra-se para o Centro Positivista como se entra para um convento. Mario—era esse o pseudonymo adoptado pelo poeta—confundio as suas rimas com o famoso pó das sandalias, de que falla a chapa. Seguiu o exemplo de Teixeira de Souza, Generino dos Santos e Cunha Vasco, tres poetas positivistas, que, como Abrahão á pobre Agar, fizeram ás suas Musas e aos versos o mesmo que o celeberrimo propheta da rua Formosa fez, com applause do referido Centro, á esposa e aos filhos.

Felizmente para as letras nacionaes, o autor das *Canções romanticas* é poeta por si, pelo irmão, e até pelo Centro Positivista em peso.

A's leitoras, que sem duvida sabem de cór

muitas poesias de Alberto de Oliveira, offereço a seguinte, é inédita, e prima pelo conceito e pela fôrma. O mavioso poeta intitulou-a:

OS BEIJA-FLORES

Os beija-flores em festa,
Com o sol, com a luz, com os rumores,
Sahem da verde floresta
Como um punhado de flores ;

E, abrindo as azas formosas,
As azas aurifulgentes,
Feitas de opalas ardentes
Com coloridos de rosas ;

Os beija flores, em bando,
Bohemios enfeitiçados,
Vão, como beijos, voando
Por sobre os virentes prados ;

Sobem às verdes collinas,
Descem aos valles formosos,
E espraiam-se após, ruidosos,
Pelas doiradas campinas ;

Depois, susurrando á flux
Dos cactos ensanguentados,
Bailam nos prismas de luz,
De solto pollen doirados.

Ah! como a orchidea estremece,
Ao ver que um delles, mais vivo,
Até o seu germen lascivo
Mergulha, interna-se, desce !

E não haver uma rosa
De tantas, uma açucena,
Uma violeta piedosa
Que quando a morte, sem pena

Um destes seres flumina,
Abra-se em fervido enleio,
Como a a'ma de uma menina,
Para guarda-lo no seio !

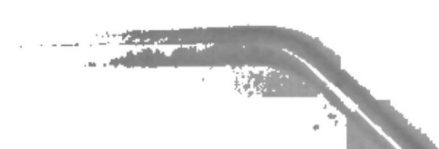


100.

h s y a

o t

—



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).